

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

WLADIMIR TEIXEIRA SCHUSTER

A FORMAÇÃO DOS FAXINAIS NA REGIÃO CENTRO SUL DO PARANÁ

**PONTA GROSSA
2010**

WLADIMIR TEIXEIRA SCHUSTER

A FORMAÇÃO DOS FAXINAIS NA REGIÃO CENTRO SUL DO PARANÁ

Dissertação de mestrado apresentada para a obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha

**PONTA GROSSA
2010**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG

S395f Schuster, Wladimir Teixeira
A formação dos faxinais na região Centro Sul do Paraná. /
Wladimir Teixeira Schuster. Ponta Grossa, 2010.
96f.
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Gestão do
Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha
1. Faxinais. 2. Economia regional. 3. Formação sócio regional.
I. Cunha, Luiz Alexandre Gonçalves. II. T.

CDD: 330.981

Aos meus pais: Olavo (*in memoriam*) e Maria, que além de incentivar nas minhas escolhas, me ensinaram que o que aprendemos não tranca lugar.

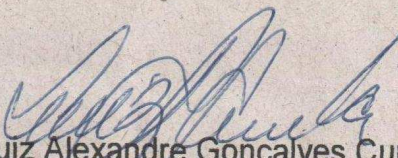
TERMO DE APROVAÇÃO

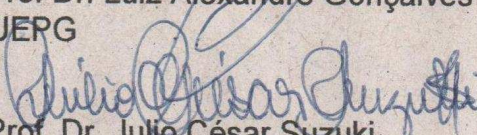
WLADIMIR TEIXEIRA SCHUSTER

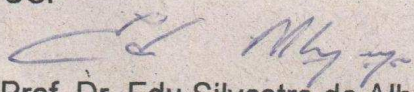
A FORMAÇÃO DOS FAXINAIS NA REGIÃO CENTRO SUL DO PARANÁ

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador


Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha
UEPG


Prof. Dr. Julio César Suzuki
USP


Prof. Dr. Edu Silvestre de Albuquerque
UEPG

Ponta Grossa, 29 de março de 2010

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha, pelas conversas e orientações no decorrer desta etapa.

A Fundação Araucária, pelo apoio financeiro.

A Rede Faxinal de Pesquisa, pela possibilidade de aprender mais sobre estas comunidades além dos construtivos debates e trabalhos realizados.

Aos faxinalenses, que me acolheram em suas casas e propiciaram o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Nicolas, pelas singulares contribuições no decorrer deste trabalho.

Ao professor Edu, pelas significativas contribuições.

A todos os integrantes da Rede Faxinal de Pesquisa, pelos vários trabalhos realizados, pelas conversas e brincadeiras.

Aos colegas de turma, pela convivência e amizade construídas neste período.

A professora Cicilian, a professora Silvia e a Gabi, pelo apoio e amizade.

Aos colegas da sala 115, pelas conversas e discussões.

Ao Marcelo, pelo companheirismo e amizade.

Ao Thiago Felipe, colega de graduação e mestrado.

A minha esposa Marcia, pelo incentivo e companheirismo.

Ao Almir, Andrea e Valério, família que me acolheu no decorrer das saídas de campo.

Ao Luis Almeida, pela disponibilidade e ajuda.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Na região Centro-Sul do estado do Paraná encontra-se um sistema agrosilvopastoril tradicional, chamado de Sistema Faxinal. Este modo de uso da terra, de forma genérica, pode ser dividido em dois espaços separados por cercas ou valos; terras de criar e as terras de plantar. Cada uma das comunidades, embora apresente essa estrutura de dois espaços, possui características internas distintas. O presente trabalho tem por objetivo compreender a inserção econômica dos faxinais no período que antecedeu a sua crise e/ou desagregação, isto é, entre os anos de 1920 e 1970. Isto porque, é possível a percepção de que estas comunidades já passaram por fases onde a sua economia era capaz de propiciar a estes atores sociais um modo de reprodução social que lhes propiciava melhores condições de vida. Durante aquele período, as comunidades faxinalenses possuíam uma economia regional, ou seja, 'territorializada'. Era comum os faxinalenses, com os lucros oriundos das vendas de seus produtos adquirirem novas áreas de terras, elemento essencial para sua sobrevivência. Entretanto, diante das transformações que ocorreram, onde aquela economia local acabou se 'desterritorializando', ou seja, aquele mercado regional para os produtos faxinalenses deixou de existir, fato este que refletiu nas crises e desagregações de muitas comunidades faxinalenses. Entretanto, para melhor compreender esta questão foi elaborado um texto relacionado ao conceito de região, neste objetivou-se a compreensão da região dos faxinais como sendo consequência de uma 'evolução' impar, onde fatores sociais, econômicos, culturais e políticos a moldaram e a distinguiram das demais regiões paranaenses. Para a compreensão desta formação sócio territorial foi imprescindível a construção de um texto que mostrasse os vários fatores que influenciaram na formação desta região, neste foram analisados desde os primeiros colonizadores, os vários ciclos econômicos e suas contribuições para a formação política, cultural, econômica e social desta região. Além disso, buscou-se trazer a influência da Revolução Federalista e da Revolta do Contestado. Outro fator que contribuiu na compreensão da inserção econômica das comunidades foi o uso de entrevistas com pessoas idosas (memória de velhos). Foi a partir dos relatos destes e do cruzamento destas informações com os dados dos Censos Agropecuários do IBGE, que foi possível a compreensão mais precisa da inserção econômica destas comunidades naquele período.

Palavras chave: Faxinais. Economia regional. Formação sócio regional.

ABSTRACT

On the Parana's Center-south region exists a traditional agrosilvopastoral system called Faxinal System. This form of land use, on a general way, can be divided into two separated spaces: razing land and plantation land. Each one of the communities, even though they present this structure divided into two spaces, their internal characteristics are distinct. The present work aim to comprehend the economic insertion of the faxinais on a period that happened before their crisis and/or desegregation, this means, between the years 1920 and 1970. In fact, it is possible to notice that these communities came through periods when their economies were capable to provide to these social actors a better social reproduction way. leading to a better way of life. During that period, the faxinalenses communities had a regional economy, in other ways, 'territorialized'. It was common that the faxinalense's profits coming from the selling of their products provided new land acquisition in which is an essential element for their survival. Besides, among the transformations that happened, when that local economy was 'desterritorialized' or that regional market for the faxinalenses products came to an end, the crisis and desegregation became common on several faxinalenses communities. To a better comprehension of this question, it was elaborated an essay related to region concept, in which the main target was the faxinais region on its uncommon evolution's consequences, when the social, economic, cultural and political factors shaped and distinguished them from the other regions in the State of Parana. For the comprehension of this social and territorial formation it became important the making of an essay that showed the several factors that influenced on the formation of this region, in which it was analyzed since the first colonization period, the several economic cycles and its contribution for the political, cultural, economic and social factors of this region. Besides, we tried to show the influence of the Federalist Revolution and the Contestado revolt. Another factor the contributed on the comprehension of the economic insertion of the communities was the use interviews among the old people (old people's memories). From those people's saying tied together to the IBGE Agricultural Census, it was possible a more precise comprehension of the economic insertion of these communities on that period.

Key-Words: Faxinais. Regional economy. Social regional formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1 – Mapa das grandes regiões do Paraná	32
Tabela 1 – Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul.....	64
Tabela 2 – Preços médios dos principais gêneros de consumo em Rio Azul – 1948.....	64
Tabela 3 – Valor das terras – 1948.....	65
Tabela 4 – Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul.....	67
Tabela 5 – Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul.....	69
Tabela 6 – Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul.....	69
Tabela 7 – Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul.....	70
Figura 2 – Mapa mental do criadouro.....	71
Figura 3 – Mapa de localização dos faxinais no Estado do Paraná.....	74

SUMÁRIO

TERMO DE APROVAÇÃO.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS.....	v
SUMÁRIO.....	vi
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 CAPÍTULO I.....	7
2.1 A REGIÃO DOS FAXINAIS PARANAENSES.....	7
2.1.1 Região: velho conceito novos usos.....	7
2.1.2 Debates e controvérsias sobre a formação dos faxinais.....	15
3 CAPÍTULO II.....	31
3.1 A FORMAÇÃO SÓCIO TERRITORIAL DA REGIÃO DOS FAXINAIS.....	31
3.1.1 Do ouro às tropas: a influência na formação dos faxinais.....	34
3.1.2 Da erva-mate aos novos imigrantes: consolidação dos faxinais.....	43
3.1.3 Da madeira à modernização da agricultura: a crise dos faxinais.....	54
4 CAPÍTULO III.....	59
4.1 A CONFIGURAÇÃO DA INSERÇÃO ECONÔMICA DOS FAXINAIS.....	59
4.1.1 Apreensão da realidade.....	60
4.1.2 Características da economia faxinalense entre os anos de 1920 e 1975.....	63
4.1.3 Faxinais na atualidade.....	74
4.1.4 Perspectivas para os faxinais.....	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
6 REFERÊNCIAS.....	91

1 INTRODUÇÃO

Apesar de fazer parte significativa da realidade paranaense, desde o final do século XIX, seja ela no âmbito cultural, histórico e/ou econômico. Os faxinais do Paraná, de um modo geral, só passaram a ser estudados pela comunidade científica a partir das últimas décadas do século XX, como foi o caso do trabalho pioneiro de Chang (1988).

Com o passar dos anos a comunidade científica começou a ter um maior contato com este modo de vida, seja através de outras publicações, seja por meio de Grupos de Pesquisa e ações de ONGs. Desta forma, os faxinais estão pouco a pouco se tornando visíveis nas mais diversas escalas. Atualmente, já existe uma pequena produção relacionada a este tema, o que mostra que este modo de vida camponês vem ganhando maior visibilidade e valorização tanto cientificamente como socialmente.

Com relação aos estudos sobre esta temática, ora estão relacionados a comunidades faxinalenses específicas ora a análises gerais. Estes escritos estão divididos em livros, teses, dissertações, artigos e monografias. Dentre estes estão: o de Carvalho (1984) sobre o Faxinal do Couro em Irati, o de Chang (1988) relacionado aos faxinais de um modo geral, o de Nerone (2000) sobre o Faxinal Marmeleiro de Baixo no município de Rebouças, o de Souza (2001) sobre o Faxinal Saudade Santa Anita no Município de Turvo, o de Löwen Sahr e Iegelski (2003) sobre o Faxinal Sete Saltos de Baixo no Município de Ponta Grossa, o de Lemes (2005) sobre o Faxinal dos Lemes no Município de Ipiranga, os de Barbosa (2007) e Gomes (2008) sobre o Faxinal Taquari dos Ribeiros, o de Schuster (2007) sobre o Faxinal Saudade Santa Anita e o de Tavares 2008 relacionado aos faxinais de um modo geral.

Segundo as pesquisas realizadas sobre os faxinais, pode-se afirmar que os mesmos estão presentes no Estado do Paraná a mais de dois séculos. Embora sua consolidação tenha ocorrido entre o final do século XIX e início do século XX. Entretanto, mesmo assim, existe a necessidade de pesquisas que possam torná-los mais conhecidos.

Outra questão pertinente a esta temática está relacionada a escassez de produções bibliográficas sobre os faxinais. Este fato abre margem de um lado, para a riqueza dos poucos trabalhos até agora elaborados e, de outro, para as várias possibilidades de trabalhos futuros que englobem os temas que este sistema agrega.

A pesquisa mais recente relacionada a quantidade de faxinais no Estado do Paraná, realizada no ano de 2008 pela Articulação Puxirão, trás as seguintes informações: existem 227 faxinais, que estão divididos em três tipos: ativos (50), parcialmente ativos (29) e paralisados (147). A partir desta pesquisa se nota que pouco mais de 20% dos faxinais estão ativos. Nestes, o criadouro comunitário

está totalmente ativo e/ou que até 30% das terras de uso comum foram obstruídas por cercas para uso individual em qualquer atividade agrícola pelos camponeses faxinalenses ou qualquer finalidade por pessoas estranhas ao modo de vida dos camponeses faxinalenses (TAVARES, 2008, p.575).

Com relação a desagregação dos faxinais, Souza (2001) coloca que ela começou com a chegada das madeireiras nas áreas de faxinais, isso por volta do final da década de 1940 e início da década de 1950 e se estende até a atualidade. Todavia, este autor coloca que os faxinais resistem devido à racionalidade camponesa, que consegue resistir as transformações sejam endógenas ou exógenas.

Outro fator que tem considerável influência na desagregação dos faxinais é a chegada da agricultura em larga escala. Este modo de produção, de um modo geral, acabou sendo contrária a lógica de produção faxinalense. Exemplos deste embate podem ser vistos nos textos de Souza (2001), onde o autor fala da influência negativa a continuidade dos faxinais causada pela chegada dos produtores de *commodities* na região do Faxinal Saudade Santa Anita. Aliado a este fato (agricultura em larga escala) está a ativação da lei dos quatro fios, que embora tenha sido criada em 1916 (código civil) só foi "ativada" na década de 1970.

Tavares (2008) quando fala sobre os faxinais na contemporaneidade não trabalha com o termo desagregação dos faxinais. Este autor usa o termo crise dos faxinais, indicando que este modo de organização está passando por uma fase de crise, que em muitos casos pode levar a desagregação de muitas comunidades.

Nota-se então que atualmente os faxinais estão passando por muitas dificuldades para se manterem ativos. Estes obstáculos que estas comunidades

estão enfrentando são consequências diretas do embate entre as suas particularidades e as do modo capitalista de produção. São estas características (uso comum das terras, do sistema de compadrio, agricultura de subsistência) que levam muitos autores a afirmar que os faxinais estão em desagregação, ou seja, caminham a passos largos para seu fim (CHANG, 1988; SILVA, 2005; SOUZA, 2001).

A ideia de trabalhar com os faxinais surgiu na graduação. Entretanto, esta vontade também recebeu influência do fato do pesquisador ser oriundo de um faxinal já desagregado, no caso, da localidade de Faxinal do Corrêas, no município da Lapa - PR. Naquela fase (graduação) compreendi que os faxinais são um modo particular de vida, característico da região Centro-Sul do estado do Paraná.

Naquele momento surgiram várias ideias sobre o trabalho com os faxinais. Mas uma que permaneceu, e que busco compreende-la, está relacionada a entender como era a dinâmica ou inserção econômica dos faxinais no período anterior a época de sua desagregação, que, segundo Souza (2001), ocorreu após os anos de 1950.

Com isso, nota-se que para a realização desta pesquisa, o trabalho não iniciou apenas na fase do mestrado, ele é um pouco mais antigo. No ano de 2005, com o intuito de produzir uma base científica de apoio às comunidades de faxinais foi criada a “Rede Faxinal Pesquisa”. Esta rede possui um caráter multidisciplinar, agregando os mais diversos pesquisadores de diferentes instituições. Dentro desta rede, as mais diferentes temáticas, bem como, metodologias e técnicas adequadas aos faxinais estão sendo debatidas e aplicadas.

Durante a fase de graduação o objeto de estudo foi o Faxinal Saudade Santa Anita, localizado no município de Turvo - PR. O primeiro contato desta Rede de Pesquisa com aquele faxinal - Saudade Santa Anita - foi no ano de 2005. Naquela ocasião, com a ajuda de moradores do local e com o uso de um receptor de um GPS (Global Positioning System), foram mapeadas as localizações das residências, das vias e dos diversos tipos de uso que existem no criadouro comunitário.

A segunda visita foi no ano de 2006, no final do mês de maio e início do mês de abril. Naquela ocasião foram feitas várias entrevistas, buscando informações relacionadas ao surgimento do sistema, as famílias ali residentes, as principais espécies da flora existentes no criadouro e seus usos. Nesta oportunidade foi feita

também uma visita a vários pontos do criadouro. Também foi apresentado a alguns moradores o mapa de uso do criadouro atual com base em fotos aéreas que permitiram reconstituir o uso da terra no criadouro para o ano de 1980.

A terceira visita foi realizada no ano de 2007, no mês de agosto, nesta, além da realização de entrevistas com alguns moradores, foi elaborado o Mapa Mental da antiga área do criadouro. O resultado destes trabalhos foi, dentre outros artigos a elaboração de uma monografia, cujo título era: Articulações entre transformações no uso da terra e (des)agregações no modo de vida: reflexões sobre o Faxinal Saudade Santa Anita Turvo – PR. Este trabalho mostrou as transformações que ocorreram no uso da terra daquele faxinal entre os anos de 1980 e 2007.

Entretanto, no ano de 2007, a Rede Faxinal de pesquisa elegeu o Faxinal Taquari dos Ribeiros, localizado no município de Rio Azul, para concentrar suas pesquisas. Desta forma, por motivos práticos, este faxinal tornou-se o principal objeto de estudo deste trabalho. Todavia, também estarão presentes neste trabalho entrevistas realizadas em outros faxinais, como é o caso do Faxinal Saudade Santa Anita (2006/07) e do Faxinal do Salso (2009), localizado no município de Quitandinha – PR.

Tendo como objetivo entender a inserção econômica dos faxinais em sua região de ocorrência, no período anterior a sua desagregação e/ou crise. Foi necessário analisar as bibliografias que tratam de assuntos voltados para o contexto dos faxinais na atualidade, bem como algumas das principais discussões sobre o assunto (origem, situação atual, perspectivas).

Outra questão que auxiliou na elaboração do trabalho foi a discussão sobre o conceito de região. Nesta discussão foi buscado trabalhar este conceito relacionando-o com os faxinais, para isto foram usados autores como Haesbaert (1999) e Santos (1996). A questão relacionada a formação histórico geográfica da região estudada também terá importância neste estudo, tendo em vista que através dela é possível compreender mais ‘a fundo’ a dinâmica da região estudada.

Para isso, foi realizada uma abordagem histórica (bibliográfica) da formação sócio econômica do Estado do Paraná. Onde foram analisados desde os primeiros colonizadores, os vários ciclos econômicos e suas contribuições para a formação política, cultural, econômica e social desta região. Além disso, buscou-se trazer a influência (relação) de movimentos que ocorreram no Estado com a formação dos faxinais, como é o exemplo da Revolta do Contestado. Após estas duas partes, a

primeira que discutirá o conceito de região e a segunda, que trará este panorama da formação territorial será elaborada uma pesquisa, que buscará mostrar como era a inserção econômica dos faxinais em sua região de ocorrência.

Na elaboração do trabalho o uso de textos retirados de entrevistas será uma constante, pois foi através destas que se buscou compreender como era a inserção econômica dos faxinais no passado. Estas entrevistas foram direcionadas às pessoas idosas residentes nestes faxinais e/ou locais onde foram realizadas as pesquisas. O principal assunto da conversa sempre pairava sobre quais eram os principais produtos produzidos no faxinal, seu mercado e quais foram as principais fontes de renda na fase que compreende os anos de 1920 e até o início da crise e/ou desagregação dos faxinais (a princípio este recorte temporal foi feito devido a ser esta a época/fase que os faxinais estavam consolidados na região).

Após as entrevistas, conhecidos os principais produtos produzidos e comercializados pelos faxinalenses, foi realizada uma pesquisa na biblioteca do IBGE – Curitiba. Ali, através da análise dos Censos Agropecuários do Paraná foi verificado se existia o registro daquelas produções no município de Rio Azul.

Deste modo, almejou-se que entendendo as questões relacionadas aos faxinais na atualidade; passando pela compreensão de um conceito de região que represente a região dos faxinais o mais fidedignamente possível; compreendendo como ocorreu a formação territorial desta região e, ainda com o uso das entrevistas, poder-se-ia compreender como era a inserção econômica faxinalense. Com relação as entrevistas, convém ressaltar que os nomes dos entrevistados não aparecerão devido a um acordo firmado com as pessoas entrevistadas.

Para tanto, a estrutura do trabalho será a seguinte: no primeiro capítulo serão discutidas algumas questões relacionadas a região dos faxinais paranaenses, onde foi elaborado um texto referente ao conceito de região, neste capítulo ainda serão apresentados alguns debates e controvérsias sobre a formação dos faxinais. No segundo capítulo será feito um texto relacionado a formação sócio territorial do Estado com visível ênfase a formação da área de ocorrência dos faxinais, no caso o Centro-Sul do Estado do Paraná. Neste ponto ainda serão consideradas vários acontecimentos históricos, bem como suas contribuições na formação da região, dentre estes estão alguns dos ciclos econômicos e movimentos como a Revolução Federalista/Cerco da Lapa e a Revolta do Contestado. Estes textos também estarão relacionados com as origens, consolidação e crise dos faxinais. No terceiro capítulo

será feita uma análise mais particular sobre as questões econômicas dos faxinais, no qual serão analisadas as entrevistas feitas no faxinal, os dados das pesquisas realizadas no IBGE e o possível “cruzamento” destes. Neste capítulo ainda serão apresentadas questões relacionadas a atualidade e perspectivas dos faxinais. Na quarta e última parte estarão as considerações finais.

2 CAPÍTULO I

2.1 A REGIÃO DOS FAXINAIS PARANAENSES

Na região Centro-Sul do Estado do Paraná encontra-se um sistema agrosilvopastoril tradicional, chamado de Sistema Faxinal. Este modo de uso da terra, de forma genérica, pode ser dividido em dois espaços separados por cercas ou valos: as “terras de criar”, que são áreas de uso comum dos moradores nas quais se preserva a Floresta com Araucária e onde se encontram suas casas e seus animais; e as “terras de plantar”, que se constituem em áreas de uso particular de cada morador, onde se desenvolve a agricultura de subsistência.

Neste item serão apresentadas colocações relacionadas a região dos faxinais e sobre os debates e controvérsias relacionadas a formação dos faxinais.

2.1.1 Região: velho conceito novos usos

Como se sabe os faxinais estão inseridos em uma região impar do Paraná, região esta que possui características histórico – geográficas particulares. Desta forma, dentro da abordagem teórico-metodológica desenvolvida, o conceito de região estará presente, isto porque, possui significativa importância. Para isso, será usado um conceito de região que seja adequado aos objetivos da dissertação. A ideia é que este conceito possa embasar uma região que se distingue das demais, seja através de suas características físicas ou humanas.

No texto não está cogitada a ideia do fim do conceito de região, como muitos autores anunciam. Uma das pretensões é através deste conceito vir a dar explicações sobre a região dos faxinais. E, com isto aliar-se àquela colocação de Santos (1996) onde o autor afirma que este conceito raras vezes esteve tão em pauta e, dele ou a através dele, pode-se sim trazer explicações para vários contextos.

A globalização, que aos olhos de muitos tende a homogeneizar todas as regiões, apagando todas as diferenciações regionais e fazendo com que desmorone toda a configuração regional, no texto, busca-se trazer elementos que demonstrem que a região continua viva, sendo em muitos casos o suporte e a condição de muitas relações globais.

Mesmo com poucos questionamentos relacionados a sua importância na atualidade, nunca é demais lembrar que o conceito de região já passou por muitas mortes e ressurreições no decorrer das discussões que permearam o pensamento geográfico. “Estas discussões foram tão variadas e por vezes tão contraditórias em suas formulações, que muitos geógrafos na contemporaneidade chegam mesmo a afirmar que a região não mais existe” (FRANÇA e LEITE, 2008, p. 11). Este fato também é colocado por Amorim (2007), quando fala do desgaste que o conceito de região sofreu durante o processo de sistematização da Geografia. Haesbaert (2002) “delimita três grandes momentos em que se decretou a ‘morte’ da região em Geografia - o neopositivismo, o marxismo e o ‘globalismo’” (p.1). O processo de globalização busca anular as diferenças aparentes das regiões, homogeneizando-as e assim contribui para a fim das regiões. Todavia, Teixeira (2005), ressalta a necessidade de compreendermos os processos sócio espaciais que surgiram após os anos cinquenta, pois foi esta complexidade que fez com que desmoronasse a configuração regional do passado “e erguesse outras diferentes modalidades e estirpes, justificando novamente o valor da pesquisa regional” (TEIXEIRA, 2005, p. 32).

Santos (1996), pautado na ideia de que nenhum espaço do planeta pode fugir do processo conjunto de fragmentação e globalização, critica a corrente pós-moderna que acredita no desaparecimento ou fim do território e do não lugar, e ainda nega a ideia de região. Para os adeptos desta corrente as transformações mundiais fizeram com que ruíssem todas aquelas características que mantinham a região, fazendo com que ela deixasse de ser.

Ao se contrapor a esta corrente, Santos (1996), coloca sua descrença nestas ideias, afirmando que “o tempo acelerado acentuando a diferenciação dos eventos, aumenta a diferenciação dos lugares, já que o espaço se torna mundial, o ecúmeno se redefine” (SANTOS, 1996, p.196). O autor enfatiza que é este momento o mais propício para as considerações relacionadas a região. Pois esta não só

continua a existir, como se mostra com um nível de complexidade impar, que o homem ainda não tinha visto.

A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem. Agora, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, de individualização e regionalização (SANTOS, 1994. p. 102).

Santos (1999) cogita que o esmaecimento da capacidade humana em reconhecer o espaço e suas divisões também influencia nesta ideia de fim das regiões.

Não pensamos que a região haja desaparecido. O que esmaeceu foi a nossa capacidade de reinterpretar e de reconhecer o espaço em suas divisões e recortes atuais, desafiando-nos a exercer plenamente aquela tarefa permanente dos intelectuais, isto é, a atualização dos conceitos (SANTOS, 1999, p. 16).

Outro autor que trabalha o conceito de região é Haesbaert (1999). Este autor ao trabalhar a questão regional, afirma que esta atualmente retomou sua força, não somente nas ciências sociais, como também através “da proliferação de regionalismos, identidades regionais e de novas-velhas desigualdades tanto a nível global como intranacional” (HAESBAERT, 1999, p. 15).

O autor ainda coloca que mesmo diante da globalização, considerada como homogeneizadora, a construção das heterogeneidades, das diferenças regionais é algo muito forte. É fato a ocorrência de uma volta às singularidades e ao específico nas correntes pós modernas ou pós estruturalistas, denominações que trazem a “crise social e de paradigmas em que estamos mergulhados, o que exige um constante questionamento de nossas proposições conceituais” (HAESBAERT, 1999, p. 16).

Diante deste processo de homogeneização causado pela globalização, as diferenças entre as regiões vão surgindo paulatinamente. Haesbaert (1999) fala sobre a complexidade existente em duas escalas geográficas (local e global). Onde são possíveis pensamentos relacionados a “desigualdade-diferença e globalização-fragmentação (...) As relações globais-locais (e vice-versa) são consideradas hoje uma das formas mais contundentes em que se pode perceber a dinâmica da desigualização-diferenciação”(HAESBAERT, 1999, p. 25). Nesta relação local global existe uma série de vínculos que ora se complementam ora se distinguem, onde cada um pode manter suas características, mesmo influenciando ou sendo influenciado pelo outro.

O autor busca problematizar a questão regional tendo como base os processos de globalização que, contraditoriamente, no mesmo momento que homogeneizam também tornam os locais diferentes. Outros fatores que influenciam nesta problematização são as novas formas de manifestação da diversidade territorial, as novas escalas em que ocorrem as manifestações destas diversidades e a mídia, que dá força a revalorização do regional.

Cunha (2000) coloca que na atualidade o conceito de região ganha inegável importância, este fato ocorre devido a globalização. Tendo em vista que esta tem a capacidade de tornar mais complexos os processos de regionalização. Além disso, certas alternativas e possibilidades deste conceito consideram a região “enquanto fração do espaço geográfico catalizadora de determinadas relações e convenções - como um ator social fundamental na transformação de comunidades regionais e locais” (p. 53).

Outro autor que falou da importância deste conceito foi Gilbert (1988 *apud* HAESBAERT, 1999). Para ele, a Geografia está voltando a dar importância aos estudos específicos, todavia de uma maneira diferente da do início do século passado, o que leva o autor a de uma nova Geografia regional.

Estes fatos mostram que existe a possibilidade de fértil terreno para os estudos regionais diante do processo de globalização, pois, parece existir uma necessidade por parte do processo homogeneizante de locais heterogêneos, ou seja, de regiões, a fim do primeiro poder se afirmar. Assim, o processo de globalização pode ser o combustível para os enfoques regionais. Se analisarmos Santos (1996), o regional é condição necessária para as relações globais, pois ele coloca que “as regiões são o suporte e a condição de relações globais que de outra forma não se realizam” (SANTOS, 1996, p. 196), todavia, esta região não é mais aquela região estável, construída ao longo do tempo, com a qual, segundo Santos nos acostumamos, agora, diante de todas as dinâmicas mundiais, o que dá autonomia a região é o seu caráter funcional, não a sua longevidade. “Mesmo que se afirme que a região não mais exista, continuaremos a vivê-la ou assisti-la nas diversas expressões materializadas na sociedade e utilizadas como mecanismos de ações políticas de planejamento” (CARVALHO, 2002, p. 14).

Estudar uma região significa adentrar em um “mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas, etc. com seus mais distintos níveis de interação e contradição” (SANTOS, 1996, p. 46). Seguindo esta linha de raciocínio, vemos que a

região tornou-se uma importante categoria para que possamos vir a compreender uma comunidade (como é o caso dos faxinais) que está inserida dentro de uma dinâmica global, onde suas singularidades (econômicas, culturais, políticas e sociais) podem fazer toda a diferença com relação ao geral, embora todas elas estejam inseridas no processo como um todo.

Todavia, ao se falar sobre a região de ocorrência dos faxinais e as colocações de Santos sobre região, nota-se que existe uma dinâmica particular na região de ocorrência dos faxinais, que não foi levada em consideração nas colocações de Santos (1996). Para o autor “As condições atuais fazem com que as regiões se transformem continuamente, legando, portanto, uma menor duração ao edifício regional” (SANTOS, 1996, p.197), ou seja, as regiões estão se transformando rapidamente.

Embora esta afirmação possa ser consequência de sua vivência, da análise de regiões próximas a sua realidade. É notável nas análises sobre a região dos faxinais que o seu ‘edifício regional’ não está tão dinâmico. Nele não ocorre aquela contínua transformação que o autor julga ser uma característica atual das regiões. Quando se discorda da colocação de Santos (1996), não é negado a dinâmica que a região possui, o que é questionado é a velocidade destas transformações. Também, convém ressaltar, que é sabido que Santos (1996) ‘trabalha região’ com questões mais abrangentes, e o estudo em questão trata-se de um caso particular, restrito a região de ocorrência dos faxinais.

Para embasar este questionamento relacionado a velocidade das transformações nas regiões ou do edifício regional – que para Santos (1996) é pouco durável na atualidade – serão usadas colocações de Cunha (2003) este autor, ao trabalhar o conceito de região, relacionado ao local de ocorrência dos faxinais, analisa-a como uma região menos dinâmica ou, onde as velocidades das transformações não está tão evidente, como nos grandes centros (como é o caso das grandes metrópoles).

Neste ponto, Cunha (2003) busca elementos da região pautados na tradição lablachiana, no caso a questão relacionada a estabilidade espaço-temporal. Tem-se a crença em uma estabilidade regional, “embora, uma realidade regional concretamente definida, também seja passível de transformações” (p. 40). Entretanto, estas mudanças não retratam somente um reagrupamento ou “rearranjo das variáveis estatísticas selecionadas pelo pesquisador” (p. 40). Todas estas

transformações estão diretamente relacionadas com a própria evolução do processo histórico-geográfico que consegue definir os contornos e os rumos de uma região.

Desta forma, para entender como ocorrem as transformações nas regiões, ou para que elas possam ser notadas, é imprescindível o conhecimento de seu processo histórico-geográfico, processo este que trará como consequência certas características específicas da região. Assim, a região inserida na tradição lablachiana, apresenta “um movimento particular [seu processo histórico-geográfico] resultante das combinações múltiplas [sua trama] entre os elementos que a compõem” (GOMES, 1996, p.210).

Para trabalhar nesta perspectiva é necessário deixar de lado aquelas linhas de pensamento que não dão importância às análises centradas em questões regionais. Como é o caso “de todas as tradições ancoradas no pensamento liberal. A crença em leis universais que regem as relações econômicas, liderada pela figura do mercado” (CUNHA, 2003, p. 36) e àquela que Castro (1994) chama de vertente do pensamento dialético-materialista, onde as possibilidades explicativas da escala regional foram eliminadas através de um “bem estruturado edifício teórico-metodológico, no qual a totalidade impunha-se inexoravelmente sobre a unidade (...) impondo a dedução a partir de um constructo teórico que não dava espaço as singularidades e particularidades” (CASTRO, 1994, p. 57).

Sendo assim, discorda-se daquelas perspectivas que consideram irrelevantes os “detalhes” e as especificidades relacionadas a casos/regiões específicas e dá ênfase apenas a escala planetária. E, acredita-se em uma perspectiva onde o local e o global interagem, onde o local não deixa de ser influenciado pelo global, mas também o influencia. Ou seja, ele deixa de ser passivo nas transformações e se torna ativo.

A região vista como algo particular e dinâmico, capaz de ser um meio para as relações humanas pode ser vista em La Blache. Para Gomes (1996), a tradição lablachiana baseia-se no pressuposto que cada região apresenta “um movimento particular resultante das combinações múltiplas entre os elementos que a compõem” (GOMES, 1996, p.210). Cunha (2003) coloca que a região era analisada como sendo uma realidade concreta, que internamente, possuía certa integração sócio-cultural, estabilidade, continuidade espacial e também se apresentava como uma síntese.

A região era vista como uma realidade concreta, identificável no espaço geográfico, apresentando uma especificidade decisiva, possuindo uma certa coesão/coerência sócio-cultural interna, além de apresentar uma certa estabilidade, como também uma continuidade espacial e, por último, apresentar-se como uma síntese, pela integração de elementos de diversas origens: naturais, econômicos, políticos e culturais. (CUNHA, 2003, p. 37).

Embora esta tradição lablachiana esteja sendo afetada pela globalização, e com isso perdendo certas características, como é o caso da sua como a estabilidade e a continuidade espacial. Haesbaert (1999) coloca que embora este movimento esteja ocorrendo, existem outros pontos ou características que permanecem centrais nos enfoques baseados nessa tradição. O autor coloca que estas características que se mantêm são as seguintes: as de integração e síntese e de especificidade ou diferenciação de áreas, às quais podem ser reunidas as preocupações muito atuais com a diversidade territorial. (HAESBAERT, 1999, p.5). Para analisar a coerência de uma região é necessário realizar uma síntese, na qual devem estar envolvidas as mais diferentes dimensões do espaço geográfico.

Dentre estas dimensões estão a humana e a natural. Além disso, o autor coloca que ao ser analisada uma região (no caso de La Blache ele cita a França, já neste caso o exemplo recai sobre a região dos faxinais) também é imprescindível a realização de uma análise, através da qual o pesquisador possa compreender contextos mais amplos, que acabam influenciando na formação deste espaço, como pode ser o caso das questões histórico-geográficas.

Haesbaert (1999) coloca que esta sobreposição de escalas de ocorrência dos fenômenos sociais, muito mais complexa na contemporaneidade, torna mais difícil a análise regional “na medida em que é muito raro encontrar espaços coerentes e cuja especificidade possa ser analisada independente de sua inserção em processos visíveis em outros níveis escalares” (p. 20). Isto porque atualmente existe uma dificuldade em regionalizar em uma época de globalização, neste contexto ressaltam questionamentos como os seguintes: como dividir/regionalizar quando os processos parecem levar a integração das regiões e ainda existir a possibilidade de existir regiões ou espaços “num mundo que se diz em processo de homogeneização?” (HAESBAERT, 1999, p. 20). Diante deste questionamento, é possível indicar que o caminho e/ou resposta seria regionalizar a partir da análise dos processos histórico geográficos que culminaram na formação sócio territorial de cada região.

Assume-se a perspectiva que foi citada anteriormente, onde a diversidade territorial/regional é algo ativo na geografia, mesmo nesta fase de globalização. Onde as regiões se apresentam mais claramente na proporção que são realizados estudos integradores (sejam eles em pequenas ou grandes escalas), nos quais aparecem concentradas as mais diversas manifestações sociais. Estas manifestações devem ser analisadas não apenas em relação àquele local específico, mas como consequência de um processo, de uma relação dialética. Na qual também os processos históricos – geográficos, aliados a questões políticas, econômicas e culturais possam aparecer e contribuir para a elaboração e/ou aparecimento de certas especificidades, no caso, regiões.

É certo que esta visão de região é consequência de uma continua ‘evolução’ dentro da ciência geográfica, tendo em vista que desde o final do século XIX este conceito vem sendo discutido e transformado. A princípio, a região, ou seu conceito, era fruto das diferenciações naturais existentes na superfície terrestre, como foi o caso da regionalização proposta por Herbertson. Haesbaert (1999) coloca que “aos poucos os homens, os grupos sociais foram predominando na interpretação dos geógrafos e com eles vieram o espaço agrário, as cidades (...) os eixos de transporte etc.” (p. 21). Desta maneira, atualmente é possível encontrar uma multiplicidade de interpretações sobre região.

Outro fator importante, e que deve ser destacado sobre este conceito, é que diversidade territorial não é sinônimo de diversidade regional. Tendo em vista que para muitos geógrafos o recorte de um espaço geográfico só é considerado região a partir do momento que este se refere a “processos específicos como os movimentos regionalistas e as identidades regionais” (HAESBAERT, 1999, p. 21). Assim, os processos que possuem um peso nas formações das regiões são aqueles que relacionam, ou interligam questões políticas, econômicas, culturais, sociais, naturais e histórias.

Haesbaert (1999) coloca que ao analisar a diversidade territorial em um sentido mais amplo, esta análise necessita que seja reconhecida a relação particular-geral e singular-universal, desta maneira, analisando estas relações de influência é possível que se evite a realização de estudos que apenas servirão para confirmar uma visão geral ou que devido a sua especificidade deixem de analisar questões mais amplas, problemas estes que já foram comuns na geografia.

Desta forma a região dos faxinais, também denominada de Paraná Tradicional é consequência de um processo histórico geográfico, onde vários acontecimentos (históricos, políticos, econômicos, culturais e sociais) influenciaram na sua formação sócio territorial. Sendo assim, todas as transformações pelas quais esta região passou, são fruto/consequência de relações ocorridas nas mais diversas escalas. Com isto tem-se a certeza que embora os acontecimentos regionais tenham influído na formação desta região, eles não são/foram os únicos atores. Isto porque eles estão inseridos numa dinâmica onde ora são influenciados e ora influenciam, e desta relação dialética tem-se como resultado uma configuração regional com características singulares, ou seja, com uma formação sócio territorial distinta.

2.1.2 Debates e controvérsias sobre a formação dos faxinais

Com relação a gênese dos faxinais existem várias discussões, entretanto, elas podem ser colocadas em três linhas, que no texto aparecerão nos discursos de Chang (1988), Nerone (2000) e Tavares (2008).

Chang escreveu sobre os faxinais no final da década de 1980. A autora via-os como uma forma de organização camponesa em desagregação, como indica o próprio título de sua obra: “Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Estado do Paraná”. Aos olhos de Chang, a gênese do Sistema Faxinal está relacionada aos seguintes pontos:

“A nosso ver a Gênese do Sistema Faxinal derivou de estrutura de subsistência das grandes fazendas, principalmente no que diz respeito a produção animal 'à solta' e ao cercamento das lavouras com cerca de bambu e do pousio da terra. Porém, com a presença da erva mate na região dos faxinais, a estrutura de produção teve que se ajustar às novas condições naturais.” (CHANG, 1988, p. 24)

Ela faz toda uma contextualização do estado do Paraná, desde a fase de aprisionamento dos índios, no século XVI, tendo em vista que é marcante a presença do índio cativo na composição da força de trabalho dos próximos ciclos econômicos que marcaram a vida paranaense. Além disso, caracteriza os caboclos, mistura do branco com o índio, grupo que está presente nos faxinais.

Chang (1988) coloca que a economia aurífera deu estímulo às primeiras ocupações - Litoral e Primeiro Planalto - da até então Província do Paraná. Neste momento a força de trabalho indígena foi deslocada para as atividades agrícolas, pecuárias e domésticas. Com a queda da economia aurífera, surge a atividade da pecuária e com esta a ocupação do interior da Província, ou seja, a região dos Campos Gerais.

Essa região possuía em suas condições físico-naturais as características necessárias para esta cultura. A grande propriedade é comum nesta fase, pois as propriedades eram oriundas de sesmarias. Enquanto isso a população livre formava pequenos aldeamentos ao redor dos latifúndios, onde eram produzidos gêneros alimentícios.

O fazendeiro de origem luso-brasileira dominava os campos e essas áreas não eram disponibilizadas para os imigrantes. O Sistema de Pastoreio começou a se estruturar no Paraná Tradicional a partir do final do século XVII, mas nem só de pecuária sobreviviam as grandes fazendas que abrigaram esse sistema. De forma complementar a criação de gado desenvolveu-se também uma agricultura de subsistência em pequenas unidades, que era responsabilidade de uma pequena população livre estabelecida nos campos. Essa população dividia-se em produtores autônomos e agregados, que formavam famílias pobres que se agregavam as fazendas. O importante nesta parte do trabalho é destacar que esse "núcleo de agricultura de subsistência" nas fazendas só era possível de ser instalado em regiões de matas. (CUNHA, 2003, p. 68)

Nesta época existia outra categoria, a dos agregados. Estes eram homens livres, mas que estavam subordinados aos donos das fazendas, nas quais prestavam algum tipo de serviço. As suas residências estavam localizadas nas terras que compunham a fazenda, porém, longe da sede. Estas residências, de um modo geral, estavam localizadas na região das matas, local onde também era comum a economia de subsistência.

"A categoria dos agregados consistia a grosso modo dos trabalhadores na coleta da erva, inclusive afluindo para regiões das matas mistas do centro sul, estabelecendo-se nos ervais com uma economia de subsistência; constituindo comunidades rurais as quais mais tarde dariam origem aos faxinais." (CHANG, 1988, p. 21)

O tropeirismo contribuiu para que os fazendeiros não dessem importância para as áreas de mata. Desta forma, como afirma Barthelmess, existia uma oposição entre os sistemas agrários específicos da mata e do campo. Esta oposição perdurou por mais de dois séculos. Isso por que os objetivos dos fazendeiros voltavam-se para atender as exigências do mercado mineiro, que na época vivia o ciclo do ouro, o qual veio a cair no final do século XVIII. Por isso Barthelmess (1968)

afirma que “o contato entre o domínio do pastoreio e o Sistema de Roça, que há dois séculos se desenvolve ao seu lado, constitui exemplo de contato inerte” (p. 139).

Do tropeirismo passa-se então a outro contexto, que terá sua base na produção de ervateira, aliada a produção de subsistência e criação de animais:

“Os fazendeiros empobrecidos e os agregados foram os primeiros a serem espirados das fazendas dos campos em busca de matas (...). Nas matas as condições para desenvolver uma economia de subsistência eram melhores e a possibilidade de se empregarem na erva era maior (...) essa massa de trabalhadores do mate, com seus pequenos estabelecimentos de subsistência, por posse ou concessão, acabou por caracterizar a região com predominância de mini e pequenas propriedades.” (CHANG, 1988, p. 29-30).

É neste período que começam os fluxos migratórios da Europa e, que para a autora terão significativa participação na formação dos faxinais. Chang (1988) coloca que os migrantes que mais tiveram influência na formação dos faxinais foram os poloneses:

“Pode-se dizer que os colonos, principalmente os poloneses tiveram grande contribuição na formação dos criadouros comuns e por tabela do Sistema Faxinal (...) os poloneses foram responsáveis diretos pela introdução de cercas nos sertões paranaenses, e, em consequência, do declínio do modo de viver semi-nômade das populações acostumadas com a atividade pecuária.” (CHANG, 1988, p. 40).

Chang (1988), ainda coloca que a região das Florestas no estado do Paraná foi colonizada primeiramente por fazendeiros e agregados. Estes saíram das regiões dos campos em busca da possibilidade de desenvolver outra sistemática para a sua reprodução social/sobrevivência. Ela afirma que mesmo existindo algumas características dos faxinais nas relações existentes entre os caboclos que habitavam a região, estes só se consolidaram com a chegada do imigrante europeu, especialmente o de origem eslava.

Naquele momento, segundo as colocações da autora, a criação dos faxinais foi um meio de integração social, tendo em vista que parece ter ocorrido uma queda nos antagonismos entre os diferentes interesses de classes. Pois todos os moradores do local – fazendeiros, colonos e agregados - tiveram vantagens. O fazendeiro lucrou porque com a contribuição em terra ele podia consorciar a exploração do mate e a pecuária. Além disso, ele tinha mão de obra para usar nas épocas que precisasse, como na construção das cercas coletivas, já que grande parte de suas terras eram cercadas sem a necessidade de pagamento. Para os colonos, a construção do criadouro comum trouxe a segurança contra a entrada de animais nas lavouras, além da possibilidade de criar seus animais à solta,

diminuindo assim custos. Para os agregados, as benfeitorias davam a possibilidade de adquirir o direito de criar animais e residir no criadouro em troca da sua força de trabalho. A partir do momento que o uso coletivo da terra beneficiou a todos, a consequência foi a proliferação dos criadouros comuns e, conseqüentemente, dos faxinais.

A outra autora que trata da origem dos faxinais é Nerone (2000). Ela trás o enfoque da construção do sistema através do processo histórico das experiências do cotidiano e das relações sociais como, principalmente, uma herança cultural da forma de ocupação da terra implantada pelos jesuítas espanhóis da parte ocidental do Paraná, ou seja, das reduções jesuíticas.

Esta autora, embasada em vários autores europeus, salienta que o uso da terra no Sistema Faxinal não se constitui num modelo original brasileiro, sendo derivado de outras formações históricas. Ela mostra que as propriedades coletiva e individual aparecem paralelamente, podendo ser entendida como um fator cultural de cada povo ou época.

Foi a insuficiência de pastos em propriedades individuais diante da necessidade de pastagens que levou ao uso comum das áreas, sejam elas sem donos (estepes do centro da Ásia), terrenos baldios ou ainda localizadas em pequenas propriedades particulares. Foi deste modo de uso que nasceu o modo de servidão designado “compáscuo”.

A Península Ibérica, que era habitada por povos autóctones conhecidos como Íberos. E, que após o ano 6000 a.C. sofreu invasões de povos de origem indoeuropéia, possuía modos de vida comunitários que se mantiveram mesmo diante de todas estas invasões. A autora reforça esta questão ao falar sobre os romanos, povo que chegou a península por volta de 218 a.C.. “os romanos, cuja propriedade individual era a vila, quando invadiram a Península, não impediram, a manutenção da tradição com relação aos pastos de aproveitamento coletivo de baldios, compáscuos, além de outros direitos de fruição”. (NERONE, 2000, p.30).

Na Espanha e em Portugal, a propriedade coletiva compreende o monte, onde estão as terras de pastagens, as roçadas - que são as terras de semear - e os coutos - que são terras de erva lameiros. Nerone salienta parte da história do estado do Paraná, onde paralelamente a questão a ocupação espanhola tem-se as reduções jesuíticas do Guairá. Foi a partir de 1610, época em que os missionários jesuítas se estabeleceram em Guairá, que se lançaram as bases para os modos de

ocupação da terra na região do centro sul do estado. Destaca que é a partir da prática nas reduções que se tem o embrião do Sistema Faxinal.

“As reduções tiveram a vida comunitária como fundamento de sua organização. As principais atividades eram relacionadas a coleta da ervamate (...) as terras eram de uso coletivo e nelas praticavam-se lavouras coletivas e o gado era criado em regime compáscuo. Porém, cada família tinha o direito de fazer o plantio particular em sua chácara, depois de cumpridas as exigências comunitárias.” (NERONE, 2000, p. 49).

Embora a maioria das reduções tenham sido destruídas, os índios fugitivos levaram a experiência vivida nas reduções para outras regiões, como é o caso da região dos faxinais. Para Nerone (2000) “tudo leva a crer que a experiência do faxinal teve origem na forma de ocupação da terra, implantada pelos jesuítas espanhóis na parte ocidental do Paraná (...) nas Reduções” (p. 53).

“Tal hipótese fundamenta-se nos seguintes pontos: (...) A redução tinha funções nitidamente comunitárias; (...) As terras, na redução, eram também de uso comunal; (...) A criação de gado era feita sob regime compáscuo; (...) As atividades econômicas, além da agricultura de subsistência, de forma geral, estavam conectadas a coleta de erva mate; (...) A autoridade, na redução, era exercida nas funções de alcaide (...) assuntos administrativos, e corregedor (...) assuntos judiciários (...) subordinados ao Padre Diretor.” (NERONE, 2000, p. 54).

Essas características podem ser encontradas no Sistema Faxinal, apenas sendo necessário mudanças na questão que trata da autoridade, onde no lugar de alcaide e corregedor estão os inspetores, subordinados ao prefeito e ao delegado. Os jesuítas espanhóis implantaram as missões baseando-se em modos pré existentes na Península Ibérica, onde a mata, os animais, a agricultura, as atividades individuais e coletivas tinham importância fundamental, assim como no Sistema Faxinal. Desta forma, Nerone aponta que:

“O faxinal deve ser entendido em oposição ao latifúndio, com seu tipo específico de sociedade e economia, ou seja, como uma experiência de comunidade, de cunho europeu (via jesuítas), que foi certamente transmitido culturalmente, a partir da experiência vivida pelos remanescentes indígenas e bugres, que são os ancestrais de muitas famílias dos faxinais.” (NERONE, 2000, p. 62).

Ainda existem outros autores que comungam das idéias desta última autora, como é o caso de Löwen Sahr (2005) e Silva (2005), estes também enfocam a construção dos faxinais através do processo histórico das experiências do cotidiano e das relações sociais, como principalmente uma herança cultural da forma de ocupação da terra implantada pelos jesuítas espanhóis da parte ocidental do Paraná, ou seja, das reduções jesuíticas.

O terceiro autor que discute a origem dos faxinais é Tavares (2008). Este autor, busca elementos relacionados ao uso comum das terras desde os idos da Idade Média. Para ele estas experiências foram repassadas pelos jesuítas na época das Missões aos índios. Entretanto com os ataques dos bandeirantes na região das Missões, os índios que não foram escravizados, acabaram fugindo e refugiando-se nas florestas.

Com a demanda crescente por escravos e a dificuldade em capturar índios. O escravo negro tornou-se uma alternativa. Entretanto, muitos destes negros também fugiam, dispersando-se pelas florestas ou formando quilombos. Quando estes negros chegaram nas florestas acabaram tendo contato com os índios fugitivos das Missões. Para Tavares (2008) esta interação entre os índios e os negros foi um fato crucial na construção dos faxinais no início do século XVII. Tavares (2008) também coloca a influência dos imigrantes europeus e dos camponeses fugitivos da Revolta do Contestado na consolidação dos faxinais.

(...) aliança entre os índios fugitivos do sistema de peonagem (das missões ou reduções jesuíticas e dos aldeamentos), da escravidão (dos bandeirantes paulistas) e dos negros africanos fugitivos, que se dispersaram e não formaram quilombos, e se encontraram nas matas de Araucárias no Estado do Paraná. A junção da prática de terras de uso comum pelos índios, a prática de criação de animais pelos escravos africanos, mais a prática da extração da erva-mate por ambos os sujeitos sociais – pelo lado indígena, adquirida antes das reduções ou missões jesuíticas, e pelo lado do escravo negro africano, adquirida nas grandes fazendas de criação de gado no planalto de Curitiba – constituíram os elementos fundantes na construção dos faxinais no início século XVII que ao longo do tempo recebeu a contribuição significativa dos imigrantes europeus, principalmente dos camponeses originários do leste europeu (Ucrânia e Polônia); e, fração dos camponeses que participaram da Guerra ou Revolta do Contestado para a sua consolidação; e, a atual luta e resistência para sua reconstrução das frações do território comunitário camponês faxinalense (TAVARES, 2008, p. 395).

Todavia, para embasar sua argumentação sobre a gênese dos faxinais, Tavares (2008) começa tecendo comentários referentes a bibliografia relacionada a formação sócio econômica e territorial do Estado do Paraná. Para o autor, estas podem ser um obstáculo para o melhor entendimento deste assunto. Desta forma, existem duas questões que devem ser consideradas ao reconstituirmos a gênese dos faxinais. Uma delas relacionada a ideia de que o novo mundo, coberto por grandes florestas e com inestimáveis tesouros estava pronto, a espera do bravo e destemido colonizador. Como é possível averiguar em Noelli e Mota (1999): "o solo da terra virginal (...) abrigava tesouros inestimáveis de fecundação e fertilidade prontas para fornecerem colheitas dadasivas (...) e, lentamente (...) a floresta tão

exuberante e impenetrável cedia lugar àqueles homens intrépidos e valentes. (NEOLLI e MOTA, 1999, p.1). A outra está relacionada a presença dos jesuítas no Guairá, fato este considerado como um marco na formação sócio econômica e territorial do Paraná. Desde aquele momento até hoje esta experiência é estudada. É certa a existência de uma gama de publicações sobre este assunto, entretanto, estas são diversificadas tanto em quantidade, em interpretações e idiomas. Estes fatos, segundo o autor, fizeram com que a produção bibliográfica relacionada a este tema estivesse inserida "em uma discussão polêmica entre autores partidários ou adversários dos jesuítas" (TAVARES, 2008, p. 396), constituindo-se desta maneira, em mais um entrave a reconstrução histórica. Assim, os 'estudiosos' são obrigados trabalhar com uma bibliografia limitada, seja pela carência objetiva, seja pelas manifestações sentimentais e subjetivas, que trazem à tiracolo a visão eurocêntrica deste processo histórico. Estas análises passam a ideia de que não existiam 'habitantes e/ou donos daquele/naquele chão', ou seja, na maioria dos casos são escritos/análises que contam a história apenas a partir destes momentos, desconsiderando qualquer fato relacionado às sociedades indígenas que ali já estavam presentes. Fatos estes que culminaram na proposital rejeição, seja na história ou na geografia regional, dos conflitos relacionados a resistência indígena diante da conquista e destruição do seu modo de vida pelos colonizadores.

A primeira, no plano sincrônico, situa as análises individuais e seus enfoques narrativos ao abordarem as missões ou reduções jesuíticas frente a história paranaense, pois, diferentes autores e em diferentes épocas (...) inter-relacionando essas produções isoladas, dentro de interpretações que se estruturam ao longo do processo de constituição de uma intelectualidade ligada aos estudos regionais. As abordagens sobre a pré-história indígena (...) o papel da Companhia de Jesus (...) e temáticas afins, são destacadas na análise que nos possibilita averiguar os posicionamentos desses intelectuais. (...) A segunda questão sobre a gênese dos faxinais é quando se trata da presença dos jesuítas no Guairá, a qual se compreende que foi um elemento importante na formação socioeconômica e territorial do Paraná (...) a experiência dos jesuítas na chamada conquista espiritual dos índios marca no chamado novo mundo, e constitui-se um dos temas mais discutidos e ainda hoje incompreendidos. A forma diversificada e contraditória das interpretações sobre o papel da Companhia de Jesus se deve porque, em grande parte, os cronistas e historiadores eclesiásticos da época se preocupavam em exaltar o trabalho da Companhia de Jesus (...). Com isso, a produção bibliográfica missionária se viu envolvida em uma discussão polêmica entre autores partidários ou adversários dos jesuítas, criando assim, mais um obstáculo para uma reconstrução histórica, que se vê obrigado a lidar com uma bibliografia marcada pela objetividade limitada e pelas efusões sentimentais e subjetivas, com uma visão eurocêntrica do processo histórico da questão. (...) Com isso, construiu-se uma ideologia de que essas terras estavam vazias, desocupadas, desabitadas, portanto, prontas para serem ocupadas. (TAVARES, 2008, p. 395-397).

Contudo, para o autor, este modo de analisar a história da formação sócio econômica e territorial do Paraná começou a mudar a partir dos anos de 1980. Momento este em que vários autores começam a ver as populações indígenas enquanto sujeitos ativos neste processo. Com este novo enfoque é possível uma nova análise, onde a contribuição dos povos indígenas neste processo histórico toma proporções significativas. Um exemplo desta contribuição está na construção dos faxinais. "Sendo que uma parcela desses sujeitos juntamente com uma parcela dos escravos africanos (...) foram os construtores dos faxinais" (TAVARES, 2008, p. 398).

Com isso, Tavares (2008), vê a formação social camponesa dos faxinais como o resultado de um "processo histórico contraditório e desigual, em que vários elementos econômicos, sociais, culturais e políticos foram fundamentais na sua formação territorial" (p 398), desde alianças entre povos indígenas e destes com negros. A partir disso, para a consolidação do faxinal foi imprescindível a ampliação dessas alianças, explícitas ou não, com outros setores da sociedade e os camponeses faxinalenses. Isto porque, ao longo do processo histórico "ocorreram grandes transformações na formação socioeconômica da sociedade paranaense, que forjou um padrão de organização societária e territorial com características próprias" (TAVARES, 2008, p. 399).

Entretanto, para embasar suas colocações, o autor aponta para a necessidade de compreender como se forjaram/ocorreram os trabalhos escravo do indígena (séc XVI ao XIX) e do negro africano (Desde século XVII). Bem como questões relacionadas a contribuição dos povos indígenas na preservação do meio ambiente, questões relacionadas ao uso de terras comuns, da agricultura, da pecuária e da extração de erva-mate nas reduções jesuíticas. Outro ponto que o autor discute está relacionado ao trabalho escravo indígena e negro na produção da erva-mate no Paraná.

Desta forma, o autor começa falando sobre a escravidão indígena, neste ponto faz uma série de comentários referentes ao significado da palavra escravo, bem como a sua origem. O autor baseado em Huberman (1973), também faz uma distinção entre escravo e servo, sendo o primeiro, parte da propriedade e podendo ser vendido com esta ou a parte, já o segundo, não poderia ser comercializado fora da terra, mesmo que o senhor das terras transferisse a posse da terra a outro, o servo permaneceria no seu pedaço de terra.

Após esta distinção, o autor começa a falar sobre a escravidão indígena praticada no Brasil, que, para o autor teve "tanta importância na formação socioeconômica desse país quanto a escravidão negra. Porém, os índios eram tidos como escravos baratos" (TAVARES, 2008, p. 400). Convém neste ponto destacar a discordância nesta questão, isto porque, a escravidão indígena e a negra não são passíveis de serem comparadas. Embora ambas tragam consequências a formação socioeconômica deste país, a escravidão negra influenciou de forma mais significativa. Basta analisar as consequências destas duas formas de escravidão.

Os índios eram escravizados pelos colonos paulistas desde o início do século XVI, entretanto, a necessidade de mão-de-obra fez com que estes colonos fossem buscar escravos cada vez mais longe. Proporcional a necessidade de mão de obra escrava era o uso da violência por parte dos colonos. Também eram comuns a ocorrência de relações de troca e certos acordos entre os chefes de tribos e os colonos, entretanto, com estas relações escravistas, uma das consequências para os índios foi a falta de condições para reproduzirem-se socialmente como outrora, ou seja, "não tinham as condições necessárias para reproduzirem de modo pleno as suas formas pré-coloniais de organização" (TAVARES, 2008, p. 406). Este fato fez com que estes buscassem construir territórios próprios dentro desta sociedade colonial ou infligissem em fugas para locais mais distantes, o que induziu estes colonos a adentrarem cada vez mais nos sertões em busca dos índios. Estes fatos (fugas e construção de territórios próprios) revelavam-se tanto meios de busca pela sobrevivência como modos de resistência.

Com relação a escravidão indígena no Paraná, Tavares (2008) coloca que a origem da sociedade paranaense é escravocrata, "no entendimento de que a organização de uma sociedade é o resultado da conjunção do pensamento econômico e das práticas políticas predominantes na época de sua formação" (TAVARES, 2008, p. 406). Nesta fase boa parte do território paranaense já tinha sido vasculhada pelos colonos a procura de índios e/ou de riquezas minerais. O autor ainda analisa a importância do trabalho escravo indígena no período de extração de ouro, na formação das primeiras fazendas no Planalto de Curitiba e Campos gerais, na fase do tropeirismo e na economia ervateira.

Após estas discussões são feitas considerações relacionadas a contribuição dos povos indígenas na preservação do meio ambiente, segundo o autor estes povos vivem "uma relação equilibrada com a natureza como forma de sobrevivência"

(TAVARES, p. 420), o que faz com que o seu papel na preservação do meio ambiente seja significativo.

Outro ponto que o autor discute está relacionado ao trabalho dos escravos indígena e negro na produção da erva-mate. Baseado em Ianni (1988) que por sua vez busca respaldo nas colocações de Martins (1926), Tavares (2008) coloca que a presença do escravo negro, indígena e mestiços na produção da erva-mate era predominante, tendo em vista o regime escravista vigente naquela fase.

Mesmo com a existência de formas jurídicas e morais firmes e atuantes que prendiam os escravos as condições impostas pelo seu dono, uma constante na história da escravidão foram as fugas, sejam elas de índios (fosse das reduções ou dos senhores) até a dos negros. Além disso, estes levavam consigo toda a bagagem de conhecimentos e de cultura que tinham e adquiriram nestas relações.

Desta maneira, nos locais de seus refúgios, no caso as matas, houve a possibilidade da reprodução dessa cultura/costumes. Portanto, segundo Tavares (2008), é possível concluir que "as estratégias usadas pelos povos Guaraní e Kaingang de viverem nas reduções jesuíticas por um determinado período" (p. 454) somado a 'aliança' com "os escravos africanos fugitivos, que não formaram quilombos e que viveram na atual formação sócio-espacial do Paraná possibilitou a formação social camponesa do grande faxinal no início do século XVII" (p. 454). Somando a estas alianças, o autor vê como pontos fundamentais na construção dos faxinais a "contribuição dos povos indígenas na articulação entre os recursos naturais locais disponíveis e as necessidades de reprodução social; agricultura, a pecuária, o extrativismo e o uso comum da terra" (TAVARES, 2008, p. 455).

Como pode ser verificado, cada uma dessas abordagens trás consigo premissas e conclusões distintas, sendo estas consequências do modo com que cada um dos autores se debruçou sobre o assunto, dos objetivos traçados e do método usado na construção do texto/pesquisa. Mesmo respeitando cada uma das construções teóricas cabe aceitar ou contrapor-se a elas. No tocante a gênese dos faxinais embora as contribuições de Chang (1988) sejam de crucial importância, nota-se que as colocações de Nerone (2000) e principalmente as de Tavares (2008) buscam as raízes universais dos sistemas comunitários. Embora o texto de Tavares (2008) apresente-se mais completo que o das outras autoras, isso não significa que devem ser analisados como antagônicos, é interessante que cada um dos leitores

busque antes do antagonismo presente nos autores, ideias complementares, que contribuam para a melhor apreensão desta questão.

Como é possível notar, as abordagens dos autores são distintas. Tavares (2008) tece várias críticas as duas primeiras autoras. Com relação a Nerone (2000) os escritos de Tavares (2008) indicam que a autora estudou apenas uma das contribuições das raízes históricas dos faxinais, não analisando a influência do escravo africano, dos elementos culturais das práticas de uso comum (florestas e pastagens) do Leste Europeu, "principalmente dos povos ucranianos e poloneses, por meio de seus camponeses, para a consolidação da formação de organização social camponesa dos faxinais" (TAVARES, 2008, p. 467). O autor também critica a postura acrítica da autora com relação a existência das terras de uso comum nos bosques, baldios e pastagens na Península Ibérica na metade do XX. Tendo em vista que ela não faz referências aos conflitos entre os camponeses (espanhóis e portugueses) e as ações dos governos que buscavam extinguir o uso coletivo das terras. Outro ponto questionado por Tavares (2008) está relacionado ao estudo que Nerone (2000) faz da semelhança do direito de compáscuo nos faxinais do Paraná, estudo este já feito por Gubert Filho (1986). Outro ponto criticado por Tavares (2008) está relacionado ao método que a autora utiliza em suas análises, para o autor eles limitam as conclusões da autora, pois está imbuído de um viés teórico, político e ideológico, eurocêntrico, "fazendo com isso uma apologia a ação civilizadora das Reduções Jesuíticas" (p. 468).

Com relação aos embates com Chang (1988) o primeiro embate está relacionado ao surgimento dos faxinais, Chang (1988) coloca-o como sendo consequência do estabelecimento dos coletores de erva mate, ou seja, o começo da produção da erva mate, nas regiões das matas, fato este que mais tarde daria origem aos faxinais. Como foi visto anteriormente, Tavares (2008) discorda totalmente da autora.

Outro embate entre os autores está relacionado a contribuição dos imigrantes poloneses na formação dos faxinais, para Chang (1988) eles tem importância neste quesito, porém Tavares (2008) coloca que no período de formação dos faxinais, "a atual formação sócio-espacial do Paraná pertencia a Capitania de São Vicente (...) séc XVII (...) existindo uma diferença temporal de mais de 150 anos, do período de formação dos faxinais." Baseado nisso, ele coloca a impossibilidade dos imigrantes poloneses serem um dos povos que contribuíram para a formação

dos faxinais, pois estes chegam em nosso estado a partir de 1890. Cabe aqui destacar que este autor não deixa de citar a contribuição que os camponeses europeus trouxeram para os faxinais, “a cultura do uso comum das pastagens e florestas (...) poloneses e ucranianos, e a prática do uso comum das terras nos baldios de Portugal (...) portugueses”. Entretanto, estas contribuições serão decisivas na consolidação deste sistema, que será entre os anos de 1890 a 1930.

Outra discordância entre estes autores está relacionada ao papel dos fazendeiros na formação dos faxinais, Chang (1988) coloca que estes contribuíram para a formação dos faxinais, tendo em vista que cederam parte de suas terras para a formação dos criadouros comunitários, Tavares (2008), no entanto discorda. Para o autor o significado de fazendeiro no Paraná sempre esteve relacionado com proprietário de grandes áreas, criador extensivo de gado, “que tem a terra como reprodutora de mercadoria. E quando é um agricultor capitalista, produz para o mercado, que de acordo com a conjuntura do mercado de alimentos, produz as monoculturas do trigo, soja, milho, etc.” (p. 462), ele tem como objetivo a extração da renda da terra. Desta forma, a partir do momento que o fazendeiro colocasse suas terras a disposição do uso comum, ele estaria imobilizando-as, tirando delas a característica de mercadoria reprodutora de mercadoria, ou seja a possibilidade de extrair a renda da terra (renda diferencial ou renda fundiária), que, como afirma Oliveira (2007), “é um lucro extraordinário permanente, ela é, portanto, produto do trabalho excedente (...) parcela (...) que o trabalhador dá ao capitalista, além do trabalho necessário para adquirir os meios necessários à sua subsistência” (p. 43), já existente no período de formação dos faxinais. Desta forma, o fazendeiro

da região Centro-Sul do Paraná extraia o máximo que ele pode da terra, por meio da renda absoluta, pois monopolizava a propriedade privada das terras, tanto os fazendeiros que se dedicavam a produção de gado ou os que viviam de aluguel de suas fazendas para invernagem de muarens provenientes do Rio Grande do Sul; e, os que produziam erva-mate, quando essa passou a predominar na economia do Paraná. (TAVARES, 2008, p. 463).

Com isso o autor coloca que o fazendeiro não é uma categoria que influenciou na formação dos faxinais. Aqueles que Chang (1988) denominou de fazendeiros, na leitura de Tavares (2008) são considerados camponeses que possuíam uma maior parcela de terras que a maioria dos camponeses.

Outra questão em que ocorre o combate as ideias de Chang (1988) por parte de Tavares (2008), ocorre quando estes falam sobre as perspectivas dos

faxinais, para Chang (1988) os faxinais estariam fadados ao desaparecimento, este fato pode ser visto a partir do título de seu livro (Faxinais: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná), para a autora os faxinais estão caminhando, de forma irreversível, para a sua desagregação. Este fato, aos olhos de Chang (1988) ocorre porque os faxinais possuem como principais características (uso comum da terra, uso de técnicas consideradas ultrapassadas e a produção de subsistência), além disso, para ela outros fatores auxiliavam para a desagregação do sistema, as novas tecnologias, as quais os faxinalenses não tinham ou não têm acesso, a constante valorização das terras, o esgotamento dos recursos naturais e a ação do Estado, que formulava programas que visavam atender os agricultores dispostos a trabalhar com produtos voltados para as exportações, principalmente o soja, característica não presente entre os camponeses faxinalenses. Desta forma, para Chang (1988) o contexto contribuía para a desagregação dos faxinais.

(...) no Sistema Faxinal há uma coletivização do uso das terras de criação. Este espírito de coletivização é antagônico a racionalidade da produção capitalista, onde o privado é tido com pressuposto inviolável e inquestionável. É devido a este antagonismo que o avanço das forças capitalistas no campo tem significado um constante deslocamento do espaço produtivo ocupado pelos faxinais. A nível concreto isto se evidencia em forma de desagregação do sistema, da qual não nos falta prova hoje. (...) Dentre o elenco dos fatores que de alguma forma contribuem para a desagregação do Sistema Faxinal, pode-se dizer que quatro deles praticamente explicam a síntese do processo: a tecnologia, a valorização da terra, o esgotamento dos recursos naturais e o papel do Estado (CHANG, 1988, p.107).

Ainda com relação as colocações de Chang (1988), Tavares (2008), baseado em entrevista feita por Marques (2005), coloca que estas não mudaram: “no entanto Yu Man Chang (1988), até o presente – 20 anos depois – não viu se concretizar sua tese do fim do ‘sistema faxinal’, mas, mesmo assim, não perdeu as esperanças de existir seu fim” (p. 733). Para Tavares (2008), a partir das palavras da autora, se nota que ela tem como opção “a implantação da política neoliberal patrocinada pelo Banco Mundial” (p 733), para o uso dos recursos naturais (existentes nos faxinais) “que o modo capitalista de produção no campo não conseguiu destruir, em razão da luta e resistência de vários sujeitos sociais do campo, em especial os camponeses” (p. 733).

A sua proposta visa transformar os faxinais em unidades de sequestro de carbono. Nas palavras da autora:

O fundamental é que os moradores de uma área, que se identificam como sendo um faxinal, tenham que ter uma atividade comum, coletiva e que os viabilize enquanto tal; acho que isso é fundamental. Enquanto isto existir, o faxinal vai indo, mas deixando o criadouro em segundo plano. Acho que é por aí a saída. (...) E aí hoje, com esta questão ambiental (...). Agora estou fazendo a minha tese sobre o seqüestro de carbono. Acho que tem uma “deixa” muito interessante que poderia entrar aí. Em tudo que se poderia propor para eles, mas assim pensando numa atividade futura, uma proposta assim meio diversificada, para os pequenos produtores, eles poderiam produzir frango, soja ou madeira, poderia entrar o argumento da questão florestal. E aí seria a Araucária, porque hoje é onde está tendo recursos, para a questão do seqüestro de carbono, para plantar árvores. Poderia adensar um pouco mais as áreas que estão abertas e este adensamento pode ser como seqüestro de carbono. Isso pode render alguns recursos para os produtores e fazer com eles trabalhem coletivamente, tenham um viveiro coletivo e, paralelamente, fazer uma outra parte com uma atividade de renda mais imediata. (MARQUES, 2004, p. 148-149).

As colocações de Chang (1988) estão pautadas em números que indicam a crescente desagregação dos faxinais, aliado ainda as características antagônicas deste sistema ao modo capitalista de produção, que de um modo geral, comanda as dinâmicas micro e macros da sociedade.

Todavia, as colocações de Tavares (2008) mostram-se mais pautadas em questões relacionadas ao método que este autor usa para fazer sua leitura da realidade, a partir das suas convicções ideológicas e políticas, onde se nota uma total coerência com o método que propõe no decorrer de seus escritos. Método este que discorda da neutralidade do cientista, que indica que o cientista carrega em seus escritos o seu contexto histórico e social, onde interesses e valores estão a baila na construção das afirmações ou refutações.

Analisando a realidade por este prisma, é possível o uso da afirmação que Nietzsche (2002) faz em relação a ciência: "Em boa lógica, não há ciência incondicional; tal ciência é absurda, paralógica: a ciência pressupõe uma filosofia, uma ‘fé’ que lhe dê direção, finalidade, limite, método" (p. 105). Desta forma ele busca combater não apenas o que a autora escreve, mas prováveis consequências de seu discurso/modo de analisar a realidade pode vir a gerar.

Para Tavares (2008), os faxinais não se findarão, muito pelo contrário, estarão cada vez mais presentes, tendo em vista que os camponeses faxinalenses são “uma fração singular da classe camponesa paranaense e brasileira, como fruto contraditório e combinado do desenvolvimento do modo capitalista de produção no campo paranaense” (p. 733). O autor ainda conclui com a certeza de que “os camponeses faxinalenses, através de seu movimento social e político, lutarão e resistirão pela manutenção da formação social do faxinal” (p. 737) e, com a

esperança de que as "futuras gerações dos camponeses faxinalenses continuem a lutar e resistir pelo território comunitário camponês" (p. 737) buscando reconquistar as terras expropriadas pelo desenvolvimento do modo capitalista de produção no campo paranaense.

Como vimos, existem várias colocações relacionadas aos faxinais, e com estas vieram também várias discordâncias, seja relacionado a sua gênese, seja relacionado ao seu futuro. Nota-se que o território das comunidades tradicionais faxinalenses entra em franco processo de dissolução com o desenvolvimento da economia de mercado, que se intensificou no Estado do Paraná a partir da década de 1970 com o desenvolvimento das monoculturas de exportação. Sabe-se também que o desenvolvimento do mercado ocorre em duas frentes, uma externa comandada por grandes e pequenos agricultores e grupos madeireiros, outra interna, provocada pela fratura interna da comunidade em relação ao destino das terras de uso comum. Analisar os faxinais por este prisma não é sinônimo de crer ou almejar o seu desaparecimento, do mesmo modo que Chang (1988) também não o fez.

Vimos que em todos os autores abordados neste texto (Chang, Nerone, Tavares) está presente a especificidade do sistema faxinal na organização comunitária da vida social, ainda que numa forma de herança histórica (legado cultural) para uns, e na forma de alternativa de produção da vida (economia de subsistência) para outros.

Todavia, se os faxinais estão se dissolvendo aceleradamente ou passando por uma fase de crise, provavelmente as razões estão no avanço da lógica mercantil e privada (externa e internamente) em detrimento do caráter coletivo dos faxinalenses. As matas com ervais e araucárias (pinhão) e a suinocultura estão desaparecendo ou perderam sua característica de produção coletiva de outrora. O faxinal de hoje não é igual ao faxinal de outrora, e um ponto importante é determinar quais os elementos ainda remanescentes e mais duradouros para determinar a continuidade do sistema comunitário faxinalense.

Acredita-se que nos faxinais remanescentes esse elemento é simplesmente o fato dos faxinalenses ainda estarem juntos, seja compartilhando uma cultura comum (crenças, conhecimentos fitoterápicos) ou gozando a proximidade (vizinhança e parentesco). São esses os elementos mais importantes da

materialidade dos faxinais que deveriam nortear as discussões que direta ou indiretamente digam respeito a essas comunidades.

Apesar dos movimentos públicos e políticos em curso pedirem que os faxinalenses mantenham suas formas de produção tradicionais e seu meio ambiente intacto, estes também anseiam o progresso material da modernidade, talvez como era no período de auge dos faxinais, entre os anos de 1920 e 1960/70. Cabe as esferas (públicas e privadas) que trabalham com estas comunidades dar importância a estas demandas em sua agenda política, e a todos nós apontar as alternativas para viabilizar esse progresso material sem que se destrua essa bela história de comunhão que se desenvolve no centro-sul do Paraná.

3 CAPÍTULO II

3.1 A FORMAÇÃO SÓCIO TERRITORIAL DA REGIÃO DOS FAXINAIS

Embora o objetivo do texto seja de trazer contribuições relacionadas a formação e povoamento da região denominada Paraná Tradicional, região esta que possui como característica a localização de grande parte dos faxinais do Estado. O texto, buscará também resgatar a história do Paraná, através de um viés econômico, trazendo elementos que possam dar rumos às discussões relacionadas a formação e a povoamento do estado.

Mesmo já sendo habitado pelos indígenas, no momento em que se busca elaborar textos relacionados a história do Estado do Paraná, vê-se como requisito apenas a contextualização a partir de meados do século XVI, época em que ocorreram os primeiros contatos entre os indígenas e os colonizadores (paulistas e/ou portugueses).

Wachowicz (2001), ao falar sobre os primeiros contatos entre os índios e os colonizadores, coloca que “os primeiros índios paranaenses que entraram em contato com os portugueses foram os carijós” (WACHOWICZ, 2001, p. 15). Estes índios habitavam a parte Leste do Estado. O contato com os índios não era sempre amistoso, fato este que ocasionava várias baixas, principalmente entre os indígenas.

Com relação ao povoamento do Paraná, Fajardo (2007) coloca que este movimento foi orientado pelas diversas fases econômicas que o Estado passou, tendo como consequência um processo de povoamento irregular que era uma resposta ao estímulo econômico dos locais.

Visando cumprir com o objetivo deste texto, serão abordados os principais ciclos econômicos e alguns fatos/acontecimentos históricos que influenciaram nesta formação. Esta análise está pautada nos estudos relacionados a formação econômica e social porque estes possibilitam “o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações” (SANTOS, 1977, p.2).

O recorte temporal, como já foi colocado, será feito a partir do século XVI, época da chegada dos primeiros colonizadores nas terras do Paraná, até a atualidade, ou seja, buscar-se-á levantar as principais contribuições destes cinco

séculos na formação territorial do Paraná tradicional (Figura 1) e, por consequência dos faxinais.

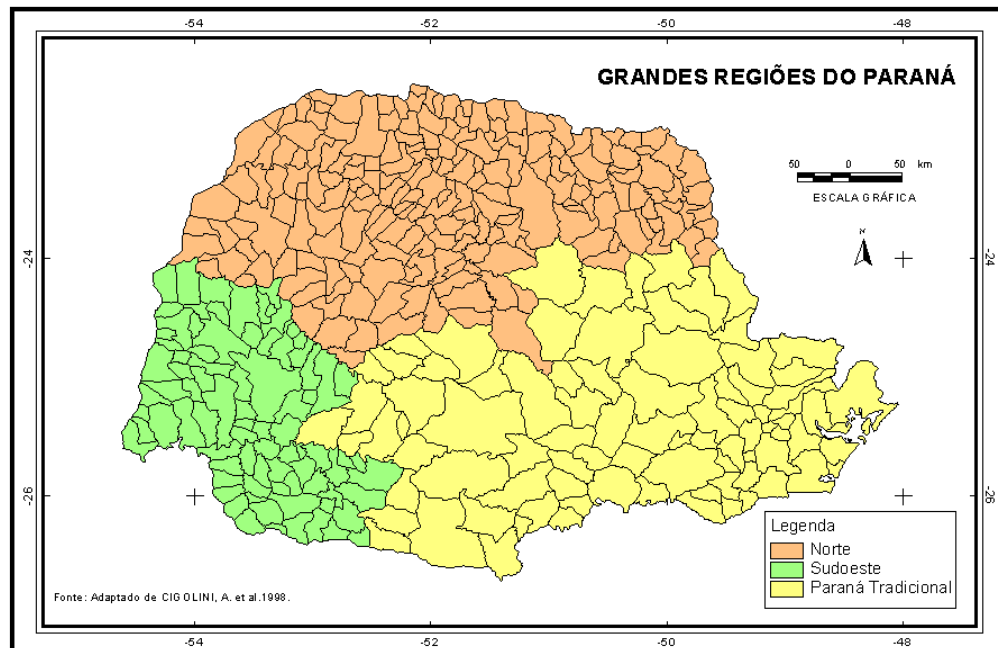


Figura 1 - Mapa das grandes regiões do Paraná.
Fonte: CUNHA, 2003.

É necessário ainda lembrar duas questões importantes. A primeira está relacionada a colonização espanhola na América do Sul e a sua 'contribuição' para a ocupação portuguesa na direção Oeste. E a segunda está relacionada aos ciclos econômicos paranaenses, os quais não serão analisados como sucessores um do outro, mas como coexistentes, ora com maior ou menor ênfase.

Os movimentos do Império Colonial espanhol na parte meridional da América do Sul também contribuíram para que ocorressem muitos dos movimentos em direção ao Oeste paranaense. Sabendo que ainda no princípio do povoamento, na fase colonial, existiam disputas territoriais entre portugueses e os espanhóis, que possuíam maior parcela do atual território do Paraná. "Esse período de dominação espanhola na parte ocidental do Paraná foi caracterizado pela instalação de vários povoados e reduções jesuíticas" (FAJARDO, 2007, p. 90). Segundo Machado (1951), a história da expansão espanhola, que tinha como centro Buenos Aires e Assunção influenciou significativamente na história do Paraná.

"Ao mesmo tempo que o Império colonial português, partindo das vilas do litoral de S. Paulo se expandia para oeste e para o sul, o Império colonial espanhol subia os rios Paraná, Paraguai e Uruguai para norte e leste, deixando cada vez menor a terra de ninguém que mediava entre ambos.

Daí nasceram os contactos e os choques que caracterizam a história do sul do Brasil por quase dois séculos” (MACHADO, 1951, p. 8).

Com relação aos ciclos econômicos paranaenses, é importante o discernimento de que estes não são uns sucessores dos outros. Neste trabalho, descarta-se a ideia de linearidade dos ciclos, argumenta-se no sentido de que não é necessário que o ciclo termine para que outro surja. Isto porque, em muitos momentos estes são contemporâneos, porém, com pesos diferentes na economia. “Na realidade, houve sempre a presença das atividades de uma ou outra fase ao mesmo tempo, mas de modo em que a crise de uma elevasse a participação da outra” (FAJARDO, 2007, p. 91).

Para auxiliar nesta visão é necessário trabalhar com as simultaneidades inseridas no espaço geográfico.

Numa mesma fração desse espaço, delimitada pelas características específicas do território, diversos fenômenos, sistemas e economias desenvolvem-se simultaneamente, e isso, normalmente, não é considerado. Certamente, essa tarefa é dificultada pelo instrumento que é a própria razão de ser da existência do texto: a linguagem (CUNHA, 2003, p. 4)

É a linguagem que dita a sucessão sequencial, por isso é necessário, em muito momentos tentar abandoná-la e tentar captar as simultaneidades tendo em vista, que com isso “elementos são inseridos e retomados em todos os pontos, tentando construir cortes no processo histórico-geográfico, procurando reconstituir, em alguns espaços do texto a geografia histórica de cada um dos momentos abordados” (CUNHA, 2003, p. 3). E ainda,

“Os mapeamentos laterais que possibilitam entrar na narrativa quase em qualquer ponto, sem perder de vista o objetivo geral: criar meios mais criticamente reveladores de examinar a combinação de tempo e espaço, história e geografia, período e região, sucessão e simultaneidade (...) o que se vê ao olhar para as geografias é obstinadamente simultâneo, mas a linguagem dita uma sucessão sequencial, um fluxo linear das afirmações elocutivas, limitadas pela mais espacial das restrições terrenas a impossibilidade de dois objetos (ou palavras) ocuparem exatamente o mesmo lugar (como numa página)” (SOJA, 1993, p.8-9).

A sequencia do texto tem por intuito mostrar os principais ciclos e acontecimentos que influenciaram na formação da região que hoje abriga os faxinais. O texto parte do pressuposto que o 'Brasil já nasce' dentro do modo capitalista de produção, tendo em vista a motivação básica para qualquer movimento (pós descobrimento) em território brasileiro era o lucro, como foi o caso dos movimentos que adentraram as terras do atual Estado paranaense. Todavia, não descarta a possibilidade de coexistência de relações de produção não capitalistas,

pré-capitalistas e capitalistas ao longo dos séculos. Pois, como afirma Luxemburg (1985):

Para existir e poder desenvolver-se o capitalismo necessita de um meio ambiente constituído de formas não-capitalistas de produção. Mas, não é qualquer forma aleatória que o satisfaz. Ele necessita de camadas sociais não-capitalistas como mercado, para colocar sua mais-valia; delas necessita como fontes de aquisição de seus meios de produção e como reservatório de força de trabalho para seu sistema salarial (p. 253).

Primeiramente serão analisadas as contribuições dos acontecimentos que possuem relação com a gênese dos faxinais, nestas análises estão as influencias do Ciclo do Ouro, que tem início no século XVI e se finda no século XVII e do Ciclo do Tropeirismo, que tem sua gênese por volta da segunda metade do século XVII e vai até as primeiras décadas do século XX.

Em um segundo momento serão apresentadas as contribuições dos acontecimentos que possuem relação com a fase de consolidação dos faxinais. Neste ponto estarão presentes questões relacionadas ao Ciclo da Erva-Mate, das Revoltas (Federalista e do Contestado) e as imigrações, este período começa a partir da metade do século XIX e se finda antes da primeira metade do século XX.

O terceiro e último item deste capítulo está relacionado aos ciclos mais recentes, no caso o da madeira e o agronegócio, embora o primeiro tenha sua gênese no final do século XVIII, ele acaba sendo um dos principais causadores da crise e/ou desagregação dos faxinais. Desta maneira, serão estes os principais assuntos que serão vistos a partir do próximo tópico.

3.1.1 Do ouro às tropas: a influencia na formação dos faxinais.

A sede por riquezas fez com que cada vez mais os colonizadores adentrassem nas terras, que atualmente compõem o Estado do Paraná, primeiramente em busca de indígenas para escravizar e depois em busca de minerais. “A frequente descoberta de ouro de aluvião nos ribeirões do litoral, da Serra do Mar e primeiro planalto mantém a ilusão e, por quase dois séculos, o Paraná faísca ouro sempre na esperança que no próximo morro se revele o filão” (LICCARDO *et al*, 2004, p. 45). Como esta esperança não se concretizou e, por consequência a quantidade de metais preciosos (principalmente ouro) encontrados

no Estado não foi muito significativa, como afirma Luccardo *et al* (2004) “embora desencadeador do ciclo do ouro brasileiro, o Paraná pouco contribuiu para abarrotar as burras da casa real lusitana” (p. 45), os colonizadores que continuaram na região tiveram que deixar esta prática e se dedicar a outras práticas para sua reprodução social. Convém ainda salientar que no início deste período a maioria da mão-de-obra usada na coleta de ouro era de escravos indígenas, todavia, devido a falta de índios a mão-de-obra negra começa a ser usada. Com relação as fugas de escravos, Monteiro (1999) coloca que eram mais comuns as fugas de índios que de negros, tendo em vista que estes eram “muito mais propensos a fugir das fazendas do que sua contrapartida da africana, já que eram nativos do Brasil e sua cultura 'atrasada' impedia a adaptação dos mesmos aos rigores do trabalho forçado (1999, p. 181).

Cunha (2003) coloca que esta busca pelo ouro fez com que os mineradores viessem a adentrar na direção Oeste da então Província, transpondo a Serra do Mar e, desta forma atingiram o primeiro planalto. “A partir desse momento que se iniciou a ocupação (...) que se consolidou com a fundação da vila que deu origem a atual cidade de São José dos Pinhais, em 1690, e, em 1693, uma outra da qual se originou a capital do estado” (p. 49). Como a quantidade de ouro era mínima e, desta forma, inviável para a sobrevivência neste ramo, os colonizadores tiveram que mudar sua estratégia de sobrevivência.

Além destes fatores, a estratégia para assegurar a reprodução social destes atores teve que se adequar as condições naturais (clima, solo, bioma, etc), que eram muito diferentes das litorâneas, ou seja, o meio ambiente ou o natural teve grande influência e/ou propiciou novos modos de vida.

Escasseados novos descobrimentos e as produções das minas, os grupos advindos passaram a explorar o pastoreio e este novo gênero de vida foi exigindo esforços sedentários, fixados em torno dos currais da criação e foram surgindo os sítios e nas zonas deles os arraiais estáveis, nebulosas de aldeias, vilas e cidades (MARTINS, s/d, p. 217).

Estes fatos, aliados a necessidade da busca por novas alternativas para a sobrevivência, fizeram com que os novos moradores se adequassem a uma atividade econômica que estivesse relacionada com os solos, o clima, a vegetação e o relevo da região. Como destaca Padis (1981) as atividades econômicas desenvolvidas no Paraná, “desde os seus primórdios, são resultantes, em parte considerável, da combinação de seus solos com os climas” (p. 12). Desta maneira, como afirma Cunha (2003), “o relevo plano dos campos que dominavam o planalto

curitibano, portador de uma vegetação rasteira e própria para alimentação de gado, permitia o desenvolvimento da criação como principal atividade econômica da região” (p. 49). Neste ponto é possível um regresso aos escritos de La Blache, principalmente aqueles que estão pautados sobre a relação existente entre o homem e a natureza, onde esta última possibilita as respostas humanas.

Neste caso, ficaria evidente a relação existente entre o meio ambiente e o homem. Onde uma das possibilidades de reprodução social destes grupos estava atrelada ao que a natureza lhes oferecia. Martins (s/d) coloca em pauta este assunto, quando afirma que:

O campo e a floresta, não somente decidiram de nossa existência como de nossa índole. Nos primeiros tempos fomos criadores e tropeiros e todas as nossas antigas cidades do planalto tiveram origens nessas atividades dos nossos antepassados. O nosso homem do campo, porém, encontrou na floresta mais fácil exploração de riquezas e se fez extrator de erva-mate e, depois, também de madeiras. Em todas estas atividades fizeram-se fortunas (...). A simples explanação dos fatos já observados e admitidos por essa nova ciência, divide as regiões geográficas pelas possibilidades que elas concedem ou negam aos seus habitantes. Em síntese: o trabalho humano é um contato com a terra (MARTINS, s/d, p.10)

Desta maneira se nota que os domínios campestres e florestais tiveram grande peso no desenvolvimento de cada um dos ciclos econômicos deste Estado. Naquela fase possibilitaram a ascensão de uma nova atividade econômica, que viria ser uma alternativa a frustrada busca por riquezas minerais, no caso a pecuária. Além de proporcionar a (re)ocupação destes domínios por uma população de origem portuguesa juntamente com seus escravos (índios e africanos).

Desta forma, a relação deste primeiro ciclo com os faxinais está vinculada as fugas dos escravos. Estes deixavam as lavras de ouro em busca da liberdade nas terras longínquas e acabavam (re)habitando as matas. Como muitos destes índios já haviam tido contato com a vida nas missões, quando eles se embrenharam nas florestas acabaram reproduzindo alguns dos costumes relacionados àquele modo de vida, que hoje podem ser verificados nos faxinais.

O outro ciclo que terá influência na formação dos faxinais será o do tropeirismo. Para Martins (s/d) um dos pontos importantes para a gênese desta atividade estava na efetiva ligação entre a Vila de Curitiba e Viamão, ao Sul, e a São Paulo ao Norte no ano de 1730. Este caminho, segundo o autor, foi notável não apenas pelo comércio de gado que propiciou, como também por influenciar o surgimento de povoações nos Campos Gerais. Nestes os vilarejos surgiam nos

locais destinados aos pousos das tropas, locais de descanso ou internada das tropas.

A partir disso, fica notável como o comércio e a criação de gado influenciaram decisivamente no povoamento do território paranaense, Martins (s/d) ainda ressalta que esta influência foi muito superior ao da mineração do ouro, tendo em vista que este último restringiu-se apenas ao povoamento de Paranaguá, São José do Pinhais e Curitiba. Para este autor “foi o ciclo pastoril e tropeiro mais criador de êxitos felizes que os que dera origem as entradas de preadores de índios e de caçadores de pepitas auríferas” (MARTINS, s/d, p. 223).

Desta forma, juntamente com o desbravamento das terras do Primeiro Planalto (século XVII), se findou o ciclo do ouro, que teve seu início em meados do século XVI, ou seja, começa a se desenvolver uma sociedade com características diferentes da atual, como mostra Cunha (2003).

Os mineradores que chegaram ao planalto curitibano, a mais de 900 m de altitude, não encontraram ouro. Os que se fixaram na região buscaram outras alternativas de sobrevivência, num meio natural totalmente diferente das encostas da serra e da planície litorânea. Nessa área, a diferença de altitude provoca uma oposição, numa mesma latitude, de um meio com características tropicais, a um outro, nas altitudes mais elevadas, tipicamente subtropical ou temperado. Ao lado dessa significativa diferença climática, aliam-se diferenças geomorfológicas, pedológicas e florísticas que dão ao planalto características totalmente diferentes do litoral, mesmo numa distância que não ultrapassa 100 km. Dessa forma, iniciou-se no planalto, no final do século XVII, a formação e desenvolvimento de uma sociedade com novas características adaptadas ao meio natural (CUNHA, 2003, p. 4).

Esta nova atividade econômica, que como vimos, começa no final do século XVII, fase esta, de novos descobrimentos de ouro em Minas Gerais, onde houve uma súbita concentração de pessoas devido a busca por metais preciosos. Naquela região, fato comum era a ausência ou carência de gêneros alimentícios e de animais de carga. Balhana *Et al* (1969) coloca que a organização deste abastecimento foi o grande problema que o governo colonial teve que enfrentar na primeira fase do século XVIII. “Com isto o Norte e o Sul do Brasil se empenharam neste problema, encontrando, a final, em Minas Gerais, o mercado para o produto de suas atividades econômicas” (BALHANA *Et al*, 1969, p. 62).

Está sendo inaugurada/efetivada uma nova fase de atividades econômicas dos habitantes do Paraná e do Sul de São Paulo, a fase do tropeirismo. Balhana *Et al* (1969) ao definir tropeirismo coloca o seguinte:

Consistia o negócio em ir comprar as muladas no Rio Grande, no Uruguai, na Argentina, conduzi-las em tropas, numa caminhada de três meses pela

estrada de Viamão, inverná-las por alguns meses nos campos do Paraná, e vendê-las na grande feira anual de Sorocaba, onde vinham comprá-las paulistas, mineiros e fluminense (BALHANA *Et al*, 1969, p. 65).

Foi no ano de 1731 que a primeira tropa de gado transitou pela nova estrada, esta tropa compunha-se de “duas mil e tantas cabeças entre cavalos, mulas e éguas” (BALHANA *Et al*, 1969, p. 95). Segundo Frioli *Et al* (1984) o auge do tropeirismo será no século XIX, principalmente na primeira parte da metade daquele século, “o tropeirismo conheceu no século 19, especialmente de 1850 a 1870, o apogeu do seu desenvolvimento, medido pelas feiras de Sorocaba, que apresentaram movimentos de 50 a 100 mil muares vendidos” (FRIOLI *Et al*, 1984, p. 22).

É em consequência desta fase que começam a surgir muitas cidades no Estado. Elas surgirão nos roteiros das tropas, das fazendas e das internadas, como é o caso de cidades como Castro, Palmeira, Lapa, Ponta Grossa, Guarapuava e Palmas. Nestas cidades, sob a base da grande propriedade (principalmente de campos naturais) destinada a criação de gado, ao tropeirismo e a internagem, será comum o uso de mão-de-obra escrava (primeiramente a indígena e depois a negra). Além disso, serão destas cidades que sairá a classe dominante regional, que comandará a política do Estado até o final do século XX.

Todavia, no Paraná, nem todas as pessoas que residiam na zona rural dedicavam-se a trabalhos relacionados pecuária ou tropeirismo. Sendo assim, além desta atividade também foram desenvolvidas outras formas de produção, como foi o caso da agricultura de subsistência, que Cunha (2003) coloca como uma atividade complementar a principal. Os responsáveis por este modo de produção (complementar) eram os produtores livres, que estavam estabelecidos na região, principalmente na região das matas (ou em capões de mato). O estabelecimento destas populações nestas áreas era justificado pela inviabilidade do terreno para a criação de gado, fato este que deixava estas terras mais acessíveis aos pequenos produtores.

De forma complementar a criação de gado desenvolveu-se também uma agricultura de subsistência em pequenas unidades, que era responsabilidade de uma pequena população livre estabelecida nos campos. Essa população dividia-se em produtores autônomos e agregados, que formavam famílias pobres que se agregavam as fazendas. O importante nesta parte do trabalho é destacar que esse “núcleo de agricultura de subsistência” nas fazendas só era possível de ser instalado em regiões de matas (CUNHA 2003, p. 54).

Assim, nota-se a ausência de um grande interesse por parte dos fazendeiros em ocupar uma região de mata, como é o caso das matas com araucárias. Esta repulsa as áreas de matas é consequência da opção pela criação de animais de grande porte voltados para abastecer o mercado mineiro, que vivenciava contínuas descobertas de ouro.

Aos surtos de novos descobrimentos de ouro noutras regiões do país, nas Minas Gerais, principalmente, a criação se desenvolveu, e aos campos de Curitiba vinham os aventureiros da Vila de Santa Ana do Parnaíba, centro de compra e venda de ouro e de formação de bandeiras descobridoras, buscar o gado preciso para as suas entradas e permanências nos sertões de Sabará e de Ouro Preto (MARTINS, s/d, p. 217).

Chang (1988) irá demonstrar isso no momento que fala do pouco interesse dado pelos fazendeiros às regiões cobertas por araucárias. Estas regiões serão usadas pelos agregados das fazendas para sua reprodução social. Nestas áreas se torna comum a produção de produtos de subsistência, além do porco e da extração da erva mate.

Waibel (1979) quando fala sobre o Sul do Brasil ressalta a diferença existente entre as áreas cobertas por florestas e as áreas de campo. Diferença esta que não se restringe apenas na questão natural, mas também na cultural. “São diferentes quanto as condições naturais, tanto quanto as econômicas, sociais e raciais” (WAIBEL, 1979, p. 231).

Esta diferença pode ser vista ao analisar as populações das áreas com domínios florestais, que de um modo geral é composta por pequenos agricultores, que produzem os mais variados produtos, geralmente destinados a subsistência da família e a venda. Já nos campos é comum a ocorrência de grandes propriedades, fazendas destinadas a produção de animais de grande porte, geralmente parte do excesso da produção dos primeiros é comprada pelos fazendeiros.

Nas áreas que eram outrora florestais, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos, que fundamentalmente com suas esposas e filhos têm lavrado a terra estabelecendo lares de tipo europeu. Nos campos vizinhos vive o fazendeiro, de origem luso-brasileira, que cria bovinos e cavalos em grandes propriedades e tem como empregados negros e mulatos, descendentes de antigos escravos. Com frequência, conservam um modo de vida quase medieval, de tipo feudal e aristocrático; consideram o colono laborioso como inferior, e são arrogantes e presunçosos nos seus contatos com ele. (...) Assim, a mata e o campo são dois mundos inteiramente diferentes no Sul do Brasil (WAIBEL, 1979, p. 230-231).

Dessa forma, Cunha (2003) enfatiza a questão relacionada a interação homem-natureza. Para o autor esta relação torna-se “um elemento da maior

importância para definir limites de sociabilidade, os quais, por sua vez, permitem inserir a questão das relações entre homens culturalmente distintos numa determinada fração do espaço geográfico” (CUNHA, 2003, p. 4).

Foi este modo de produção mercantil, voltado para mercados regionais, o principal responsável pela necessidade de terras em abundância na região colonizada. Gutiérrez (2006) coloca que juntamente com a produção mercantil veio a necessidade do trabalho escravo que a princípio, nos idos do século XVII, foi preenchida pelo índio, fosse no trabalho agrícola ou na mineração. Além disso, os índios cativos ainda foram vendidos em outras regiões do país.

É possível notar que esta busca por alternativas econômicas, além de ter influenciado o povoamento de outras áreas do Estado, também foi um meio de conhecimento da região e, por que não, de seus habitantes, no caso os índios. Habitantes estes, que foram o alvo de vários movimentos, desde religiosos, como foi o caso dos jesuítas, que buscavam convertê-los ao cristianismo, como mercadológico, onde o indígena era alvo, primeiramente dos colonizadores ou colonos que se situaram no primeiro planalto, pois estes “iniciaram a apropriação direta da força de trabalho indígena por meio de expedições predatórias ao sertão” (TAVARES, 2009, p. 402) e, em seguida dos bandeirantes, que tinham por objetivo arrebanhá-los e torná-los escravo.

Entretanto, no início do século XVIII, com a ascensão da pecuária, que se tornara a principal atividade comercial e a queda do número de escravos indígenas, que haviam se embrenhado nas matas, começou o uso da mão-de-obra negra. Assim, os escravos oriundos da África, substituíram paulatinamente o indígena.

Com relação ao uso da mão-de-obra negra no Estado do Paraná, Gutiérrez (2006) coloca que em 1798, no primeiro quadro que demonstrava as localidades até então existentes (Antonina, Guaratuba, Paranaguá, Castro, Curitiba, Lapa e São José dos Pinhais), foi relacionado a existência de 4.273 cativos, ou seja, 20,3% da população total (20.999). O número de escravos seguiu crescendo, principalmente devido a pecuária. Como foi o caso de Castro, onde o número de escravos representava “21,8% da população em 1810, e vinte anos depois registrava 26,9%; o percentual de Ponta Grossa (freguesia subordinada a Castro) era em 1830 de 19,1% e o de Palmeira de 31%” (GUTIÉRREZ, 2006, p. 102).

Os movimentos de captura dos indígenas, principalmente o encabeçado pelos bandeirantes, fizeram com que muitos índios viessem a fugir de suas aldeias

ou reduções, buscando o interior das matas. Fato similar também ocorria com o negro, todavia, este último fugia das fazendas. Estes fugitivos, para muitos autores, terão uma importante influência na formação dos faxinais no Estado do Paraná, pois levarão consigo todo o conhecimento que adquiriram, seja com os jesuítas ou com os fazendeiros. Tavares (2009) coloca que os escravos fugitivos, no caso o indígena (fugitivo das reduções, dos aldeamentos ou dos bandeirantes) e o negro (que não foi formar quilombo), encontraram-se nas matas de Araucárias, onde fizeram uma espécie de aliança, na qual uniram a prática de terras de uso comuns (aprendida pelos índios nas missões), a prática de criação de animais (aprendida pelos escravos nas fazendas do primeiro planalto) além, da prática da extração da erva-mate, já conhecido pelos dois grupos.

Neste período da história paranaense já se nota a presença de vários atores se relacionando, os índios (primeiros habitantes e escravos), os portugueses (colonizadores), os bandeirantes e os negros (mão-de-obra escrava). É nesta fase, onde começam a ocorrer as alianças entre os índios e os negros, que são lançadas as bases dos faxinais na região das matas. Segundo Tavares (2009), foi da união destes dois grupos que nasceu o modo de vida comum hoje nos faxinais.

Para a construção dessa fração do território comunitário camponês faxinalense foi necessário que no princípio ocorressem alianças entre os povos indígenas, mesmo sabendo-se que o cenário político era constituído por complexas configurações de alianças e conflitos entre grupos locais, bem como entre grupos Guaraní e outras sociedades indígenas, especialmente os Guaykuru e Kaingang e, os povos africanos que também realizavam fugas para escapar do trabalho escravo, principalmente aqueles que não constituíram quilombos (TAVARES, 2009, p. 399).

O interessante neste caso é que ocorre a união de duas etnias distintas, a africana e a indígena, porém com algumas características comuns, tais como: os dois eram considerados inferiores, em muitos casos desprovidos de almas e foram escravizados. Ainda com relação aos índios, Langer (2007) ao falar sobre os estudos relacionados a ocupação territorial e formação social das regiões paranaenses, afirma que “os grupos indígenas (...) são tratados ora subliminarmente, por estabelecerem alguma relação com outros temas, ora como personagens históricos de tempos distantes em que são apresentados simultaneamente como heróis e vítimas” (LANGER, 2007, p. 73). É notável que estes modos de analisar os indígenas não conseguem retratar de modo mais consistente a sua influência na formação territorial do Estado.

Ainda no século XVIII, o mate, que já era largamente consumido pela população, se torna de forma gradual, um importante produto comercial. Isso ocorreu simultaneamente as transformações que aconteciam na economia da Sociedade Campeira, na qual se incorporava cada vez mais os negócios das tropas, em especial o aluguel dos pastos, transformando-os em invernagens.

Um exemplo disso está nas transações comerciais que ocorriam na então Vila de Guarapuava, onde eram realizadas compras e vendas de gado, cavalos e muares. Animais estes procedentes da Província do Rio Grande do Sul. Neste local, segundo Santos (2005) os animais “invernavam nos Campos de Guarapuava para recuperar o peso e melhorar a qualidade, para serem comercializados na feira de Sorocaba” (p.161).

Calcula-se em mais de trinta mil os animais que anualmente passam por esta comarca e vão para feira de Sorocaba (...) e tendo este município grande parte de campos de criar neles ficam uma boa parte dos animais esperando o tempo da feira o que resulta ao comércio grande vantagem incrementado bastante o estado monetário (CAMARA MUNICIPAL DE GUARAPUAVA, 1870, s/p).

O tropeirismo atingiu o auge em meados do século XIX. Poucas décadas depois essa atividade entrou em crise. Para Caram (2004) esta crise em parte começou devido a consolidação da ferrovia como principal meio de deslocamento e integração entre o litoral e as cidades do interior paulista, o que resultou em maior rapidez, maior volume de transporte de carga, além de considerável redução dos custos em relação ao sistema realizado por animais. Assim, o que durante anos constituiu um negócio lucrativo para os tropeiros e criadores de muares começa a sofrer alterações significativas.

É ainda no século XIX, época de plena monarquia, que foram realizados os primeiros investimentos consideráveis na construção de ferrovias e estradas carroçáveis no Brasil, embora ocorressem investimentos neste setor, Frioli *Et al* (1984) coloca que a modernização propriamente dita dos transportes “só viria ser uma característica no nosso século” (FRIOLI *Et al*, p. 22), ou seja no século XX. Todavia, estas mudanças já serão sentidas pelas economias pautadas no tropeirismo.

A penetração das ferrovias fluminenses a partir da década de 1870 também fez com que a demanda mineira por bestas fortes do sul do país caísse de sua média histórica de cerca de 14.200 animais por ano em 1852/73 para 6.300 em 1873/80. (...) O transporte no lombo de bestas estava confinado, a partir de então, a áreas longínquas e de difícil acesso, ou então ao cumprimento de pequenos trajetos que separavam os núcleos populacionais das estações ferroviárias. O ciclo do luar chegava a seu termo,

esmaecendo juntamente com o impulso de demanda das Minas Gerais, que lhe dera origem e o acompanhara de perto durante todo o seu desenvolvimento (SUPRINYAK; RESTITUTTI, 2006. p. 16)

Embora o tropeirismo ainda consiga se manter até a década de 1930, os estudiosos do tropeirismo atribuem o “seu declínio e extinção do ciclo, ocorrido na década de 30, ao deslocamento ou perda do uso do muar no sistema de transporte de carga, hoje feito principalmente por caminhões” (FRIOLI *Et al*, 1984, p. 22).

Com isso, nota-se que as estradas de ferro não trouxeram de imediato o fim do uso de tropas. Um exemplo disso está em Ribas (1988), quando o autor fala sobre o uso de muares nas roças de café em Vassouras-RJ. O autor coloca que após a inauguração da estrada de ferro D Pedro II, em 1858, o número de muares diminuiu. “A estrada de ferro não findou o uso de tropas, ela reduziu. Nas lavouras importantes de café de 42 para 14 bestas muares e nas lavouras de café não vistas como importantes de 21 para 10 bestas muares” (RIBAS, 1988, p. 214). Outro motivo que fez com que ocorresse a queda na compra de muares está relacionado a crise cafeeira que ocorreu na região. “A redução das tropas nas lavouras de café em Vassouras era por causa da expansão das linhas férreas na região e por causa da crise na lavoura cafeeira no município a partir de 1870” (RIBAS, 1988, p. 214).

Ribas (1989) coloca que as bestas muares eram oriundas de fora da cidade de Vassouras, vindas de Sorocaba e das províncias do Sul, comentário que pode ser usado para exemplificar a queda pela procura por muares, carro chefe da economia no Sul. Com a queda dos lucros oriundos do tropeirismo, a atenção dos fazendeiros se voltava para as florestas, devido a possibilidade de extração de lucros através da atividade ervateira. Entretanto, grande parte destas florestas já estavam ocupadas pelos atores sociais que formariam os faxinais.

3.1.2 Da erva-mate aos novos imigrantes: consolidação dos faxinais

As matas começam a se tornar essências para a reprodução social das famílias. Para elas começam a se dirigir os camaradas e agregados das grandes fazendas e fazendeiros falidos. Neste contexto, a via de sobrevivência de muitas destas famílias centra-se em uma economia que tem como base cultivos voltados

para a subsistência, a criação de suínos e a extração da erva-mate (CHANG, 1988). Desta maneira, para muitos autores, da união dos fazendeiros falidos, dos caboclos e ex-agregados das fazendas começam a serem efetivados os faxinais, tais como conhecemos atualmente.

Chang (1988) coloca que com a criação dos faxinais, todos estes atores obtiveram vantagens (fazendeiros, colonos/caboclos e agregados). O fazendeiro lucrou porque com a contribuição em terra ele podia consorciar a exploração do mate e a pecuária. Além disso, ele tinha mão de obra para usar nas épocas que precisasse, como na construção das cercas coletivas, já que grande parte de suas terras eram cercadas sem a necessidade de pagamento. Para os colonos, a construção do criadouro comum trouxe a segurança contra a entrada de animais nas lavouras, além da possibilidade de criar seus animais à solta, diminuindo assim custos. Para os agregados, as benfeitorias davam a possibilidade de adquirir o direito de criar animais e residir no criadouro em troca da sua força de trabalho.

A partir do momento que o uso coletivo da terra beneficiou a todos estes atores sociais, a consequência foi a proliferação dos criadouros comuns e, conseqüentemente, dos faxinais, que no seu auge chegaram a ocupar aproximadamente um quinto do Estado do Paraná. Mais uma vez, foi nos (dos) recursos naturais do Paraná Tradicional que a população local encontrou as possibilidades de promover um determinado processo de reconversão produtiva e/ou reprodução social.

Ainda com relação a extração da erva-mate, Barreto (2008) coloca que o processo de ocupação da região da mata com araucárias tomou novo rumo com a decaída do tropeirismo. Agora a busca era por áreas com florestas, ou seja, quando a extração da erva-mate, que já era comum na região, tornou-se uma atividade econômica mais rentável, ou a única alternativa, “um novo tipo de fazenda apareceu com esta atividade, não mais aquela sustentada pela relação senhor - escravo, mas ainda marcada pela concentração de terras” (BARRETO, 2008, p. 50). Agora a mão-de-obra que o fazendeiro precisava na época da poda da erva-mate, trabalho sazonal, era suprida pelos agregados das fazendas e pelos camponeses que já viviam nas florestas e necessitavam de trabalho para complementar sua renda.

Para Bondarik *Et al* (2006), a atividade ervateira teve grande peso na constituição econômica e mesmo cultural do Estado do Paraná, pois ela, além de ajudar na construção de sua identidade histórica, contribuiu para o estabelecimento

de Curitiba como um polo econômico. “A industrialização da erva-mate, com sua consequente exportação, fez inserir o Paraná, em pleno século XIX no cenário do mercado internacional, acostumando o Porto e a cidade de Paranaguá a lidar com navios e comerciantes estrangeiros” (BONDARIK *Et al* 2006, p. 7).

Fato de fácil verificação é que este ciclo que a erva-mate representou, teve significativa importância no processo de construção dos alicerces econômicos do Paraná. Outra questão que deve ser colocada em pauta está relacionada a relação deste ciclo com a economia na região das araucárias, ou seja, da Floresta Ombrófila Mista, que segundo Maack (1968) abrangia uma área de 73.780 km², ocupando as altitudes mais elevadas (superiores a 500 m) e de temperaturas mais baixas do Planalto Meridional Brasileiro, dentro do Paraná.

Esta região é palco e vários acontecimentos e organizações que terão singular importância na formação territorial do Estado do Paraná, principalmente do Paraná Tradicional. Uma destas organizações é o faxinal, que como se sabe, é uma forma de organização camponesa característica da região Centro Sul do Estado do Paraná. Barreto e Löwen Sahr (2007) além de destacarem a presença da erva-mate na região ocupada pelos faxinais, deixam em evidência a sua importância para a consolidação dos faxinais no Paraná.

A erva-mate (*ilex paraguarensis*, st. Hil.) é uma planta nativa da região compreendida pela Floresta Ombrófila mista; seu pleno desenvolvimento e dá principalmente no sub-bosque dessa floresta a sombra do Pinheiro de Araucária. Sua presença em grande quantidade constitui os ervais nativos. (...) como decorrência dessas ocupações e da extração e beneficiamento da folha verde da erva-mate consolidou-se, no interior das Florestas Mistas do Centro Sul e do Sudeste, uma forma de organização camponesa, muito específica conhecida como Faxinal (BARRETO e LÖWEN SAHR, 2007, p. 74).

Foi, a partir da produção da erva-mate, que muitas indústrias passaram a fazer parte do cotidiano destas localidades. Esta industrialização, aliada ao comércio, principalmente o voltado para a exportação, influenciou na construção de um modelo de desenvolvimento para toda a região (Curitiba e Paraná Tradicional). Segundo Bondarik *Et al* (2006) esta economia caracterizou um “modelo social e cultural que ainda hoje se reflete e pode ser identificado nas características que diferenciam Curitiba e o Paraná Tradicional do restante do Estado” (p.7).

Outro fator que tem influência na formação da região dos faxinais é a vinda de imigrantes europeus para o Paraná. Estas imigrações, como afirma Balhana *Et al* (1969) foram incentivadas após a independência do Brasil, pois era de crucial

importância a povoação dos vazios demográficos existentes. Desta maneira, surge no Paraná, no ano de 1829, a primeira colônia alemã, localizada na cidade de rio Negro. Após isso, várias colônias foram estabelecidas no Paraná, principalmente entre os anos de 1880 e 1900. Neste intervalo, dentre os imigrantes que chegaram ao Paraná estavam os alemães, os russos, poloneses, ucranianos, franceses, suíços, italianos, etc.

Quanto a composição étnica destas colônias, Balhana *Et al* (1969) coloca que embora seja variada, existe a predominância de poloneses e ucranianos.

Embora mantenha-se aquele caráter de variedade étnica que é constante nos contingentes imigrados para o Paraná, houve acentuada predominância de elementos eslavos, principalmente poloneses e ucranianos, que constituem, alias, pelo seu número, o grupo étnico mais significativo das correntes migratórias dirigidas para este Estado (p. 183)

Segundo Tavares (2008), estes imigrantes contribuíram significativamente para a consolidação dos faxinais do Paraná, tendo em vista que os poloneses e ucranianos trouxeram a cultura do uso comum de pastos e florestas. Já os camponeses portugueses trouxeram a prática do uso comum da terra dos baldios portugueses.

A hipótese que levanto é de que, não só o imigrante polonês, principalmente os camponeses, mas também os imigrantes camponeses portugueses, ucranianos e alemães deram uma contribuição significativa para a consolidação dos faxinais do Paraná, pois trouxeram consigo, a cultura do uso comum das pastagens e florestas, no caso dos imigrantes camponeses poloneses e ucranianos, e a prática do uso comum das terras nos baldios de Portugal, no caso dos imigrantes camponeses portugueses. Da mesma forma, entendemos que a consolidação dos faxinais ocorreu no período entre 1890 a 1930 (TAVARES, 2008, p. 461).

O que é crucial nesta pesquisa, com relação aos elementos recriados pelos imigrantes poloneses, ucranianos e portugueses é o uso comum das terras, no caso das florestas e pastos. Para Tavares (2008) o fato de muitos locais, onde predominam os descendentes de camponeses ucranianos e poloneses na contemporaneidade, continuarem com as práticas de uso comum, mostra que para um percentual importante dos camponeses oriundos da Galícia, “os significados efetivamente norteadores de suas vidas fundam-se na continuação da estrutura cultural camponesa da qual são originários” (TAVARES, 2008, p. 517). Este fato é importante para a consolidação da formação social dos faxinais, pois, a vinda destes camponeses não teve como consequência somente a mudança de um país ou um espaço geográfico, “mas deixou de lado relações cotidianas e práticas sociais com o

ecossistema das terras negras no qual foi construído grande parte de seus significados culturais” (TAVARES, 2008, p. 517).

Desta forma, estes camponeses que viviam “em situação quase feudal” (ANDREAZZA 1996, p. 258) na Galícia se tornaram proprietários de terras e tiveram a possibilidade de se re-estruturar socialmente optando pelo uso comunitário de parte de suas áreas, ou seja, da destinada ao criadouro comunitário. Antes dos poloneses cercarem uma área para a criação dos animais eram cercadas as áreas destinadas as plantações, entretanto, agora a dinâmica é invertida.

Segundo Wachowicz (1985) foram os camponeses poloneses imigrantes os responsáveis diretos pela a introdução de cercas nos sertões paranaenses e, do “declínio do modo de viver semi-nômade das populações ocupadas com o gado. A maior fixação do homem a terra e a delimitação das propriedades por meio das cercas, eram essenciais a introdução da agricultura de subsistência” (WACHOWICZ, 1985, p. 119) no Estado do Paraná.

Outros fatores que influenciaram nesta formação foram as Revoltas Federalista e do Contestado. Estes dois acontecimentos são contemporâneos aos ciclos do tropeirismo e da erva-mate, tendo em vista que o primeiro ocorre por volta de 1894, ainda no século XIX e o segundo entre os anos de 1912 a 1916, já no século XX. Estes movimentos fizeram com que muitas pessoas procurassem abrigo nas matas, e comesçassem ou compusessem o modo de vida hoje visto nos faxinais.

A Revolução Federalista ocorreu entre os anos de 1893 e 1895, segundo Love (1975) esta foi a “guerra civil mais sanguinolenta da história do Brasil, uma guerra de 31 meses que produziu de dez a doze mil mortos, numa população, na época, de um milhão de pessoas” (p. 77). O inicio deste movimento está relacionado a luta pelo poder entre os adeptos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e os adeptos do Partido Liberal (PL) que se tornou o Partido Republicano Federalista (PRF). Segundo Miglioranza (2007) após Júlio de Castilhos, retornar ao poder apoiado pelos militares em 1892. “Com ideias parlamentares, os federalistas opuseram-se em plano local a Castilhos e, em âmbito nacional, ao governo de Floriano Peixoto” (p.2).

Durante a Revolução federalista ocorreu um episódio, no ano de 1894, chamado de Cerco da Lapa, foi uma luta que durou 26 dias, tempo suficiente para que as forças pró Floriano Peixoto pudessem ter reforços suficientes para deter as federalistas. Segundo Cardoso e Westphalen (1986) ocorreram três focos principais

de lutas no Paraná, culminando com a vitória legalista e com uma forte repressão aos maragatos.

Três foram os focos principais da luta armada no Paraná: Paranaguá, atacada e tomada pela armada de Custódio de Mello; Tijucas do Sul, defendida por Adriano Pimentel, mas vencida pelas tropas de Gumerindo Saraiva, e a Lapa. Esta, foi sitiada de 17 de janeiro a 11 de fevereiro, também pelas tropas revolucionárias de Gumerindo Saraiva. Defendida pelas forças legalistas comandadas pelo Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro, que após duros combates e a morte do seu próprio comandante, capitulou com todas as honras de guerra. (...) Com a vitória legalista, houve repressão contra os “maragatos” e contra aqueles que haviam manifestado simpatia pela causa revolucionária durante a ocupação. Registraram-se fuzilamentos, com muitas vítimas, sendo as mais conhecidas aquelas do Quilômetro 65, em que também perdeu a vida o Barão do Serro Azul. (CARDOSO e WESTPHALEN, 1986, p. 60).

Segundo Nerone (2000), este episódio impulsionou muitas fugas de lapianos, dentre os destinos destes fugitivos estavam as matas do atual município de Rebouças – PR, onde ocorreu a formação de um faxinal, no caso o Faxinal dos Lapianos, que atualmente encontra-se desagregado.

Outro autor que fala sobre os fugitivos a Revolução Federalista é Brandt (2007), embora este autor fale sobre a povoação do planalto catarinense, ele faz um comentário sobre os povos componentes desta frente. “Compunham estas frentes levadas populacionais (...) fugitivos de conflitos (...) como a revolução federalista” (BRANDT, 2007, p. 2). O autor ainda afirma que estas levadas de pessoas passaram a se interiorizar, principalmente em áreas de grandes florestas de araucárias entremeadas por áreas de campos naturais, que na época na era alvo dos grandes fazendeiros. Estas populações tinham como base de seu sustento a agricultura, a extração de erva-mate e a criação de animais matas. Nestes locais também era comum a existência de terras de plantar e terras de criar, sendo as primeiras cercadas. Nas terras de plantar era comum o uso do que Waibel (1979) chama de “sistema de roça ou capoeira (...) sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios” (p. 245), onde as matas eram queimadas, cultivadas por um período e depois deixadas para descanso.

É neste contexto, que ocorreram as concessões de terras que objetivava a construção de ferrovias no Estado do Paraná. Segundo Tavares (2008) foi no final do Império, que foi concedido a Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG), subsidiária da *Brazilian Railways Company*, uma grande parcela de terras devolutas nacionais, que estavam localizadas nas regiões sudoeste, oeste e norte do Paraná e no Estado de Santa Catarina, “assim como terras que abrangiam sesmarias e terras

de posse, com o cumprimento de 9 km de cada lado em toda extensão das linhas de sua concessão” (TAVARES, 2008, p. 477).

Em função desta concessão, no mês de novembro 1911 foi publicado em vários jornais do Paraná e Santa Catarina, um edital com a seguinte informação:

Este faz saber a todos que é expressamente proibido invadir ou ocupar os terrenos pertencentes a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, situadas em ambas as margens do rio do Peixe e em outras localidades onde, por concessão estadual, a Companhia de Estrada de Ferro possui terras que já foram ou estão sendo medidas e demarcadas por ele. (citado por QUEIROZ, 1966, p. 74).

A partir de então, o camponês que se recusasse a sair das terras concedidas à ferrovia seria forçado a sair por uma força composta de duzentos homens que estava sob o comando de um ex-oficial da Força Pública do Paraná.

Segundo Cardoso e Westphalen (1986), as concessões de terras feitas às companhias ferroviárias terão significativa influência na ocupação territorial do Paraná Moderno, todavia, não é ousadia afirmar que o Paraná Tradicional também terá repercussões em sua configuração territorial devido a estas concessões, pois muitos dos municípios por onde as ferrovias passam fazem parte desta região.

Era constituída na parte paranaense pelas linhas-troco Itararé-Uruguai e ramal Jaguariaíva-Ourinhos, bem como o ramal Guarapuava- e seu prolongamento até Foz do Iguaçu, via rio Jordão. Seriam muitas vezes alterados os termos dessa concessão, bem como o traçado das linhas férreas e a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande seria sucedida pela Companhia Brasileira de Viação. Essas concessões de terras foram de grandes repercussões na história da ocupação territorial do Paraná moderno. (CARDOSO e WESTPHALEN, 1986, p. 60).

Foram as concessões de terras devolutas e de terras de posse que desencadearam o segundo episódio, no caso a Revolta do Contestado. Estas concessões de terras realizadas pelo Governo Imperial juntamente com a expulsão os camponeses foram o estopim para que desencadeasse o confronto entre os camponeses da região do Contestado e as tropas representantes das esferas estaduais e federais.

Este embate durou quatro anos (1912 – 1916) e segundo vários autores (Tavares, 2008; Löwen Sahr e Cunha 2005; Brandt 2007b) contribuiu na formação territorial paranaense e na consolidação da formação social camponesa dos faxinais do Paraná.

A Revolta do Contestado “foi um movimento social de caráter messiânico e milenarista localizado no interior do território que corresponde atualmente ao meio-oeste catarinense” (Espig, 2007, p. 215). O nome Contestado é em referência a dois

antigos conflitos de limites, o primeiro entre Argentina e Brasil (que foi a Questão de Palmas, solucionada pelo governo republicano em 1895) e, posteriormente, entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. A disputa pela região criou um clima de tensão local, agravado pelas expulsões de camponeses dos locais EFSPRG passaria. Além disso, “em consequência desta construção as terras da região começaram a valorizar-se” (WACHOWICZ, 2001, p. 195).

Na época da Revolta, segundo Queiroz (1966) os camponeses rebeldes “ocupavam uma área de 28.000 quilômetros quadrados, chegando a somar aproximadamente 20.000 pessoas” (p. 199). Com relação aos seus limites, Tavares (2008) coloca que esta possuía limite ao Norte, com o Rio Iguaçu e a Estrada de Ferro de São Francisco, desde União da Vitória (PR), incluindo o Município de Canoinhas (SC), até proximidades do município de Rio Negro (PR). Ao Sul, abrangia terras de Lajes (SC), seguindo até proximidades de Curitiba (SC) e Campos Novos (SC), ambos em Santa Catarina. Na direção leste abrangia as terras dos municípios de Itaiópolis (SC) e Papanduva (SC), seguidas das picadas das colônias Moema e Iracema até as cadeias de montanhas da Serra do Mirador e as demais nascentes dos rios que conformam a bacia do Itajaí. E, a oeste, a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande.

Nesta região viviam aproximadamente vinte mil camponeses. Do total da população rebelde, pouco mais de oito mil eram homens (combatentes). O número de mulheres também girava nesta faixa, o número de crianças era em torno de três mil e duzentas e o de pessoas não combatentes (idosos) era em torno três mil. O efetivo das forças legais girava em torno de sete mil homens, destes, mil eram vaqueanos. Com relação as baixas, entre os camponeses rebeldes este número era em torno de seis a oito mil, já entre os soldados e vaqueanos era próximo de dois mil. Segundo Tavares (2008) estes combates tiveram um custo de 2.999.984\$745 aos cofres públicos. O que demonstra que o Presidente Hermes da Fonseca juntamente com os governadores do Paraná e de Santa Catarina “não mediram esforços para defenderem os interesses dos capitalistas estrangeiros, nacionais, das oligarquias estaduais e do coronelismo local” (TAVARES, 2008, p. 521-522).

Com relação aos afazeres destes camponeses e/ou caboclos, Luz (1999) e Wachowicz (1985) mostram que estas estavam relacionadas principalmente a extração da erva-mate “O caboclo, de facão afiado na mão, mete-se pelos matos (...) de erval em erval, (...) e assim vai de árvore em árvore, desbastando-as, golpeando-

lhes os galhos de baixo para cima e amontoando os ramos de espaço em espaço” (LUZ, 1999, p. 87). “Os caboclos que viviam nas matas tinham como principal preocupação colher alguma quantidade de mate nos ervais nativos, a qual lhes fornecia algum dinheiro para adquirirem os produtos indispensáveis como armas, sal e algum vestiário” (WACHOWICZ, 1985, p. 67). Os autores ainda citam a venda de animais e a agricultura de subsistência. “O feijão e o milho por eles plantados eram estritamente para as suas necessidades pessoais. Derrubavam e queimavam o mato e depois com o sengo (...) plantavam no solo e cobriam com os pés (WACHOWICZ, 1985, p. 67).

Com o fim da Revolta do Contestado, a população da região foi obrigada a inserir-se novo quadro econômico e social e espacial que se instalava na região. Quadro este que representava a desestruturação do modo de vida anterior. Agora a região estava sendo o palco de muitas transformações, os pinheirais estavam sendo derrubados e as terras estavam sendo demarcadas e repassadas para os imigrantes europeus que estavam chegando.

Este fato trouxe à população local duas alternativas, ou adaptava-se, ou seja, se incluía nesta nova lógica que se instaurava, tornando-se assalariados, ou buscava novas terras, que poderiam ser encontradas nas regiões do Contestado. Que dispunha ainda de grandes áreas de terras devolutas, que também iriam ser ocupadas pelos mais diferentes grupos sociais (imigrantes alemães oriundos do Rio Grande do Sul, colonizadores, autoridades públicas) que, além de trazerem consigo diferentes costumes levavam a uma gradual redução de espaços de uso da terra em comum, o que teria também provocado a existência de momentos de tensões entre estes grupos. Desta maneira, novamente

O avanço destas novas relações sociais e econômicas naquele espaço forçaria a população cabocla da região (...) a escolher duas opções: adaptar-se ou ficar excluída. A “opção” pela exclusão neste processo obrigava-a a mudar-se constantemente em busca de novas áreas, como no Paraná. Caso, por exemplo, de José Marcelino (...) que dizia que quando o cercamento chegasse iria embora para o Paraná, ainda sertão. (BRANDT, 2007b, p. 247)

A partir deste fato e da citação acima, pode-se inferir que muitos daqueles antigos posseiros espoliados/expulsos de suas terras buscaram embrenhar-se em outras regiões (no caso paranaenses), trazendo consigo toda a sua carga cultural, como o uso da roça cabocla, citado por Waibel (1979), a influência religiosa do

monge João Maria (comum nos faxinais), etc. Estes movimentos reforçam o que Martins (1982) coloca sobre os trabalhadores expropriados do campo:

o quadro clássico do capitalismo nos mostra o capital se expandindo a custa da expropriação e da proletarianização dos trabalhadores do campo, uma coisa levando necessariamente a outra. Em nosso país esse processo não é assim tão claro nem assim tão simples. O capital se expande no campo, expulsa, mas não proletarianiza necessariamente o trabalhador. É que uma parte dos expropriados ocupa novos territórios, reconquista a autonomia do trabalho (MARTINS, 1982, p. 17).

Dessa forma, é notável que a vinda de muitos camponeses para o então chamado sertão paranaense (região das florestas) foi pelo fato de que este poderia proporcionar a reprodução social que estes camponeses tinham ‘perdido’ pelos mais diversos motivos. Estes camponeses expropriados também contribuíram para a formação da atual da região que comporta os faxinais. Isso porque trouxeram consigo uma gama de costumes que podem ser vistos em vários níveis (econômicos, sociais, culturais, religiosos, etc), ou seja, um modo de vida que atualmente ainda ocorre na região dos faxinais, como é o caso da crença nas profecias do monge João Maria.

Outros personagens que contribuem para a formação cultural-religiosa da região dos faxinais são as figuras dos curandeiros, benzedores, puxadores de reza, capelães leigos e monges viajantes, todos ligados ao catolicismo popular. A figura dos monges é muito relacionada a Revolta, segundo vários escritores (Queiroz 1966, Monteiro 1974, Wachowicz, 2001) naquela região apareceram três monges.

O primeiro foi o monge João Maria de Agostinho, oriundo da Itália, chegou no Brasil 1830, chegou na região por volta de 1844.

O livro de registro de estrangeiros da Prefeitura de Sorocaba registra sua passagem no natal de 1944, proveniente de Belém (PA), via Rio de Janeiro. Três anos depois, ele segue para o Rio Grande do Sul pelo caminho de tropas. Enquanto esteve no Paraná, andou por muitas cidades, sempre abençoando nascentes e olho d’água, plantando cruzeiros e, em muitas delas, quando possível, deixava inscrições com orações para o povo. Em vários faxinais também abençoou olho d’água, nascentes e plantou cruzeiros santos (TAVARES, 2008, p. 550).

Este era frei da Ordem de Santo Agostinho, este monge “percorria os estados do Sul, exortando os homens a prática das virtudes e do bem, receitava ervas como remédios (...) dava conselhos (...) e fincava cruzeiros nos caminhos” (WACHOWICZ, 2001, p. 200), a este monge os caboclos atribuíram muitos milagres e o chamaram de São João Maria. Com relação a sua morte, Queiroz (1966) coloca que não existem certezas, ele pode ter morrido em uma gruta em Sorocaba no ano

de 1872 ou ter ido para Araraquara, último local que se tem notícias da presença de um monge chamado João Maria no ano de 1906.

O segundo monge João Maria, não existe a certeza sobre seu verdadeiro nome, chamado Anastás Marcaff, conheceu pessoalmente o primeiro monge, intitulava-se João Maria de Jesus, dos três monges, segundo Wachowicz (2001) foi o monge que mais marcou a lembrança da população sertaneja. Desapareceu nos sertões de Santa Catarina no ano de 1906.

O terceiro monge intitulava-se José Maria de Agostinho, dizia ser irmão do primeiro monge, foi um monge guerreiro, seu verdadeiro nome era Miguel Lucena de Boaventura, segundo Dobroruka (2006) ele era um ex-soldado do Exército ou da Força policial do Paraná, ao contrário dos outros dois, não se notabilizara pela prática da virtude, gostava de popularidade e tinha na cintura uma espada de combate. Morreu em combate no ano de 1913.

Na região dos faxinais é comum a existência de muitas citações sobre passagens do monge João Maria. De um modo geral os camponeses faxinalenses se referem ao monge relacionando-o as nascentes de água, como é o exemplo de um morador do faxinal Taquari dos Ribeiros:

“do monge são João Maria, eu sei que ele passou por aqui e descansou lá onde tem um oio d’água, lá perto do pé da serra (...) aonde ele descansava ele fazia brotar um oio d’água que nunca seca. Também tem as cruz que ele deixou” (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

A figura deste monge possui significativa importância para o caboclo e/ou camponês faxinalense é comum estas pessoas recorrerem a este ‘santo’ em suas orações. “Eu sempre peço pra São João Maria me ajuda (...) quando termino de plantar minha roça, faço uma cruz na última carreira (...) que é pra São João Maria também ajudar a cuidar (...) pra não ter cobra (...) não falta água” (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

O interessante é que no Paraná, principalmente no chamado Paraná Tradicional ainda persiste antigas devoções, algumas rezas, o costume de benzimentos contra os mais diferentes problemas (susto, rendiduras, mau olhado, quebrante, picadas de cobras/insetos, etc), o uso de ervas medicinais, as crenças em assombrações, visagens que guardam panelas de dinheiro, dias santos de guarda, o uso comum de áreas, as trocas de dias de trabalho, entre outras. É fato que a manutenção destas tradições está relacionada com o modo de vida destas pessoas

e dá singularidade a esta região, pois influencia nos mais variados níveis (cultural, social, econômico).

3.1.3 Da madeira à modernização da agricultura: a crise dos faxinais.

Outro ciclo que influenciou na formação desta região foi o da exploração da madeira, que segundo Balhana *Et al* (1969) desde 1801 já produto de exportação no porto de Paranaguá, todavia, esta madeira era retirada do litoral paranaense. Somente após a abertura da estrada da Graciosa (1873) é que a exportação do pinheiro começou, este comércio foi crescendo de tal forma que no ano de 1899 já existiam 64 serrarias ao longo da ferrovia São Paulo Rio Grande. Entretanto, foi a partir da Primeira Guerra Mundial que a exportação de madeiras paranaenses, principalmente de pinheiro, cresceu e, “no ano de 1920 já existiam 174 serrarias no Estado do Paraná” (BALHANA *Et al*, 1969, p. 143).

A busca por madeiras, principalmente o pinheiro e a imbuia, acabaram influenciando a economia do Paraná Tradicional e dos faxinais por consequência. Em um primeiro momento a venda da madeira tornou-se um modo fácil dos camponeses faxinalenses complementarem sua renda, como mostra um morador do faxinal Saudade Santa Anita:

você queria comprar alguma coisa, desde uma chaleira até mesmo uma camioneta, era só ir nas serrarias e vender uns pinheiros e pronto, era dinheiro certo, não precisava de licença (...) no começo eles só levavam os melhores, era uma tora por caminhão, mas depois quando não tinha mais dos bons, ia qualquer pinheiro acima de 18, foi indo, foi indo que acabou, agora só tem um ou outro nó pra conta a história (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Como a maioria das serrarias foram instaladas nas proximidades das florestas, ficando naquele local até exaurir a madeira, elas não configuraram um vínculo contínuo com as comunidades faxinalenses, entretanto, durante a sua permanência ocorriam várias relações comerciais entre os faxinalenses e os operários das mesmas, além da possibilidade do trabalho assalariado para muitos faxinalenses.

A introdução de sistemas intensivos de extração de madeira no criador, ao contrário do método de extrativismo artesanal, praticada pelos moradores locais, ocasionaria inicialmente, a sensação de “otimismo” com o “projeto” das madeiras, visto que era “fácil” e oportuno viver da renda advinda da

comercialização da madeira, que existia em abundância. Parecia não haver problemas: a renda era imediata através da venda do pinheiro e da imbuia; o comércio de alimentos aumentara com a presença da população itinerante que vagava junto com as serrarias, e logo, formavam “vilas” próximas a indústria, assim como os próprios moradores do criador, principalmente os de menor renda e terra, tinham nas serrarias a oportunidade de se assalariarem nos diversos serviços proporcionados (SOUZA, 2001, p. 62).

Os operários das serrarias consumiam os mais diversos itens que os faxinalenses produziam, “De antes, o pessoal que trabalhava nas serrarias comprava muita coisa de nós, o que você levasse lá eles compravam, era de ovo pra cima (...) se não vendesse direto pra eles, vendia pro bodegueiro” (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Entretanto, a chegada das serrarias também trouxe algumas consequências negativas, principalmente para a economia faxinalense, pois o que foi um negócio lucrativo em um primeiro momento, revelou-se desvantajoso com o passar do tempo. “A forma extremamente depredatória da exploração madeireira, que visava tão unicamente o lucro rápido, exauria gradualmente as matas, as quais eram de grande serventia para a subsistência da população” (SOUZA, 2001, p. 63). Com a destruição das florestas, o pinhão, um dos principais alimentos dos porcos, já não era abundante. Com a retirada das árvores (pinheiros e imbuías), muitos pés de erva-mate foram destruídos. Causando o que Tavares (2008) chama de crise ambiental. Estes fatos, segundo Souza (2001) contribuirão significativamente para a desagregação de muitas destas comunidades.

Por tratar-se de uma atividade econômica extrativista, praticada de maneira predatória, sua permanência se relacionava unicamente com a presença de matéria-prima local. Desta forma, dificilmente a indústria extrativista se integrava com a região que ocupava, não havendo, portanto, compromisso com o desenvolvimento local. O vínculo se acabava tão logo diminuía o estoque de madeiras de maior valor econômico. O que restava sempre, era um rastro de devastação ambiental e desajuste social. Como, indubitavelmente, a floresta era um dos componentes sistêmicos de maior sustentação no sistema tradicional do criadouro comunitário, poderia-se prever que sua debilitação, através do extrativismo irracional, traria consequências sobre a produção pecuária e agrícola tradicional e sobre a organização do trabalho familiar. Isso resultaria, por um lado, na necessidade de elaboração de novas estratégias de reprodução econômica para as formas sociais mas estáveis, às quais o acesso a terra e ao capital não significava uma limitação e, por outro, a busca de estratégias vinculadas a reprodução social para as formas sociais fragilizadas economicamente, impulsionando-as com mais amplitude, em direção ao processo de diferenciação social entre os agricultores camponeses pertencentes ao mesmo faxinal. Nesta ocasião, desenvolvem-se, gradualmente, as relações capitalistas de produção no interior do faxinal, demarcadas pelo surgimento de um mercado de trabalho nas serrarias. (SOUZA, 2001, p.3)

O que se tornava claro é que com o estabelecimento das serrarias algumas rupturas começavam a surgir nos faxinais, dentre elas está a ocorrência de transformações na dinâmica interna, tanto relacionada ao uso da terra quanto a organização do trabalho e da produção. A extração da madeira pouco influenciava na ocupação do solo, 'era uma atividade nômade', itinerante, ou seja, antagônica as praticadas pelos faxinalenses, que contribuíam para a ocupação do solo.

É na fase da modernização da agricultura brasileira, ocorrida a partir dos anos de 1970, a qual está relacionada as transformações técnicas e consequentemente econômicas, inseridas na lógica do modo capitalista de produção. Nesta fase, o campo passou a ser um local que deveria atender as necessidades de exportação e da agroindústria interna, a modernização da agricultura se limitava principalmente aos produtos de transformação industrial e para exportação. A partir disso, os produtos que compunham o rol da produção camponesa foram deixados em segundo plano. Este fato levou a ocorrência de crises de abastecimento de alimentos, tanto em escala nacional quanto global.

Com relação aos programas de desenvolvimento rural, na obra de Cunha (2003) nota-se que além de serem homogeneizadores, não distinguiam/respeitavam as características endógenas dos locais e, eram exclusivos para a classe de produtores que se adequava as exigências dos mercados, ou seja, que produzia os hoje designados de *commodities*.

Esta fase é considerada a mais contundente para os faxinais por vários motivos. Primeiramente, a existência de verbas para o cultivo de soja e, em contra partida a ausência de incentivos para a produção em pequena escala. Este fato fez com que muitos camponeses faxinalenses vendessem suas áreas para grandes latifundiários, estes necessitavam grandes áreas de terra desmatada e do uso constante de equipamentos e insumos químicos, fatos estes também consequentes da chamada revolução verde. Em muitos casos, este novo ator social era representado pela figura do gaúcho, que chegava a muitas áreas do Paraná Tradicional com o intuito de produzir soja, como é o caso de áreas do Faxinal Saudade Santa Anita.

Depois que os gaúchos começaram a chegar aqui em turvo, em Guarapuava o faxinal foi ficando cada vez menor, ele ia daqui até no turvo, daí eles foram destocando, plantaram soja em tudo, pra eles não tinha criadouro, e se nossos bichos fossem lá ele as vezes matava ou fechava e falava que tava nas terras dele então era dele, dizia que quem quer ter

porco tinha que fazer cerca de oito fios, daí foi se acabando (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

A produção de soja foi o carro chefe para as transformações na região dos faxinais, como para produzir soja eram necessárias áreas cada vez maiores, houve um grande interesse pelas áreas de criadouros, desta forma, começavam a ocorrer usos particulares nos criadouros. Estes novos atores estavam amparados pela chamada lei dos quatro fios, a partir disso, todos os animais que adentrassem estas cercas poderiam ser apreendidos. Com isso os faxinalenses se viram obrigados a mudar os limites dos criadouros, fazendo novas cercas ou a acabar com aquela prática.

Quando os gaúchos chegaram aqui no Santa Anita, eles foram comprando tudo que era terreno, desde faxinal até terra de planta. Eles mediam os terrenos e já metiam cerca, só que era uma cerca só de quatro fios, daí não vedava a entrada dos porcos (...) daí os que eles pegavam eles ou matavam ou fechavam, diziam que era deles, pois tava no terreno deles e tinha também a lei dos quatro fios, que tava do lado deles, se eles fizessem uma cerca de quatro fios já tava certo e podiam plantar ali. Daí a comunidade teve que se unir e ir fazendo cercas de 9 fios para os porcos não entrarem, onde os faxinalenses não fizeram feixes virou terra de planta. (MORADORES DO FAXINAL SAUDADE SANTA ANITA, 2007)

Outra questão que influenciou muito na economia faxinalense foi a crescente queda dos mercados locais, naquele período, começou a produção destinada ao mercado internacional. Já a produção faxinalense que era voltada principalmente para o mercado local, sendo uma economia regional e territorializada. Agora, diante desta nova conjuntura, ela acabara se 'desterritorializando', agora o mercado vai além do local e torna-se cada vez menos acessível para o camponês faxinalense.

Diante desta nova realidade, onde tanto seus produtos como seu modo de produção estavam sendo abalados pela nova conjuntura que se instalava, o camponês faxinalense se viu obrigado a usar de novos meios para sua reprodução. Dentre as alternativas estavam, para aqueles mais capitalizados, inserir-se neste novo modo de produção (em larga escala), já para os menos capitalizados restava a possibilidade de prosseguir com o modo tradicional de produção, conciliá-lo com um modo de produção integrado (fumo) ou migrar para a cidade.

Uma das saídas para estes pequenos produtores foi a adesão à produção do fumo. O cultivo do fumo é desde 1960/70 uma alternativa para muitos pequenos produtores paranaenses em face as novas mudanças que transformaram o seu modo de reprodução social. Como este cultivo não necessita de uma grande área de

terra, se tornou corriqueira construção 'fechados' no criadouro comunitário, desta forma, a paisagem do faxinal também se alterou.

Pra muita gente daqui a saída foi começar com o fumo (...) nós não tinha muito terreno de planta, daí plantar feijão e milho não dava, não tinha preço, pra plantar soja o terreno era pouco. Porco comum ninguém queria, disque dava uma doença que deixava louco, só porco branco eram bom e esse nós não tinha (...) fizemos a primeira estufa, já na primeira venda deu um dinheirão, daí aumentamos a plantação de fumo, daí começamos a plantar nas terras de faxinal (criadouro), fizemos um feixe de umas três quartas e estamos até hoje nessa vida, da estufa pra casa e de casa pra estufa (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

O cultivo do fumo mudou de forma significativa a paisagem da região Centro Sul e parte da Região Metropolitana de Curitiba, contribuindo para mudanças nos mais variados níveis (culturais, econômicos, sociais).

Segundo os dados da EMATER-PR, os municípios que compõem esta região, na qual também estão inseridos todos os faxinais, produziram no ano de 2006 um total de 153.000 toneladas de folha de fumo, movimentando um total de 581.400,000 (quinhentos e oitenta e um milhões e quatrocentos mil reais). Os números também mostram que nos 157 municípios destas regiões (Centro Sul e parte da Região Metropolitana de Curitiba) 40.000 famílias de camponeses produzem folhas de fumo.

Com a construção deste texto, pretendeu-se mostrar que a formação sócio territorial do Paraná, principalmente do Paraná Tradicional, onde estão inseridos os faxinais, foi consequência da relação dialética de vários fatores (econômicos, culturais e sociais). Como foi o caso dos diversos ciclos econômicos, das suas crises, das revoluções, das imigrações, das migrações, das novas dinâmicas de mercado, do desenvolvimento do modo capitalista de produção, entre outros. Todos estes movimentos e/ou relações, aliados aos fatores naturais desta região, que em muitos casos norteou as possibilidades econômicas, contribuíram para uma interação homem-natureza singular, que forma a identidade desta região.

4 CAPÍTULO III

4.1 A CONFIGURAÇÃO DA INSERÇÃO ECONÔMICA DOS FAXINAIS

Como já foi colocada anteriormente, a situação econômica atual de muitas comunidades faxinalenses não se mostra muito promissora. Em grande parte destas comunidades a principal fonte de renda é advinda de aposentadorias e políticas públicas. Entretanto, nem sempre isso foi dessa maneira. Houve tempos que este modo de vida se mostrou promissor, esta época corresponde ao período anterior a sua fase de crise e/ou desagregação.

Chang (1988) mostra esta possibilidade quando fala da criação dos faxinais, para a autora foi uma fase onde os ganhos de todos os atores sociais eram evidentes. Todos os moradores do local (fazendeiros, colonos e agregados) tiveram vantagens. O fazendeiro lucrou porque com a contribuição em terra ele podia consorciar a exploração do mate e a pecuária. Além disso, ele tinha mão de obra para usar nas épocas que precisasse, como era o caso das construções de cercas coletivas, coleta da erva-mate e pastoreio. Outra vantagem era que grande parte de suas terras eram cercadas sem a necessidade de pagamento. Para os colonos, a construção do criadouro comum trouxe a segurança contra a entrada de animais nas lavouras, além da possibilidade de criar seus animais à solta, diminuindo assim custos. Para os agregados, as benfeitorias davam a possibilidade de adquirir o direito de criar animais e residir no criadouro em troca da sua força de trabalho. A partir do momento que o uso coletivo da terra beneficiou a todos, a consequência foi a proliferação dos criadouros comuns e, conseqüentemente, dos faxinais.

Baseado no texto de Chang e nas 'prosas' de muitos faxinalenses, que demonstram essa prosperidade econômica que os faxinais tiveram, surgiu a vontade de entender como ela ocorria, como era a inserção econômica dos faxinais em sua região de ocorrência. Tem-se a ideia de que com uma compreensão concisa de como se configuravam as relações econômicas naquela fase, poder-se-á buscar possibilidades, ou até mesmo traçar projetos que respeitando a endogeneidade, as particularidades destas comunidades possam lograr maior êxito em seus resultados.

E, desta forma devolver a estas comunidades a possibilidade de uma reprodução social com qualidade de vida.

A estrutura deste capítulo segue o seguinte itinerário: primeiramente será apresentado um texto relacionado ao modo de apreensão daquela realidade. Juntamente com a demonstração da importância de estudos relacionados a memória de velhos. Em um segundo momento será apresentada uma discussão relacionada a configuração econômica dos faxinais no período que antecedeu a sua fase de crise e/ou desagregação, entre os anos de 1920 a 1970. No terceiro momento será apresentado um texto que contém questões relacionadas a atualidade dos faxinais. Para finalizar este capítulo ainda serão colocadas em pauta questões relacionadas as perspectivas para estas comunidades.

4.1.1 Apreensão da realidade

Para compreender a realidade de outrora foi necessário o uso de entrevistas, nas quais se buscou compreender como era a inserção econômica dos faxinais no passado, para isto foram entrevistados varias pessoas idosas nestes faxinais. O principal assunto da conversa sempre pairava sobre quais eram os principais produtos produzidos no faxinal e o seu mercado. Após as entrevistas, já sabendo os principais produtos, foi realizada uma pesquisa na biblioteca do IBGE – Curitiba, onde, através da análise dos Censos Agropecuários do Paraná foi verificado se existia o registro das produções no município de Rio Azul.

Um dos recursos usados para a elaboração das entrevistas foi o chamado de história oral. Embora seja e difícil definição, Meihy (2002) considera este recurso como moderno, usado na elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos, sendo sempre uma história do tempo presente, da atualidade, sendo também reconhecida como história viva.

Pode-se, no nível material, considerar que a história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeos (...) que podem ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural (...) é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos (MEIHY, 2002, p. 13-14).

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Esta metodologia começou a ser trabalhada na década de 1950, principalmente na América do norte e na Europa, difundindo-se para o resto do mundo após isso. No Brasil o primeiro texto relacionado a história oral foi publicado no ano de 1976 (*Memórias do exílio*). Segundo Meihy (2002) os principais motivos que fizeram com que a história oral tardasse a se desenvolver no Brasil foram ausência de tradições institucionais não acadêmicas que estivessem voltadas a desenvolver projetos registrados das histórias locais e a ausência de relações das academias (universidades) com os localismos e a cultura popular.

Neste trabalho, além do uso das técnicas de história oral, passadas por Meihy (2002), foram utilizadas algumas técnicas de Bosi (2006), essenciais para realizar a reconstrução da história através da lembrança de velhos. Esta última autora, pautada na obra do filósofo Walter Benjamin, afirma que “sempre houve dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita” (Bosi, 2006, p.84). É, este último narrador que terá singular importância neste trabalho.

Outro fato que ampara estas ideias é o fato de que “todo o processo de conhecimento dos grupos sociais está relacionado a uma sequência de fixações em espaços da estabilidade do sujeito. Desta forma, quanto mais imóveis e fixadas no espaço, mais sólidas são as lembranças e memórias. (ORNAT, 2007, p. 65). O uso da memória é um meio do indivíduo (idoso) se reconstruir, ao falar de outra época (seja ela a sua ou do seu pai) ele revive aquele momento, ao lembrar do passado, ele não está descansando (...) ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (Bosi, 2006, p. 60).

A memória do velho faxinalense “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 5). Desta maneira, através do seu discurso, ele mostra a sua identidade ou do grupo ao qual está inserido, e o faxinal e/ou criadouro comunitário pode aparecer como um local de onde as pessoas podem ‘acumular’ pensamentos, lembranças e sonhos,

pois é através deste espaço “que aprendemos a sonhar e a imaginar” (HARVEY, 2002, p. 200).

Thompson (1992) também discute a importância dos relatos orais, para o autor estes podem retratar com maior veracidade os acontecimentos, indo além das colocações dos historiadores.

a evidência oral pode conseguir mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiências e da imaginação do próprio historiador: uma história erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mais também mais verdadeira (THOMPSON, 1992, p. 137).

Harvey (2002) ao discutir temas relacionados ao espaço e lembranças cita o texto de Bachelard (1964), no qual ele coloca que o espaço contém tempo comprimido e neste local, memória e imaginação se mantêm associadas trazendo a baila os dias passados.

Como visto na fala de Bachelard, O espaço contém tempo comprimido. É para isto que serve espaço. E o espaço fundamental para a memória é a casa, uma das maiores forças de integração de pensamentos, lembranças e sonhos da humanidade. (na casa) ser já é um valor. A vida começa bem, e começa encerrada, protegida, aquecida no seio da casa (...). É esse o ambiente em que vivem os seus protetores (...). Nesta região remota, a memória e a imaginação se mantêm associadas, cada qual trabalhando para o seu mútuo aprofundamento (...). Por meio dos sonhos, as várias habitações da nossa vida se co-penetraram e retêm os tesouros de dias passados. E, depois de estarmos na nova casa, quando as memórias de outros lugares em que vivemos retornam a nós, viajamos a terra da infância imóvel, imóvel como são todas as coisas Imemorais (BACHELARD, 1964 *Apud* HARVEY, 2002, p. 200).

E se é verdade que o tempo sempre é memorizado não como um fluxo, mas como lembranças de lugares e espaços vividos, a história deve ceder lugar à poesia, o tempo ao espaço, como material fundamental da expressão social. Assim, a imagem espacial (construída na memória) afirma um importante poder sobre a história (HARVEY, 2002, p. 200).

A partir destas colocações e das entrevistas realizadas com os velhos nos faxinais, é possível notar que através do uso da memória pode-se traçar uma conexão do passado, com o presente e com o futuro, ou seja, o uso das lembranças, da memória, forma uma temporalidade na qual o espaço aparece como fenômeno vivo e significativo. Cosgrove (1999) ao analisar questões relacionadas a memória coloca que esta é tanto individual como social e, além disso, tem grande peso na formação de um determinado lugar, como pode ser o caso dos faxinais, tendo em vista que “as relações sociais de memória (são) a memória das relações sociais, e

são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar” (COSGROVE, 1999, p. 23).

É, usando estes meios, lembrança de velhos e pesquisas nos Censos Agropecuários que se buscará trazer a pauta a principal questão desta pesquisa, ou seja, compreender a inserção econômica dos faxinais. Assunto este, que ainda não recebeu significativa importância por parte dos pesquisadores, este fato pode ser notado diante da ausência de estudos relacionados a esta temática.

A partir do próximo item estarão presentes nas discussões questões relacionadas a configuração econômica dos faxinais na fase anterior a sua desagregação, para isto serão de singular importância as entrevistas realizadas com os velhos dos faxinais Taquari dos Ribeiros, localizados em Rio Azul/PR, do Faxinal Saudade Santa Anita, localizado em Turvo/PR e do Faxinal do Salso, localizado em Quitandinha/PR. E questões relacionadas a atualidade e perspectivas para os faxinais.

4.1.2 Características da economia faxinalense entre os anos de 1920 e 1970.

A questão econômica dos faxinais sempre esteve de algum modo atrelada às questões econômicas do Estado do Paraná, sofrendo com as crises e se sobressaindo nas épocas áureas. Nos faxinais da época compreendida entre os anos de 1920 até sua fase de crise e/ou desagregação (1950/70), embora houvesse crises a dinâmica destas comunidades propiciava sempre uma alternativa. Este fato é demonstrado pelas falas dos faxinalenses.

De antes, lá por volta de 1930 ou 1940 a situação era bem diferente, se uma coisa não dava dinheiro a gente saía e procurava outra (...) lembro que finado papai fazia de tudo um pouco, tirava erva, vendia porco de todo tipo: era inteiro, era limpo ou só as pranchas. Vendia banha, feijão, galinha, ovo, batata (...) era só sai com as coisas que era dinheiro certo (...) pra você ter uma ideia, quando eu era piá, uma dúzia de ovo dava um dinheirão. Lenha não era tirado, mas nós cortávamos e desdobrávamos imbuías a machado para fazer as estradas de ferro. (...) aqui nós também não precisávamos de muito dinheiro, pois o mais grosso a gente produzia, da cidade vinha sal, açúcar, latas de meio alqueire, pra guarda carne de porco e fazendas. (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

No início da estrada de ferro os colonos traziam muita coisa pra vender para os empregados das companhias, eles também faziam dormentes de imbuia pra colocar nas estradas de ferro. (MORADORES DE ÁGUA CLARA, 2009).

Os dados do depoimento acima podem ser relacionados com a produção do município de Rio Azul/PR publicada no Censo Agropecuário de 1940 (tabela 1). É possível notar que naquele município os produtos citados na entrevista do faxinalense também estão presentes nos registros do Censo.

Produto	Paraná 1940	Rio Azul 1940
Arroz (t)	17485	3
Feijão (t)	51701	277
Milho (t)	604226	3375
Batata (t)	37533	2192
Mate (t)	27459	484
Trigo (t)	8888	127
Cebola (t)	0	0
Suínos (unid)	1477428	7512
Equinos (unid)	224763	2597
Bovinos (unid)	469053	2300
Aves (unid)	2399306	11928
Lenha (m ³)	0	0
Carvão (t)	0	0
Dormentes (unid)	223361	2723

Tabela 1. Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul. Fonte: Censo Agropecuário 1940.

Outra questão que foi pesquisada está relacionada ao preço dos produtos vendidos pelos faxinalenses, embora nas entrevistas esse valor não tenha aparecido de forma concreta, sendo no máximo distinta como ‘o quilo de banha dava mais dinheiro que o quilo de carne’. Entretanto, a partir de análises feitas na Sinopse Estatística do Município de Rio Azul (1950) foi possível verificar os preços médios dos principais gêneros de consumo no ano de 1948. A partir destes dados (tabela 2) pode-se ter uma ideia dos valores que os faxinalenses recebiam pelo seu produto. Isso porque em muitas falas os camponeses diziam que as bodegas chegavam até a vender os seus produtos pelo dobro que lhes pagavam.

Produto	Preços médios 1948 (Cr\$)
Arroz (kg)	4,30
Feijão (kg)	2,80
Batata (kg)	1,40
Banha (kg)	20,00
Ovos (dz)	5,60
Carne (kg)	8,00
Farinha de Milho (kg)	3,80

Tabela 2. Preços médios dos principais gêneros de consumo em Rio Azul – 1948. Fonte: IBGE.

Outro dado encontrado na Sinopse Estatística do Município de Rio Azul (1950) está relacionado ao valor das terras de cultura ou pastagem naquele município no ano de 1948 (tabela 3). A partir destes dados é possível fazer uma relação, ainda que superficial, da quantia de produtos que um camponês precisaria

vender para poder comprar um alqueire de terras, um exemplo pode ser feito com relação ao preço da banha, que custava, em 1948, 20,00 Cr\$. Se o faxinalense vendesse 175 quilos de banha ele poderia comprar um alqueire de terra de lavoura, sabendo que um porco rendia em torno de 60 quilos de banha, ele precisaria 'carnear' apenas três porcos. Em várias falas dos entrevistados aparecem questões relacionadas as compras de terras com recursos oriundos da venda de porcos, feijão, erva-mate, etc. “com um caminhão de porco meu pai conseguia comprar oito ou dez alqueires de terra” (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Tipos de terras	Valor do alqueire 1948 (Cr\$)
Terras de 1ª lavoura	3.500,00
Terras de 2ª lavoura	3.000,00
Terras de 1ª pastagens naturais	2.000,00
Terras de 2ª pastagens naturais	1.500,00
Terras em matas	3.500,00
Terras em capoeiras	3.000,00

Tabela 3. Valor das terras – 1948. Fonte: IBGE.

No decorrer dos trabalhos de campo foram realizadas entrevistas com os moradores dos faxinais, buscando compreender quais eram os principais produtos produzidos e comercializados pelos faxinalenses. A partir destas entrevistas foram elencados os produtos ali produzidos. Com esta relação em mãos foi realizado um levantamento junto a Biblioteca do IBGE – Curitiba, o objetivo deste levantamento foi verificar nos Censos Agropecuários (1940/50/60/70/75) do Estado se o município de Rio Azul/PR realmente produzia tais produtos. O resultado deste levantamento foi a confecção de tabelas que demonstram a produção do Estado do Paraná e a do município de Rio Azul/PR.

Também foram realizadas entrevistas com antigos moradores dos locais onde os faxinalenses vendiam seus produtos, como é o caso dos moradores da localidade de Água Clara, distrito de Irati/PR. Neste local até os anos de 1980/85 era realizado cargas e descargas de trens.

Aqui os trens faziam paradas, levavam gente, carregavam muita coisa que os colonos traziam aqui pra vender, daqui era exportado, acho que pra São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, meio que de tudo. Ia porco, boi, feijão, cebola, batata, trigo, os vagões eram carregados aqui, fazia fila de carroças pra vender as coisas (...). Aqui já foi uma localidade que decidia eleições tinha muita gente morando aqui, tinha seiscentos eleitores numa época que as mulheres não votavam, então era muita gente (MORADORES DE ÁGUA CLARA, 2009).

A partir destas entrevistas é possível notar que existia uma relação bem consolidada entre os faxinalenses e as localidades próximas dos faxinais. Um

exemplo disso é o Faxinal Taquari dos Ribeiros. Nas suas proximidades estão localizadas serrarias e distritos.

Ao redor das serrarias era comum a formação de pequenas vilas, os moradores destas vilas tinham singular influência na economia faxinalense, sendo o mercado consumidor dos produtos oriundos dos faxinais.

Nós também levamos muitas coisas pra vender nas serrarias, antes aqui onde é o Santini era dos Maluceli, isso lá por 1950 ou 60. Eles compraram muita coisa daqui, tinha gente daqui que trabalhava por mês na serraria, daí já aproveitavam pra vender muitas coisas para os outros empregados. Eles compravam picado, mas no final um pouco aqui e outro lá dava pra se defender bem (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Muitos produtos também eram destinados às cidades e distritos, como é o caso do distrito de Água Clara, nesta localidade havia um forte comércio de produtos agrícolas. Ali também era uma antiga estação de trens. Nestas localidades moravam muitos comerciantes de cereais, chamados pelos faxinalenses de atravessadores. Era para estes que os faxinalenses vendiam sua produção. Eles por sua vez acabavam vendendo estes produtos em outros locais (Irati, Guarapuava, Ponta Grossa, Curitiba, São Paulo).

Também foi realizado uma entrevista com a proprietária de uma bodega no Distrito de Água Clara, através desta também foi possível comprovar a diversidade de produtos procedentes dos faxinais. Segundo esta proprietária os produtos que os faxinalenses eram muito diversificados.

Aqui era do meu pai, ele comprava muita coisa dos faxinalenses, não era só do Taquari. Eles traziam aqui porco, feijão, ovos, frango caipira, banha, daí nós vendíamos pro pessoal que morava aqui em Água Clara, tinha o pessoal da estrada de ferro que comprava muita coisa nossa. Naquela época dava bem a bodega, tinha mais gente, os empregados das serrarias também eram fregueses, vendíamos no caderno e no fim do mês era acertado. (MORADORES DE ÁGUA CLARA, 2009).

Os faxinais começaram a sofrer com as consequências de algumas crises que assolaram a economia paranaense a partir dos anos de 1930. Como foi o caso da crise da erva-mate. Esta crise, segundo Barreto (2008) foi consequência da perda de mercados externos para a Argentina e também devido a ausência de apoio por parte do governo a produção de erva-mate. Naquela fase os programas governamentais estavam dirigidos aos produtores de café. As outras crises que afetaram os faxinais antes dos anos de 1950 foram a crise do gafanhoto (1946) e a crise da peste suína (1947). O relato destas crises pode ser visto nas palavras de

um dos entrevistados, estas crises também são relacionadas às profecias do monge João Maria.

Teve uma época que você podia sair pra vende erva que ninguém queria comprar, só vendia os pingadinhos, uma arroba aqui outra ali ficou um bom tempo sem nós tirarmos erva, era só pro gasto. (...) eu me lembro da praga dos gafanhotos, aquilo fazia nuvens, vinham comendo tudo o que tinha pela frente, os bracatingá ficavam amarelo de gafanhoto, nós fazíamos valetas, e quando eles caíam dentro íamos tampando (...) daí estes gafanhotos deixaram os ovos, daí ponhavam um charutão no chão, os novos nasceram e os porcos começaram a comê-los, daí pra nós morreu entre 90 e 100 porcos, daí depois disso acabou com os porcos, aquilo foi porque eles comeram os gafanhotos 9...) foi o gafanhoto que trouxe, um ou outro porco não morreu, mas isso São João Maria já tinha avisado que ia acontecer (...) eram as pragas (...) depois da peste daí nos se saímos com a venda de batata, feijão e lenha (...) daí recomeçamos com os porcos depois de novo (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Do Taquari vinha muita madeira, vinha nos carretões puxados por seis e oito burros. Aqui tinha depósito de batata, que vinha dos colonos, isso era mais ou menos nos anos de 1950 – 60 (...) acho que teve uma época que Irati era a capital da batata, e era tudo exportado (MORADORES DE ÁGUA CLARA, 2009).

Com estas crises os produtores tiveram que diversificar a sua produção, sem o lucro oriundo da venda dos porcos a saída foi aumentar o plantio de batata e feijão. A batata foi um produto que era destinado aos mercados de São Paulo, os produtores levavam até a localidade de Água Clara, onde era embarcada nos vagões. Estes fatos podem ser relacionados com os dados da tabela 4, que mostram o aumento da produção de produtos como o feijão e a batata. Estes dados comprovam a dinamicidade que os faxinais possuíam para se adaptar as novas tendências do mercado/sistema, fato este já destacado por Löwen Sahr (2005).

Produto	Paraná 1950	Rio Azul 1950
Arroz (t)	95880	151
Feijão (t)	169731	560
Milho (t)	736705	5604
Batata (t)	53124	5098
Mate (t)	22774	555
Trigo (t)	43921	933
Cebola (t)	3789	98
Suínos (unid)	2040411	13072
Equinos (unid)	105249	1313
Bovinos (unid)	795821	3543
Aves (unid)	4310819	26425
Lenha (m³)	2252623	4850
Carvão (t)	2626	2
Dormentes (unid)	0	0
Toras (m³)	1174443	187
Vigas (m³)	64591	10

Tabela 4. Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul. Fonte: Censo Agropecuário 1950.

As outras crises que influenciaram a economia paranaense e, por consequência a dos faxinais foram as crises da batata, ocorrida entre os anos de 1948 a 1952 e a do trigo, que ocorreu entre os anos de 1955 a 1958, estas crises segundo Tavares (2008) foram provocadas pela oscilação dos preços.

A crise do trigo, que teve início em 1955, e só superada em 1958; e a da batata, ocorrida de 1948 a 1952, provocadas pela oscilação do mercado, pois, quando o camponês realizava uma boa produção, os preços caíam, e vice-versa, conforme o precário sistema de comunicação existente no período, que prejudicava o escoamento da produção para regiões onde a escassez existia (TAVARES, 2008. p. 758).

Diante desta nova realidade, onde o trigo e a batata estavam com os preços muito baixos, os faxinalenses buscaram outros meios que lhes propiciasse e/ou complementasse sua renda. Nesta fase se destacam a produção de madeira/toras/araucárias e de lenha para alimentar o motor dos trens (tabelas 5, 6 e 7). Com é possível verificar que os faxinalenses trabalhavam de acordo com as novas oportunidades que iam surgindo. Como já foi colocado, não dependiam de apenas um produto, mas buscavam ter uma gama de possibilidades para que nas fases de crise, que geralmente recaiam sobre um ou outro produto, não serem muito prejudicados.

Aqui se um produto te derrubava tinha um outro pra te levantar, você não podia ficar só pensando em viver do porco ou só da erva, pois só um eles não dava pra você compra o precisava, tinha que pulo pra todo lado, era assim (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Nos faxinais sempre era criado muito porco, primeiro era vendido para os safristas (...) época que os porcos eram levados tocados, eles eram engordados até uma meia seva e era levado pra Ponta Grossa, para os açougues. Depois já iam de trem, era carregado os vagões aqui e iam embora. Feijão não era muito exportado de trem. (...) com a venda destes produtos dava pra comprar uns terreninhos, eu comprei bastante terreno com dinheiro de batata. Comprei o terreno no início do ano e em julho tirei uma safra de batata, era um alqueire e meio, daí tirei o dinheiro do terreno, os meus terrenos estavam nas terras de plantar nenhum no faxinal. (...) aquele tempo eles também traziam lenha pra maria fumaça. Na bera da linha tinha farmácia, padaria (...) tinha muito mineiro aqui, eles trabalhavam na linha e compravam muitas coisas daqui. O pessoal do faxinal vendia muita coisa pra eles e nas vendas daqui. Os faxinalenses não tinham um produto principal, eles lutavam com tudo que era coisa (MORADORES DE ÁGUA CLARA, 2009).

Produto	Paraná 1960	Rio Azul 1960
Arroz (t)	171382	348
Feijão (t)	221688	710
Milho (t)	1474493	7659
Batata (t)	84532	1031
Mate (t)	26072	1076
Trigo (t)	58628	1071
Cebola (t)	7940	59
Suínos (unid)	3630659	15746
Equínos (unid)	431737	4243
Bovínos (unid)	1665698	3292
Aves (unid)	12730761	57435
Lenha (m ³)	3039530	33786
Carvão (t)	2248	0
Dormentes (unid)	0	0
Toras (m ³)	402675	6806
Vigas (m ³)	0	348

Tabela 5. Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul. Fonte: Censo Agropecuário 1960.

Produto	Paraná 1970	Rio Azul 1970
Arroz (t)	375605	516
Feijão (t)	457096	1321
Milho (t)	3426389	7396
Batata (t)	163803	2598
Mate (t)	43208	1943
Trigo (t)	205359	483
Cebola (t)	10515	24
Suínos (unid)	6215147	19143
Equínos (unid)	489718	4271
Bovínos (unid)	4692677	3836
Aves (unid)	26254246	44612
Lenha (m ³)	6444000	34000
Carvão (t)	20164	0
Dormentes (unid)	0	0
Toras (m ³)	6266000	54000
Vigas (m ³)	0	0

Tabela 6. Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul. Fonte: Censo Agropecuário 1970.

Segundo Tavares (2008) houve duas crises, que foram consequência do desenvolvimento do modo capitalista de produção, já em uma etapa monopolista. Estas crises atingiram o campo paranaense e, consequentemente os faxinais com maior força que as anteriores. A primeira foi a crise ambiental, esta crise será consequência da degradação ambiental provocada pela extração irracional dos recursos vegetais, no caso das florestas.

A venda de pinheiros e outras madeiras de lei foram uma oportunidade de ganhar dinheiro fácil, entretanto, ela desestabilizou toda uma dinâmica que existia nestas localidades, principalmente na região dos faxinais. A venda das madeiras desencadeou vários problemas, dentre eles estavam: a falta de alimentos para os animais, no caso o pinhão. Com isso, nota-se que este comércio levou a

desintegração de um dos elementos fundamentais à caracterização dos faxinais, que era a possibilidade do uso comunitário dos frutos para a alimentação dos animais. A destruição de grande parte dos ervais devido a derrubada das árvores e a falta de madeira para a construção das cercas comunitárias. Neste momento a possibilidade de reprodução para muitos camponeses faxinalenses será através do cultivo do fumo. Este cultivo não demanda grande quantidade de terras e propicia uma renda considerável para o camponês. Estes fatores justificam em grande parte a adesão destes camponeses a esta nova cultura. Com isso, o censo de 1975 já ira apresentar dados relacionados a produção de fumo (tabela 7).

Produto	Paraná 1975	Rio Azul 1975
Arroz (t)	691528	1215
Feijão (t)	362515	1571
Milho (t)	3429737	6680
Batata (t)	263701	2934
Mate (t)	35142	726
Trigo (t)	380600	26
Cebola (t)	24453	494
Suínos (unid)	5888873	20490
Equinos (unid)	440867	4066
Bovinos (unid)	6587064	3530
Aves (unid)	29362608	50641
Lenha (m³)	5639000	726000
Carvão (t)	0	0
Dormentes (unid)	0	0
Toras (m³)	5863000	3000
Vigas (m³)	0	0
Araucária	24139000	139000
Fumo	19045	1128
Soja	3103049	171

Tabela 7. Produção agropecuária do Paraná e de Rio Azul. Fonte: Censo Agropecuário 1975.

A outra crise começa a partir da segunda metade da década de sessenta com a modernização da agricultura, neste momento grande parte dos camponeses faxinalenses acabam vendendo suas terras para grandes proprietários e indo em direção as cidades.

Mas chegou uma época que os trens foram carregando cada vez menos coisas, até que pararam de vez, isso lá por 1980 – 85. Daí foi se acabando tudo. Os faxinais foram abertos. Hoje não tem nem a metade dos moradores de antes, acabaram indo embora, tinha dia que saia por dia até dez mudanças (...) a turma foi se empregar. Foram pra Guarapuava, Ponta Grossa, Irati (MORADORES DE ÁGUA CLARA, 2009).

Ainda com relação a venda e/ou mudança de usos nas terras de criadouros e consequentemente a diminuição dos mesmos. No ano de 2007 foi elaborado um mapa mental com a ajuda dos moradores do Faxinal Saudade Santa Anita (figura 2).

Através da análise deste mapa mental fica mais fácil entender as proporções das diminuições das áreas de criadouros.

De antes, o faxinal Santa Anita fazia parte de um grande faxinal, o criadouro ia até lá perto de Turvo, mas daí os gaúchos foram chegando, comprando tudo que era terreno e destocando para plantar soja (...) eles falavam que quem quisesse ter animais soltos teria que fazer cerca, era a lei dos quatro fios (...) também teve uns moradores do faxinal que desistiram do criadouro. Daí os que eram pequenos acabaram indo pra cidade, tinha gente que nem tinha terreno e teve que sair do faxinal (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

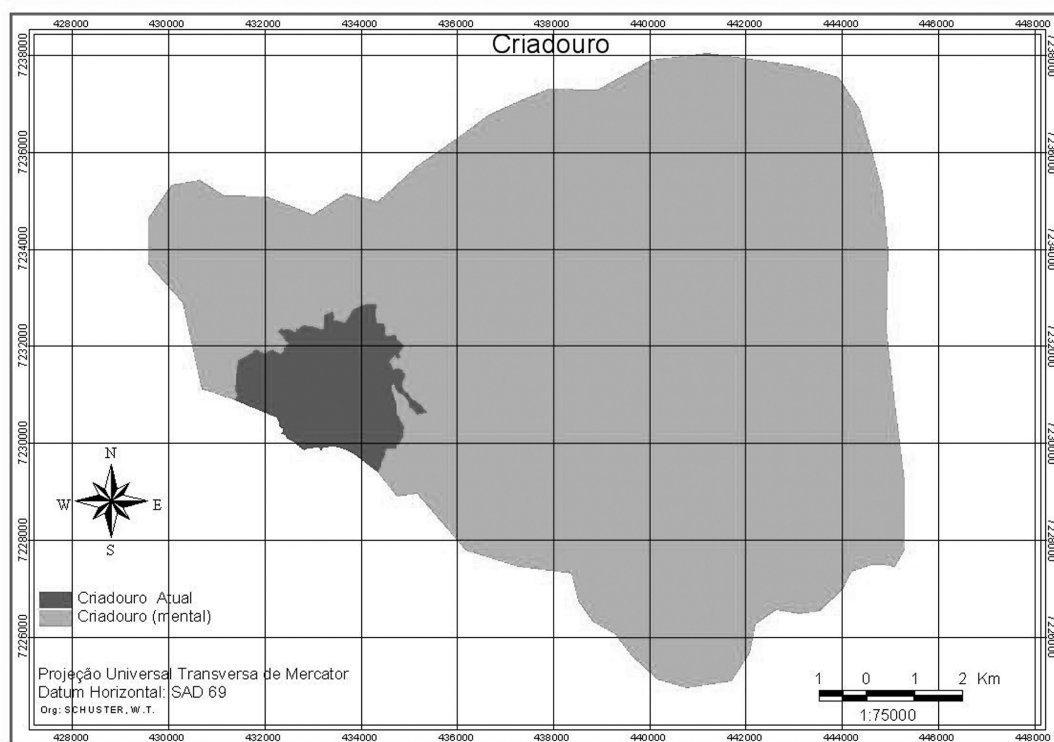


Figura 2 – Mapa mental do criadouro.

A partir deste texto fica evidente que boa parte dos produtos faxinalenses eram destinados ao comércio local, ou seja, a sua inserção econômica estava relacionada com a região onde estavam inseridos. Pode-se falar que existia naquele momento uma economia faxinalense territorializada, a própria dinâmica local influía na inserção econômica destas comunidades.

Esta inserção econômica propiciava a reprodução social destes camponeses. Dava a possibilidade de conseguirem melhores condições de vida para os faxinalenses. Naquela fase era possível a um pequeno produtor realizar a compra de terrenos com a venda de sua produção (cereais e animais).

De primeiro nos vendemos pra comprar esta propriedade dois porcos gordos, dois bois e vinte sacos de feijão, de antes o preço das coisas era mais alto, daí compramos esta propriedade de dois alqueires e meio mais a casa e o paiol. O terreno do criadouro você não comprava só com conversa,

tinha que trabalhar bastante. Aqui acho que foi seis mil réis que pagamos. (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

As plantações eram feitas primeiro nas roças de toco, este termo utilizado pelos camponeses parece ser o mesmo que Waibel (1979) chama de “sistema de roça ou capoeira (...) sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios” (p. 245), onde era as matas eram queimadas, cultivadas por um período e depois deixadas para descanso.

(...) de antes aqui era plantado de tudo feijão, batata, cebola, milho, só tinha que escolher um quadro de terra (...) a cinza da era o melhor adubo, era só roça de toco, não precisava de adubo, você derrubava o mato, tirava uma planta, não plantava em cima do tigüera, deixava a terra descansar e depois de três ou quatro anos plantava de novo, daí se os tocos já tivessem podres dava até pra arar. (...) O colono tinha que conhecer a terra, ele sabia que terra vermelha não dava feijão, só a de areia e as das capoeiras que tinham jaguarandi. (...) o milho não era pra vender, era só para os porcos comer. Vaca era só uma ou outra, só para o leite, a gente vendia uma ou outra cabeça (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Neste ponto existe a abertura para outras discussões, como é o caso do preço da terra na época, do preço dos produtos vendidos em relação a atualidade. Além disso, pode-se questionar sobre o que era comprar terras nos anos de 1940 e o que é comprar terras agora. Entretanto, estas questões não serão abordadas.

Naquele tempo tudo dava dinheiro, a vida era mais fácil. Você tinha porco, cabrito, tinha o faxinal, dava pra ter setenta oitenta porco. Naquele tempo não se usava adubo, o terreno dava sem colocar adubo (...) nos plantávamos arroz, batata, trigo, cebola, tinha também a erva-mate, ela dava dinheiro de cada dois ou três anos. Nos conseguíamos vender tudo o que tinha aqui. Também tinha a lenha, pra Maria preta, puxava lenha lá e no fim do mês tinha dinheiro. Semeava trigo, eu consegui comprar terreno com o dinheiro disso e dos porcos, eu vendia de trinta porcos gordos pra cima, dava pra comprar terreno com este dinheiro, mas daí foi complicando, trigo não dava pra plantar, o governo proibiu, meu munho de trigo tive que vender, foi pro Paraguai. Porco pra vender é só o do chiqueirão, madeira não pode mais corta, feijão ta sessenta reais o saco, milho ta quinze, daí não tem como o pequeno se saí. O que ainda salva é o fumo e a erva (MORADORES DO FAXINAL, 2009).

Meu pai criava setenta, oitenta porco tudo ano, era porco de oito dez arrobas, tudo ano ia um vagão de porco pra Ponta Grossa (...) De antes meu pai vendia tudo o que nós produzíamos, era só sai nas serrarias, na Água Clara. Era de ovo pra cima. (...) Os terrenos que eu tenho, herança de meu pai, foram todos comprados com dinheiro de erva, porco, feijão. O criadouro era o pão pro colono, pra ter as coisas só precisava ter saúde e não ser vagabundo. (...) faz uns 25 anos depois caiu a cerca acabou o criadouro. Daí aqui se acabou o criadouro, daí era porco só pro gasto (...) daí agora ta assim, muito pior do que antes, hoje a turma planta fumo, daí fica devendo muito dinheiro, você compra um saco de adubo deles, disque não tem juro, mas daí você acaba pagando o dobro, troca seis por meia dúzia, tem gente que mal ganha pra comer (...) Hoje você segura um

terneiro ali, ele morre de fome berrando, não tem onde soltar. Se hoje voltasse a ser criadouro era uma boa pra gente (MORADORES DE UM FAXINAL PARALISADO, 2009).

Eu não sou contra as pessoas que querem o criadouro, eu só acho que tenho o direito de usar o meu terreno do jeito que eu quiser, pra mim o criadouro não compensa. Veja! Eu não posso fazer nada, tenho mais de cinquenta alqueires aqui dentro, tá tudo parado, de antes isso tudo era cheio de porco, dava dinheiro, mas agora quem compra banha? Que compra porco comum? Ninguém! Eu até entendo que é bom manter os costumes, mas agora vem os caras do IAP ou do governo querendo que eu não mexa no que é meu, se eu não cuidasse não tava assim, se eu fosse empregado até dava, mas se eu não der meus pulos (...) eles não fazem o meu rancho todo mês (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Com base nos dois primeiros relatos, nota-se que outrora a 'vida do camponês faxinalense era mais fácil'. Até a década de 1980 havia um mercado regional para os produtos faxinalenses. Esta inserção econômica regional era base essencial para que estes atores sociais pudessem se reproduzir. Com a crise que assola as comunidades faxinalenses, muitas delas acabaram se desagregando. Esta desagregação, segundo muitos dos moradores, acabou levando a miséria para estas localidades.

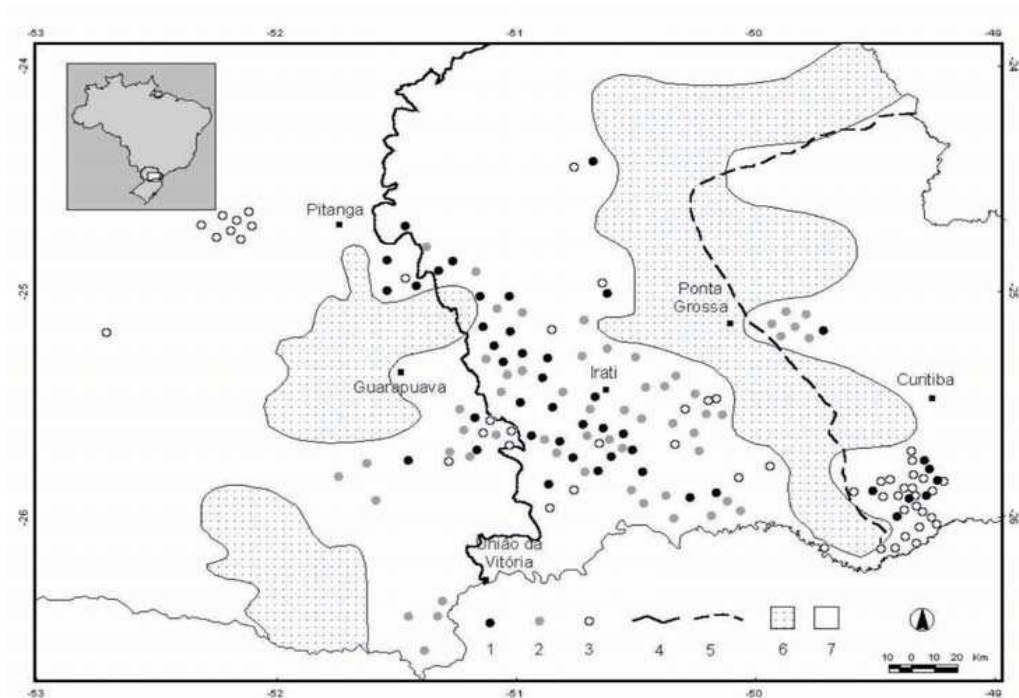
No terceiro relato, que é de um morador contrário a manutenção do criadouro comunitário do Faxinal Saudade Santa Anita. Nota-se que houve um tempo onde era possível a obtenção de uma renda considerável. Entretanto, com a desagregação econômica regional, a falta de saída para os produtos oriundos do faxinal, esta renda deixou de existir, fato este que levou muitos dos camponeses a optarem pelo uso particular de suas áreas.

Antes de tomar partido, seja pela manutenção ou desagregação dos faxinais, convém compreender o seu contexto. A busca por melhores condições de vida é algo intrínseco a qualquer pessoa e não seria exceção o camponês faxinalense. Apoiar a manutenção destas comunidades pode ser algo completamente aceitável, desde que seja colocado em pauta as questões relacionadas a qualidade de vida destes atores sociais. É necessário que sejam criadas alternativas que respeitem a endogeneidade destes locais e tragam a possibilidade de ganhos reais, que estejam acima do mínimo necessário para a sua reprodução social, como era outrora. Esta função não é apenas das escalas governamentais, mas também de todos nós pesquisadores, que como já advertia Marx, não devemos apenas teorizar ou interpretar este mundo, mas buscar alternativas para mudá-lo.

4.1.3 Faxinais na atualidade.

Os faxinais são considerados uma forma de organização camponesa, que na atualidade, está presente apenas na região Centro-Sul do Estado do Paraná (Figura 3). Outros autores, para melhor delimitar sua região de ocorrência, colocam que este modo de vida está presente no bioma da Mata com Araucária.

Os faxinais são uma típica forma de uso comum, que a rigor atingia toda a região Sul do Brasil, nas áreas onde apresentavam matas de araucária, erva-mate e cujo povoamento ocorreu nos séculos XVII e principalmente no XIX, conheceram sua formação (...). No entanto, atualmente, têm-se notícias de sua existência somente na região Centro-Sul do Paraná (TAVARES, 2008, p. 363).



1 – Faxinais Remanescente s; 2 – Faxinais Desativados; 3 – Faxinais Extintos;
4 – Escarpa da Serra Geral; 5 – Escarpa Devoniana; 6 – Campos;
7 – Mata de Araucária. Fonte: MARQUES (2004)

Figura 3 - Mapa de localização dos faxinais no Estado do Paraná.

Para Löwen Sahr (2005) os faxinais são comunidades que praticam, sobretudo ao longo dos vales dos rios, um modo de uso integrado da terra que engloba atividades silvo pastoris comunitárias, extração de madeira, erva mate, além da prática de uma agricultura de subsistência.

Estas comunidades representam uma importante experiência no campo geográfico. Para Tavares (2008) essa forma de organização vem a ser uma experiência autogestionária no uso comum da terra, sendo consequência da

criatividade do camponês (no caso pequeno agricultor/produtor), sob determinadas condições de produção.

“Sob a ótica das relações não-capitalistas de produção (camponesa), pode ser entendida como o resultado da interação entre a abundância dos meios de produção (terra e mão-de-obra) e a escassez de recursos financeiros e, portanto, dos bens de produção” (TAVARES, 2008, p. 44).

Na atualidade as comunidades faxinalenses, se distinguem do que é conceitualizado pelas autoras (Chang [1988] e Nerone [2000]). Estas dão ênfase a questões relacionadas apenas ao uso coletivo no criadouro, não levando em conta a sua flexibilidade (particular/coletivo). Além disso, em muitos casos induzem os leitores a concluir que aqueles camponeses só praticam agricultura de subsistência, possuem um mercado satisfatório para os suínos criados a solta, além de participarem de várias fases do beneficiamento da erva-mate.

O fato é que parece que em muitos casos os autores deixam de falar das mudanças que ocorreram e ainda ocorrem nestes locais, onde os criadouros vem constantes alterações. Tornou-se comum nos criadouros comunitários a existência de "ilhas" (conhecidas pelos faxinalenses como feixes) destinadas ao uso particular. Hoje o mercado para os chamados porcos comuns, criados a solta, é quase inexistente, sendo esta criação voltada basicamente para a subsistência. As práticas agrícolas no criadouro deixaram de ser apenas voltada à subsistência, e, juntamente com a produção de fumo e orgânicos e/ou agroecológicos tornaram-se alternativas econômicas mais viáveis. Também a extração e o beneficiamento de erva-mate deixaram de ser um processo realizado pelo faxinalense. Como comprova Barreto (2007), ela é feita pelas empresas ervateiras.

Não é o objetivo do texto aprofundar estas discussões, entretanto, convém questionar se o faxinal da atualidade não seria um mesclado, onde coexistem historicamente questões relacionadas a dialética entre o coletivo e o particular, o público e o privado. Outro questionamento estaria relacionado a possibilidade destes camponeses de mudar o rumo de sua produção e organização em decorrência de fatores externos (mercado e Estado).

A diversidade de campesinatos existente em cada formação territorial resulta de processos históricos complexos, a partir dos quais, cada grupo local de termina sua maneira de se relacionar com a terra e a natureza, conformando tradições distintas, o que, por sua vez, está intimamente vinculado as relações estabelecidas entre o grupo e as várias formas de capital e seus respectivos mercados, organizados em escalas diferenciadas. Nesse processo, o Estado desempenha um papel-chave como mediador dessas relações. (MARQUES, 2008, p.70)

Além disso, para compreender a atuação do campesinato enquanto classe e sujeito político é imprescindível analisá-la em contextos históricos e políticos específicos, marcados por tensões e contradições constantemente negociadas (MARQUES, 2008, p.70).

Com relação aos locais onde existiram faxinais no Sul do Brasil, Löwen Sahr e Cunha (2005), mencionam a ocorrência dos faxinais nos planaltos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Todavia, estes autores afirmam que esta forma de organização deixou de existir nos últimos dois Estados devido, entre outros fatores, a influência cultural de imigrantes e a Revolta do Contestado.

Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul os Faxinais já há muito tempo pertencem ao passado. Isto se deve, sobretudo, a influência cultural de colonos imigrantes (alemães, italianos, poloneses, entre outros) do século XIX e também a guerra civil que foi conduzida contra os caboclos entre os anos 1912-1916 (Questão do Contestado) (LÖWEN SAHR e CUNHA, 2005, p. 11.137).

Como já foi citado, os faxinais existiam nos três estados do Sul do Brasil (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), porém, atualmente são encontrados apenas no Paraná. Com isso, surgem muitas questões relacionadas as particularidades da região onde eles se concentram, bem como sobre suas características endógenas.

Com relação a quantidade de faxinais ainda existentes no Paraná, existem algumas pesquisas que buscam trazer estes números. As primeiras foram realizadas ano de 1994 por órgãos públicos (Instituto Ambiental do Paraná - IAP e pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER) e por uma ONG (Instituto Florestas Tropicais - ITF).

O levantamento realizado pelo IAP divulgado através da Folha de Londrina do dia 09/07/1994, afirma existirem 66 faxinais em 16 municípios paranaenses. Já o levantamento feito pela EMATER afirmou a existência de 121 faxinais localizados em 25 municípios do estado (IFT, 1994) e o realizado pelo IFT afirmava existirem 150 faxinais no Estado.

Souza (2001) destaca que a pesquisa realizada pelo IFT mostra que dos 150 faxinais existentes 118 foram considerados ativos, “segundo pesquisa realizada pela ONG – ITF – Instituto Florestas Tropicais (1994), aponta a existência de 118 faxinais em atividade no estado aonde vivem cerca de 15.000 famílias (p.36).”

Outro estudo/pesquisa relacionado a essa temática foi feito por meio de uma Consultoria Técnica junto ao IAP, cujo relatório final (Levantamento Preliminar Sobre o Sistema Faxinal no Estado do Paraná) foi publicado por Marques em 2005. Neste, o autor afirma que existiam no Paraná 152 faxinais, mas apenas 44 ainda conservam as características (consideradas) originais do sistema - o criadouro comunitário, as cercas e as terras de plantar. Os outros estão total ou parcialmente desagregados, mantendo uma ou outra daquelas características.

Marques (2004) constata, ainda, que 81,6% dos moradores dos faxinais possuem a posse da terra, ou seja, a documentação da propriedade do terreno, e 18,4% não possuem posses, mas utilizam o criadouro para a criação de animais e residência. Estes últimos são os agregados, que, geralmente, prestam algum tipo de serviço para os proprietários de terras em troca do uso do criadouro comum. Além disso, em 25% dos faxinais os criadouros comuns são apenas para as criações altas (bovinos e eqüinos) e os outros 75% possuem as criações altas e baixas, embora muitos possuam uma área cercada, onde alguns animais 14 permanecem fechados de acordo com as necessidades dos faxinalenses. A área ocupada por criadouros comunitários excede 15.000 hectares, onde também residem aproximadamente 3.400 famílias.

Segundo Silva (2005), a distribuição dos Faxinais no estado do Paraná é da seguinte forma:

14 faxinais na região de Guarapuava (...) nos municípios de Prudentópolis, Turvo e Pinhão (...) 15 faxinais na região de Irati (...) nos municípios de Rebouças, Mallet, Rio Azul, Irati e Inácio Martins (...) 02 faxinais na região de Pitanga (...) no município de Boa Ventura de São Roque (...) 03 faxinais na região de Ponta Grossa (...) situados nos municípios de Ponta Grossa, Imbituva e Imbaú (...) 03 faxinais na região de União da Vitória (...) situados nos municípios de São Mateus e Antônio Olinto (...) e 07 faxinais na região de Curitiba (...) situados nos municípios de Mandirituba e Quitandinha. (SILVA, 2005 p. 42).

A mais recente pesquisa direcionada a saber a quantidade de faxinias no Estado foi realizada pela Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (AP). Segundo Tavares (2008) esta organização representa os camponeses faxinalenses na escala estadual. Nesta pesquisa foi realizado um levantamento dos faxinais do Paraná. Neste trabalho foram mapeados 227 faxinais, que estão localizados na Região Metropolitana de Curitiba e nos 1º e 2º planaltos das regiões Sul e Centro-Sul do Estado do Paraná. Estes faxinais também foram classificados em três grupos: ativos, parcialmente ativos e paralisados.

Faxinal Ativo: Fazem parte dessa categoria todos aqueles faxinais em que o criadouro comum ou comunitário está totalmente ativo e/ou que até 30% das terras de uso comum foram obstruídas por cercas – fecho ou feche – para uso individual em qualquer atividade agrícola pelos camponeses faxinalenses ou qualquer finalidade por pessoas estranhas ao modo de vida dos camponeses faxinalenses. **Faxinal Parcialmente Ativo:** Enquadram-se nessa categoria todos aqueles em que o criadouro comum ou comunitário está parcialmente ativo, em que 70% das terras de uso comum foram obstruídas por cercas – fecho ou feche – para uso individual em qualquer atividade agrícola pelos camponeses faxinalenses ou qualquer finalidade por pessoas estranhas ao modo de vida dos camponeses faxinalenses. **Faxinal Paralisado:** Enquadram-se nessa categoria todos aqueles em que as terras de uso comum foram obstruídas por cercas – fecho ou feche – para uso individual em qualquer atividade agrícola pelos camponeses faxinalenses e/ou que possuam até 30% de terras de uso comum e que mantêm a paisagem do bioma de Florestas de Araucária. (TAVARES, 2008, p. 575).

De acordo com esta pesquisa, dos 227 faxinais mapeados, 50 são ativos, 29 parcialmente ativos e 147 paralisados. O que se nota com estas pesquisas é que a quantidade de faxinais diminuiu significativamente. Entretanto, quando são avaliadas todas estas pesquisas, nota-se que os resultados/números obtidos nas pesquisas realizadas em 1994, 2005 e 2007 estão relativamente próximos. Este fato pode ser uma premissa indicadora de que as desagregações nestes últimos anos estão diminuindo.

Com relação ao início das desagregações e/ou crises dos faxinais, não é possível precisar uma data, pois este movimento é consequência de vários fatores. Tavares (2008) ao trabalhar os faxinais na contemporaneidade descarta a ideia de fase de desagregação dos faxinais. Este autor trabalha apenas com a ideia de crise, indicando que os faxinais passaram/passam por uma crise e, que esta pode causar - ou causou - a desagregação de várias comunidades.

O que se nota em seu discurso é que a crise dos faxinais está diretamente ligada as crises da economia paranaense, como é o caso da crise da erva-mate que atingiu a economia paranaense e, por consequência os faxinais antes de década de 1950. A crise do gafanhoto, que ocorreu 1946, a crise da peste suína no ano de 1947, que dizimou a maior parte deste rebanho. Estas duas, segundo Carvalho (1984), possivelmente ocorreram devido a fatores climáticos. A crise do trigo, que iniciou em 1955 e perdurou até 1958, a da batata, ocorrida de 1948 a 1952. Estas últimas crises, segundo Tavares (2008) “foram provocadas pela oscilação do mercado, pois, quando o camponês realizava uma boa produção, os preços caíam, e vice-versa, conforme o precário sistema de comunicação existente no período, que

prejudicava o escoamento da produção para regiões onde a escassez existia” (p. 578).

Além destas, este autor coloca que ocorreram mais duas crises, provocadas pelo desenvolvimento do modo capitalista de produção. A crise ambiental, consequência dos desmatamentos das florestas e a crise advinda com a modernização da agricultura, “a primeira denominada de crise ambiental, que se inicia logo após da Primeira Guerra Mundial e vai até 1950, e a segunda a partir da segunda metade da década de sessenta com a modernização das agriculturas brasileira e paranaense” (p. 578). Ele coloca que apesar desta crise, pela qual os faxinais estão passando, eles não irão desagregar-se, como foi colocado por Chang (1988).

Dentre os fatores que contribuem para que diminuam as desagregações, dois parecem ser muito influentes. O primeiro é que grande parte dos faxinais ativos estão localizados em áreas chamadas pelos próprios faxinalenses de “chão dobrado” que conseqüentemente não despertaram ou despertam grande interesse por parte dos grandes proprietários e/ou produtores de *commodities*. Este fato pode ser visto na conversa dos faxinalenses.

Nós ficamos aqui com faxinal porque as terras são mais dobradas, não tudo dobrada. É só você andar um pouco e já tem uma canhadinha, uma lombaa, uma sanga (...) como que os grandes vão poder colocar as máquinas pra trabalhar num terreno assim? Quando vocês vieram de Turvo pra cá, os terrenos planos são tudo roça e tudo era faxinal (MORADORES DO FAXINAL, 2007)

O segundo fator que influencia na manutenção destas comunidades é o fato do reconhecimento destas comunidades nas esferas públicas, este fato ocorreu no ano de 1997 através do Decreto Estadual n. 3.446 de 1997, no parágrafo 1º, do art. 1º.

O sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para o consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto – manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas. (DECRETO 3.446/97).

Foi através deste Decreto 3.446/97 que o governo do Estado reconheceu a existência do Sistema Faxinal, e paralelamente criou as Áreas de Uso Regulamentado (ARESUR). Esta categoria, segundo Domingues (1999), foi criada

com o objetivo de categorizá-los e incluí-los no sistema estadual de Unidades de Conservação e, por consequência terem o direito de receber ICMS ecológico.

Segundo Marques (2005), apenas 20 faxinais estavam cadastrados como ARESUR até o ano de 2005. O restante ainda não se tornou por vários motivos, dentre estes podemos colocar: a falta de conhecimento desta possibilidade no ano de 1997; grande parte dos moradores ainda não é favorável ao cadastro e, aliado a estes motivos está a falta dos documentos exigidos para a realização deste cadastro.

No ano 2007, através do Decreto 6.040/07, os faxinais foram reconhecidos pelo Governo Federal como comunidades tradicionais. Este fato ocorreu devido ao fato dos faxinalenses serem considerados

“Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;” (DECRETO nº 6.040).

Este reconhecimento ocorreu devido a todo um conjunto de características que os faxinais possuem e que de certa forma vão de encontro com as colocadas no Decreto. Dentre os vários pontos que levam a identificação dos faxinalenses como populações tradicionais podem-se, segundo Löwen Sahr (2005), notar as seguintes:

“A associação da pecuária, da agricultura e do extrativismo em um sistema singular (...) a partilha do chão com as terras de criar sendo de uso comum (...) a prática de uma agricultura de subsistência com instrumentos tradicionais (...) a forte convivência e integração como o meio ambiente através da conservação da biodiversidade e de culturas de extrativismo (...) a existência de uma história e uma cultura própria (...) a preservação e o respeito as suas tradições e aos seus costumes (...) apresentam uma vida comunitária, solidária e de união.” (LÖWEN SAHR, 2005, p. 57-61).

As comunidades faxinalenses embora mantenham certas peculiaridades, não podem ser consideradas iguais. Cada uma delas possui características específicas, consequência de sua formação, localização, economia, etc. Atualmente, um dos principais desafios para estas comunidades está relacionado a redução das áreas de terra.

A pesquisa de Tavares (2008) mostra que apenas 25% das comunidades faxinalenses, possuem o mínimo de área do criadouro comunitário que assegure a sua reprodução social. Em sua pesquisa o autor coloca que este mínimo é de 5 hectares por família. Esta área mínima surgiu após discussões realizadas com 25 líderes destas comunidades.

A redução da quantidade de terras dos criadouros comunitários segundo Tavares (2008) é consequência de dois processos: o crescimento populacional faxinalense e ao desenvolvimento do modo de produção capitalista.

A redução da quantidade de terras de uso comum no território do faxinal necessário para a reprodução da prática de criação de animais à solta e o uso dos recursos naturais no criadouro comum ou comunitário são o resultado de dois processos que vêm se desenvolvendo paralelamente ao longo de mais de um século. De um lado, é provocado pelo processo natural crescimento da população dos camponeses faxinalenses e, por outro, se deve ao desenvolvimento do modo de produção capitalista no campo paranaense, ou seja, pela disputa de classe pelos territórios (TAVARES, 2008. p. 608).

O que não é questionável atualmente é que as comunidades faxinalenses diminuíram muito nos últimos anos. E, dentre as que se mantêm, muitas estão passando por crises, principalmente com relação a manutenção do criadouro comunitário. Outra questão comprovada é que muitas destas comunidades perderam suas características estruturais e/ou organizacionais (terras de criar e terras de plantar separadas) e, conseqüentemente deixaram de ser consideradas faxinais ou são classificados como faxinais paralisados.

Outro fato notável é que muitas das comunidades que se mantêm são vistas como “fósseis” de outrora. Aliado a este fato em muitas comunidades a maior renda que os faxinalenses possuem é oriunda de aposentadorias e políticas públicas. Com isso se verifica a existência de uma carência por parte destas comunidades, no que diz respeito às de possibilidades para a sua reprodução social sem o auxílio do Estado. Este fato também pode ser notado nas palavras dos moradores do Faxinal do Salso, localizado na cidade de Quitandinha - PR, região metropolitana de Curitiba: “meus filhos não podem ficar aqui, pois não ganham nada (...) não tem do que fazer dinheiro. Aqui é bom pra nós velhos que somos aposentados” (MORADOR DO FAXINAL, 2009).

Embora este contexto seja para muitos autores algo comum nesta fase (moderna ou pós-moderna) onde é uma característica a 'ajuda' do Estado a todas as escalas, desde grandes empresas (isenção de impostos, financiamentos) até individuais (aposentadorias, bolsas de assistência).

É possível verificar que grande parte destas pessoas não cogita ou busca sobreviver destes rendimentos, mas demonstra a esperança de conseguir um meio/trabalho que lhe propicie uma reprodução social com qualidade de vida a partir da sua realidade, ou seja, inserida nos faxinais. Em muitos casos estes atores

sociais esperam que através da união/relação entre a academia (ou outras instituições e ONGs) e estas comunidades, seja possível a criação de alternativas economicamente viáveis que lhes propicie uma reprodução social digna. Mesmo conscientes de que seja algo difícil, tendo em vista que forças maiores como o mercado e o Estado não o fizeram, talvez esta seja a principal contribuição que estas comunidades estão esperando das ações extensionistas.

4.1.4 Perspectivas para os faxinais

A maioria dos autores que trabalham esta temática não deixa de se questionar sobre o futuro destas comunidades, que como afirma Cunha (2003) é uma das “estruturas territoriais existentes no Paraná”, que não recebeu atenção adequada por parte das políticas e/ou modelos desenvolvimentistas, tendo em vista que permaneceu nestes um enfoque homogeneizador, uma espécie de imposição.

No Paraná os estudos e diagnósticos sobre o desenvolvimento rural destacavam uma integração econômica entre as diversas regiões do estado e uma influência de fatores exógenos mais amplos, nacionais e internacionais, que se imporiam as especificidades regionais, o que as tornava pouco importantes (CUNHA, 2003, p.32).

Demonstrou-se que as políticas públicas, na forma de programas de desenvolvimento ou não, que foram aplicadas as estruturas territoriais existentes no Paraná, possuíam um enfoque homogeneizador que as faziam desconsiderar os diferentes processos endógenos do desenvolvimento rural constatados regionalmente (CUNHA, 2003, p.122).

A possibilidade que cada autor vê para os faxinais está inteiramente relacionada a sua abordagem metodológica e bagagem teórica. Estas questões refletirão no seu modo de analisar estas comunidades, bem como suas perspectivas.

Neste item serão apresentados os autores em uma ordem temporal, começando por Chang (1988) e chegando até Tavares (2008).

Chang, nos idos dos anos 1980, já apresentava nas conclusões do seu livro “Sistema Faxinal, uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná”, que as características do Sistema Faxinal são contrárias as forças capitalistas e, além disso, existe todo um contexto que contribui para a decadência do sistema:

...no Sistema Faxinal há uma coletivização do uso das terras de criação. Este espírito de coletivização é antagônico a racionalidade da produção capitalista, onde o privado é tido com pressuposto inviolável e inquestionável. É devido a este antagonismo que o avanço das forças capitalistas no campo tem significado um constante deslocamento do espaço produtivo ocupado pelos faxinais. A nível concreto isto se evidencia em forma de desagregação do sistema, da qual não nos falta prova hoje. (...) Dentre o elenco dos fatores que de alguma forma contribuem para a desagregação do Sistema Faxinal, pode-se dizer que quatro deles praticamente explicam a síntese do processo: a tecnologia, a valorização da terra, o esgotamento dos recursos naturais e o papel do Estado. (CHANG, 1988, p.107).

Silva (2005) coloca que se não houver um movimento mais conciso em prol destas comunidades, elas não conseguirão se manter, isso porque suas características são antagônicas à lógica de acumulação capitalista.

A situação atual de desagregação a que estão sujeitos os sistemas faxinais, provocada principalmente pela superação da forma “tradicional” de produção por uma mais “moderna” e tecnificada, mais racional, dentro da lógica da acumulação capitalista. A característica principal dos Sistemas Faxinais, que é o uso coletivo do meio de produção terra, vai contra a ótica da racionalidade capitalista (SILVA, 2005, p. 42).

Contudo, para Löwen Sahr (2005), as comunidades faxinalenses, por serem possuidoras de um patrimônio impar, tendem a ressurgir. A autora vê os faxinais como comunidades dinâmicas, flexíveis e integrativas, tendo em vista que passaram por várias transformações econômicas e sociais no decorrer de sua existência. A autora coloca que:

Nos Faxinais estão sedimentados mais de 300 anos da história agrária do Brasil, o que mostra, o quanto eles são dinâmicos e flexíveis, mas também o quanto são integrativos, tendo reagido a diferentes fases e modificações do sistema social e econômico hegemônico. (LÖWEN SAHR, 2006, p.22).

Löwen Sahr (2006) também aponta possibilidades para o sistema quando inserido nas perspectivas do desenvolvimento sustentável.

A discussão em torno do 'Desenvolvimento Sustentável' de sistemas de uso integrado transformou, na atualidade, o faxinal até então marginalizado pela política da modernização em um sistema agroecológico desejado (p.16).

Também Tavares (2008) ao falar sobre as perspectivas dos faxinalenses e/ou faxinais é bem otimista. Para este autor a manutenção dos faxinais é algo certo. Sua presença será cada vez maior devido, dentre outros fatores, a sua singularidade como modo camponês “uma fração singular da classe camponesa paranaense e brasileira, como fruto contraditório e combinado do desenvolvimento do modo capitalista de produção no campo paranaense” (p. 733). Para o autor esta classe também se distingue das demais classes camponesas devido a fatores como os

laços de solidariedade, uso do criadouro comunitário e do seu enraizamento com a terra.

utilizam os laços de solidariedade de outros camponeses na forma de mutirão/puxirão (...) que afloram com a cultura própria dos faxinalenses (...) É no criadouro que o campesinato expressa todas suas práticas sociais, culturais e religiosas, (...) seu modo de vida singular. (...) os camponeses faxinalenses, diferentemente da grande maioria de sua classe, (...) é um enraizado em sua terra (TAVARES, 2008, p. 734 - 735).

O autor ainda conclui com a certeza de que “os camponeses faxinalenses, através de seu movimento social e político, lutarão e resistirão pela manutenção da formação social do faxinal” (p. 737) e, além disso, buscarão reconquistar as terras expropriadas pelo desenvolvimento do modo capitalista de produção no campo paranaense. “E na esperança de que futuras gerações dos camponeses faxinalenses continuem a lutar e resistir pelo território comunitário camponês” (p. 737).

A partir das colocações de todos estes autores fica notável que a situação atual dos faxinais não inspira muitas certezas. Este fato se deve, dentre outros fatores, ao fato destas comunidades estarem inseridas dentro de uma gama de relações (econômicas, políticas, sociais, etc.). A realidade atual destas comunidades mostra que cada uma delas reage de forma diferente aos ‘estímulos’ que o sistema capitalista de produção lhes propicia. Outro fato que influenciará significativamente no futuro destas comunidades será a velha questão entre as teorias e/ou ideologias e prática e/ou realidade, e neste ponto entra a influência da academia.

Enquanto estas não caminharem juntas, complementando-se, trabalhando com a realidade atual (faxinalense, que está inserida dentro de uma realidade que os velhos teóricos não conheciam) buscando alternativas que tenham como reflexo a qualidade de vida destes atores sociais, os discursos por mais coerentes que sejam com sua base teórica, serão apenas discursos e as práticas dificilmente passarão de tentativas.

Com relação ao modo de vida camponês existente nestas comunidades, acredito ser muito difícil afirmar como este se portará diante das dinâmicas internas e externas que influenciam estas comunidades. Creio que devido a singularidade de cada uma destas comunidades, onde algumas estão mais outras menos integradas ao mercado. Em algumas a maioria dos moradores dedica-se ao cultivo do fumo, um modo de produção que para muitos autores é contrário ao modo de vida campones, devido, dentre outros motivos, ao modo de produção integrado que as empresas

exigem das famílias. Em outras comunidades existe uma tendência à produção agroecológica e ao turismo, já em outras a produção de subsistência continua.

Além destes fatores, em muitas comunidades grande parte dos faxinalenses são assalariados. Desta forma, creio que seja muito difícil a identificação de um modo de reprodução social que induza a um único modo de vida camponês ou a um tipo específico de campesinato nas comunidades faxinalenses

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi demonstrado, o principal objetivo deste trabalho foi compreender como ocorria a inserção econômica dos faxinais em sua região de ocorrência no período que antecedeu a sua crise e/ou desagregação. Para isto, foi necessário a realização de uma pesquisa relacionada a formação territorial do Estado do Paraná. Dentro desta pesquisa foi dada maior ênfase as questões que estivessem também relacionadas aos faxinais, principal objeto de estudo.

Em um primeiro momento o trabalho trouxe uma série de considerações relacionadas aos faxinais. Indicando os principais trabalhos acadêmicos (livros, teses, artigos e monografias) relacionados aos faxinais, como também as várias possibilidades de novos trabalhos. Inserido neste ponto também está a apresentação das discussões relacionadas ao conceito de região. Neste ponto foi realizada abordagem teórico-conceitual relacionada ao conceito de região, neste foi buscado entender a região dos faxinais como resultado ímpar da relação de vários fatores. Também foram apresentadas as discussões relacionadas as origens dos faxinais, nestas foram apresentadas as colocações de Chang (1988), Nerone (2000) e Tavares (2008).

Também foi realizada uma pesquisa histórica (bibliográfica) sobre a história (oficial) do Paraná, ou seja, a partir da chegada dos primeiros colonizadores. Nesta foi buscado elencar as relações que existiram entre os ciclos econômicos, pelos quais o Paraná passou, e suas contribuições para a formação política, cultural, econômica e social desta região.

Outra questão analisada está relacionada a influência de "movimentos" que ocorreram na região Sul do Brasil e sua influência na formação dos faxinais, como foram o caso da Revolução Federalista e Revolta do Contestado e das imigrações.

Outro ponto importante neste trabalho foram as entrevistas realizadas com as pessoas idosas dos faxinais (ativos, parcialmente ativos e paralisados) e das localidades que mantinham certas relações econômicas (compra e venda de produtos) com os faxinais. Como foi o caso de moradores do Distrito de Água Clara e do Faxinal Taquari Água Clara. A partir da análise destas entrevistas foi possível um norteamento das pesquisas que foram realizadas na Biblioteca do IBGE, na cidade de Curitiba.

Para a apreensão daquela realidade foram necessárias leituras relacionadas ao recurso chamado de Memória Oral, História Oral e Lembrança de Velhos. Nestas, a partir destas leituras foi possível a compreensão das histórias e dos vários fatos através da Lembrança de Velhos.

Nos discursos dos entrevistados era possível ver que suas colocações estavam relacionadas a uma sequência de fatos conhecidos dos entrevistados. Além disso, ao falarem de outras épocas sempre traziam o faxinal como referência.

A partir deste caminho trilhado foi possível elencar alguns pontos que devem ser considerados. Primeiramente com relação aos faxinais do Paraná, sabe-se que este é um modo de vida tradicional atualmente só encontrado no Paraná, embora outrora já tivesse ocupado outras regiões do Sul. Outra questão importante, e que deve se colocada, é que embora estas comunidades estejam inseridas dentro de uma mesma região, cada uma delas possui especificidades particulares, fato este que deve ser analisado antes de qualquer conclusão, a fim de que sejam evitadas possíveis generalizações.

Outro fato que deve ser ressaltado diz respeito às constantes transformações que estas comunidades sofrem. Não é possível inferirmos que estas sempre foram iguais. As comunidades são o resultado de uma relação global-local e local-global. Isto significa dizer que o faxinal de hoje é diferente do faxinal de dez anos atrás. Partindo destas premissas se torna imprescindível ao analisarmos qualquer autor que escreve sobre os faxinais a necessidade de estudarmos o contexto sócio-econômico da época, pois além da ideologia, da carga teórica que cada autor carrega ou deixa nos seus escritos, ele também busca retratar a sua época, fazendo uma análise daquele momento, e contrapor estas linhas/questões sem analisar estas questões pode ter como consequência a elaboração de uma falácia.

Com relação aos faxinais da atualidade, é possível afirmar que estes estão presentes apenas no Paraná. Com relação a quantidade de faxinais existentes, existem pesquisas desde o ano de 1994 que procuram trazer estes números. Todavia, a mais recente indica a existência de 227 faxinais que estão divididos em três categorias: Ativos (50), Parcialmente Ativos (29) e Paralisados (147). Atualmente o número de desagregações diminuiu, embora ainda existam muitos conflitos nestes territórios. Dentre os fatores que contribuem para esta queda de desagregações estão os fatos de muitos destes faxinais estarem em terrenos que não despertaram

o interesse dos produtores de *commodities*, o reconhecimento deste modo de vida pelas esferas públicas (neste ponto convém ressaltar a importância das ações de ONGs e de Entidades de ensino) e a influência do modo de vida faxinalense. É interessante ressaltar que atualmente existe uma significativa procura por chácaras nestas comunidades, fato este que também acaba influenciando ou alterando a dinâmica local.

Outra questão atual dos faxinais está relacionada a quantidade de terras que os faxinalenses possuem. Pesquisas de Tavares (2008) indicam que apenas 25% das comunidades possuem o mínimo de área de criadouro que lhes assegurem a reprodução social. Isso mostra que muitas destas comunidades passam por crises relacionadas a manutenção dos criadouros.

Outro ponto atual é o fato de muitas destas comunidades serem consideradas como "fósseis" de outrora, onde grande parte da renda ali existente é oriunda de políticas públicas e aposentadorias. Embora esta característica seja considerada por muitos autores como uma característica da (pós)modernidade, onde o Estado auxilia desde as grandes empresas, grande produtores até populações tradicionais.

Com relação as perspectivas para os faxinais, vimos que elas variam de autor para autor, existindo correntes que acreditam que este modo de vida irá desaparecer e outros que afirmam o oposto. Neste ponto, comungo com os autores que veem possibilidades de reprodução social dos faxinalenses. Acredito que dificilmente este modo de vida irá desaparecer, até por que, ele está além da estrutura que denominamos como sendo ou não faxinal. O faxinal é mais que a soma de um criador comunitário, as terras de plantar, as cercas e o modo de vida das pessoas. Ele é um todo, que vai além das somas das partes, ele é a interação destas partes, ele é o resultado do ser faxinal e do não ser faxinal, do endógeno e do exógeno, ou seja, é algo complexo, que dificilmente poderá ser determinado sem que não sobre alguma aresta. Por isso, quando o assunto está relacionado a desagregação ou crise deste sistema, ele não pode ser visto apenas por ele mesmo. Para entender a desagregação ou crise dos faxinais é preciso considerar o desenvolvimento do modo de produção capitalista, isto porque, ele também uma consequência contraditória e combinada deste modo.

Ao falar dos faxinais, é imprescindível tecer comentários relacionados a região onde estes estão inseridos. Buscando entender a dinamicidade desta região,

bem como a importância de ainda trabalhar com este conceito e este contexto, foi construído um texto sobre a região dos faxinais. É inegável a importância deste conceito pra atualidade, onde o processo de homogeneização causada pela globalização faz com que paulatinamente venham surgindo diferenças entre as regiões. As relações global-local e local global fazem com que ora os vínculos se complementem ora se distingam, desta maneira se nota quão complexo é trabalhar com este conceito.

No texto tem-se como objetivo entender a singularidade da região dos faxinais através da análise de várias questões (econômicas, culturais, sociais, naturais e históricas). Sendo assim, parte-se do pressuposto da possibilidade de regionalizar através da análise dos processos histórico geográficos. Por isto foi construído um texto sobre a formação sócio territorial da região dos faxinais, onde foram analisados os ciclos econômicos do Estado, além fatos/acontecimentos históricos. Em todos eles foi buscado mostrar sua relação com a formação da região dos faxinais.

Após este embasamento foi elaborado um texto sobre a configuração da inserção econômica dos faxinais. No texto foi partido do pressuposto que a situação econômica dos faxinais não se mostra muito promissora, entretanto, esta realidade já foi diferente. Este fato pode ser comprovado tanto por meio da bibliografia consultada como por meio das entrevistas realizadas.

Como foi analisado, houve um tempo em que a situação econômica dos faxinais era promissora, tendo em vista que com este dinheiro (lucro) conseguido na venda dos produtos (agrícolas e/ou extrativistas) os faxinalenses conseguiam adquirir mais terrenos, em fim, ter uma vida melhor. Através das entrevistas é possível verificarmos que este fato ocorreu entre os anos anteriores a 1930 até meados da década de 1970.

O que foi possível comprovar neste trabalho é que nesta fase os faxinalenses conseguiam vender os mais variados tipos de produtos, desde ovos até erva-mate, e que o mercado consumidor destes produtos era, na maioria das vezes local. Outra questão importante é que dificilmente eles possuíam um produto principal, sua produção era diversificada, desta forma, quando um produto não tinha mercado, outros eram vendidos. Isto também indica uma facilidade que estes tinham em adaptarem-se as dinâmicas do mercado.

Durante o período que a economia faxinalense estava diretamente relacionada a região a qual o faxinal estava inserido, embora houvessem algumas crises, elas não chegavam a colocar o modo de vida em crise, isto porque a sua economia estava territorializada. Contudo, a partir do momento que a dinâmica econômica começou a mudar, fazendo com que esta economia se desterritorializasse, ou seja, seus produtos comesçassem a perder o mercado local e competir com outros, como foi o caso da banha que competia com o óleo de soja, a situação econômica destas comunidades começou a mudar, vindo a entrar em decadência. Este fato fez com que, em busca de sua reprodução social, muitos faxinalenses ou vendessem suas terras ou mudassem seu modo de trabalho, o que resultou na acentuada eliminação dos criadouros comunitários e, conseqüentemente a desagregação da maioria das comunidades faxinalenses.

As áreas de muitos criadouros pouco a pouco foram se tornando áreas destinadas a produção em larga escala e reflorestamentos. Este fato, em grande parte, é consequência da nova dinâmica global que se instaurava, onde a principal função do meio rural era abastecer grandes indústrias e cultivar os produtos 'escolhidos' para isto. Desta forma, todo e qualquer incentivo/política pública era sinônimo de antagonismo a dinâmica faxinalense, considerada atrasada e contrária ao modo de produção que se instaurava. Este fato também abriu a possibilidade (ou necessidade) da busca por novos meios de reprodução social, dentre estes estão o cultivo do fumo, a produção agroecológica e o turismo rural.

Hoje a realidade das comunidades faxinalenses diferenciou-se de outrora, ocorreram muitas mudanças, causadas por fatores endógenos e exógenos, fato é que estas comunidades se tornaram visíveis, adquirindo reconhecimento em várias esferas. Este fato, em parte, é consequência de uma leitura diferente da realidade do campo paranaense, que busca mostrar a importância destas populações para a sociedade.

6 REFERÊNCIAS

- AMORIM, C. C. Discutindo o conceito de região. **Estação Científica Online**, Juiz de Fora-MG, n. 04, abr./mai. 2007.
- BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 1.
- BARBOSA, T. A. **Território e Territorialidades do Sistema Faxinal**: Análise a partir da reconstrução histórica familiar na comunidade Taquari dos Ribeiros em Rio Azul – PR. 2007, 85p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2007.
- BARRETO, M. **A produção camponesa e o monopólio do território pelo capital**; espacialidades distintas na extração da erva-mate na região da floresta com araucária do Paraná. Ponta Grossa: 2008. 93 p. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – UEPG.
- BARRETO, M.; LÖWEN SAHR, C. L. **Os faxinais e a erva-mate**: incorporação da produção camponesa ao movimento da indústria capitalista. Terra Plural, p. 73-83, ago./dez. 2007.
- BARTHELMESS, H. Estruturas agrárias. In: BALHANA, A. et al. **Campos gerais**: estruturas agrárias. Curitiba: UFPR/Fac. de Filosofia, p. 139-152, 1968.
- BONDARIK, R.; KOVALESKI, J. L.; PILATTI, L. A. A produção da erva-mate e a iniciação industrial do Paraná. 19º Congresso Inter nacional de Administração. Ponta Grossa-Pr. **Anais**. 2006.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRANDT, M. Memórias e oralidade no acesso e uso da terra em comum no planalto de Santa Catarina. In: IV Encontro Regional Sul de História Oral: Culturas, Memórias e Identidades, 2007, Florianópolis. **Anais**, 2007.
- _____. **Uso comum e apropriação da terra no município de Fraiburgo-SC: do Contestado à colonização**. Santa Catarina, 2007b. 310 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC.
- CÂMARA MUNICIPAL DE GUARAPUAVA. Guarapuava. **Relatório ao Vice-presidente da Província Agostinho Emiliano de Leão**. Dez. 1870.
- CARAM, A. L. B. **Arquitetura de ferro no grande ABC**: história e ferrovia. Raízes, p. 22-29, dez/2004.
- CARDOSO, J. A.; WESTPHALEN, C. M. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba: Chain, 1978.

CARVALHO, G. L. Região: a evolução de uma categoria de análise na Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 22, n. 1, jan./jun. 2002.

CHANG, M. Y. **Faxinais**: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná. Boletim nº 22. IAPAR. Londrina, PR 1988.

COSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CUNHA, L. A. **Desenvolvimento rural e desenvolvimento territorial**: o caso do Paraná Tradicional. Rio de Janeiro, 2003. 136 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Agricultura) – UFR-RJ.

_____. Sobre o conceito de região. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa-PR, v. 5, n 2, p. 40-56, 2000.

DECRETO Nº 3.446, de 14 de agosto de 1997. Disponível em: <<http://celepar7cta.pr.gov.br/SEEG/sumulas.Nsf/>>. Acesso em: 29 Set. 2009.

DECRETO Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2007-010/2007/Decreto/D6040.htm>. Acesso em: 29 Set. 2009.

DOBRORUKA, V. Relevância e atualidade do Contestado na historiografia nacional. Reavaliando um velho livro de Duglas Teixeira Monteiro. **Revista de História da Ups**, Brasília, v. 1, p. 1-21, 2006.

EMATER-PR. **Extensão rural leva opção de diversificação para fumicultores**. Curitiba: EMATER, 2006. Disponível em www.emater.pr.gov.br, acesso em 16/09/2009.

ESPIG, M. J. Breve estudo sobre o Movimento do Contestado: A historiografia militar e o caso dos operários da EFSPRG. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 14, n. 25, p.199-219, jul. 2007.

FAJARDO, S. Aspectos da ocupação, da formação da estrutura produtiva e das transformações na paisagem rural no território paranaense. **Caminhos de Geografia Uberlândia**. v. 7, n. 20 Fev/2007 p. 89-101.

FILHO, J. L. G. Perfil histórico-jurídico dos faxinais ou compáscuos. In: **Revista de Direito Agário e Meio Ambiente**. Curitiba: ITCF, n. 1, a. 1, p. 44-79, ago. 1986.

FRANÇA, S. S.; C. LEITE, K. C. B. A Geografia e seus conceitos: adeus região e viva ao território? I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, Uberlândia-MG. **Anais**. 2008.

FRIOLI, A.; BONADIO, G.; MATTOS, M.; VIEIRA, R.; OLIVEIRA, S. C.; JOB, V. R. **O tropeirismo e a formação do Brasil**. Sorocaba, 1984.

GOMES, I. A. **ESPACIALIZAÇÃO DOS SOLOS DO FAXINAL TAQUARI DOS RIBEIROS: uma abordagem etnopedológica utilizando geotecnologias**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2008.

GUTIÉRREZ, H. Donos de terras e escravos do Paraná: padrões e hierarquias nas primeiras décadas do século XIX. **História**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 100-122, 2006.

HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. **Geographia**, Niterói, v. 1, n. 1, 1999.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

IANNI, O. **As metamorfoses do escravo**. São Paulo: Hucitec, 2. ed., 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico: populações e habitações; Censo agrícola, comercial, industrial e de serviços do Paraná – 1940. Parte XVIII, Rio de Janeiro: IBGE, 1951.

_____. Censo Demográfico e Econômico do Paraná – 1950. Vol. XXVI, Rio de Janeiro: IBGE, 1955.

_____. Censo Agrícola Paraná e Santa Catarina – 1960. Vol II, Tomo XII, 2ª parte, Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

_____. Censo Agropecuário do Paraná – 1970. Vol III, Tomo XIX, 2ª parte, Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

_____. Censo Agropecuário do Paraná – 1970. Vol I, Tomo XVIII, 2ª parte, Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

INSTITUTO FLORESTAS TROPICAIS. **Levantamento dos Faxinais no Paraná**. Prudentópolis, 1994. (mimeo).

LANGER, P. P. **Conhecimento e encobrimento: o discurso historiográfico sobre a colonização eurobrasileira e as alteridades étnicas no sudoeste paranaense**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, Maringá-PR, v. 11, n. 3, p. 71-93, 2007.

LICCARDI, L.; SOBANSKI, A.; CHODUR, N. L. O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba-PR, n. 54, p. 41-49, 2004.

LOVE, J. L. **O Regionalismo Gaúcho**. São Paulo, Perspectiva. 1975.

LÖWEN SAHR, C. L.; CUNHA, L. A. G. Sistema Faxinal: caboclos entre a Idade Média e a Pós-modernidade. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. São Paulo: USP. **Anais**, CD-ROM, 2005.

_____. povos tradicionais e territórios sociais: reflexões acerca dos povos e das terras de faxinal do bioma da mata com araucária. In: **III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005**. Anais.

LUXEMBURG, R. **A acumulação do capital**. São Paulo: Nova Cultural: Coleção Os Economistas, 1985.

LUZ, A. Á. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 1999.

MAACK, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, CODEPAR, UFPR, IBPT.

MACHADO, B. P. **Sinopse da História Regional do Paraná**. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. 1951.

MARQUES, M. I. M. Agricultura e campesinato no mundo e no Brasil: um renovado desafio à reflexão teórica. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (orgs.) **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 49-78.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o Sistema Faxinal no estado do Paraná**. Guarapuava: IAP, 2004.

MARTINS, J. S. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

MARTINS, R. **História do Paraná**. 3ª Ed., São Paulo: Guairá. s/d.

MARTINS, R. **História do Paraná**. São Paulo: Guairá. 1926.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual da história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MIGLIORANZA, C. As elites passo-fundenses e sua relação com o poder após a proclamação da República: 1889 – 1893. In II Seminário de História Regional da Universidade de Passo Fundo. **Anais**, p. 1-10, 2007.

MONTEIRO, D. T. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MONTEIRO, M. J. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MORADORES DE ÁGUA CLARA. **Distrito de Água Clara** [ago. 2009]. SCHUSTER, W. T. Irati/PR: Distrito de Água Clara. 2007. mp3.

MORADORES DO FAXINAL. **Faxinal do Saudade Santa Anita** [ago. 2007]. SCHUSTER, W. T. Turvo: Faxinal Saudade Santa Anita. 2007. mp3.

_____. **Faxinal do Salso** [jul. 2009]. SCHUSTER, W. T. Quitandinha: Faxinal do Salso. 2009. mp3.

_____. **Faxinal Taquari dos Ribeiros** [ago. 2009]. SCHUSTER, W. T. Rio Azul/PR: Faxinal Taquari dos ribeiros. 2009. mp3.

MORADORES DO FAXINAL PARALISADO. **Faxinal do Taquari Água Clara** [ago. 2009]. SCHUSTER, W. T. Rio Azul/PR: Faxinal do taquari Água Clara. 2009. mp3.

NERONE, M. M. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal**: Rebouças – 1950 -1997. Assis, 2000. 286 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.

NOELLI, F. S.; MOTA, L. T. Índios, jesuítas, bandeirantes e espanhóis no Guairá nos séculos XVI e XVII. **Revista Geonotas**, Maringá, v. 3, n. 3, p. 1-6, 1999.

OLIVEIRA, A. U. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. 1ª Ed. São Paulo: Labur Edições, disponível: <http://fflch.usp.br/dg/gesp>, 2007.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição e a instituição do ser travesti em Ponta Grossa - Paraná**. Ponta Grossa, 2008, 160 p. Dissertação (Mestrado em Gestão do território) UEPG.

PADIS, P. **Formação de uma economia periférica**: o caso do Paraná. Curitiba/São Paulo: Hucitec/SECE, 1981.

PAZ, F. História e cotidiano: a sociedade paranaense do século XX na perspectiva dos viajantes. **História**; questões e debates. Curitiba: UFPR/Depto de História, v. 8, n. 14-15, p. 3-44, jul./dez., 1987.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v.5, 10, 1992.

QUEIROZ, M. V. de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do contestado: 1912-1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RIBAS, R. O. **tropeirismo e escravidão**: um estudo das tropas de café das lavouras de Vassouras 1840-1848. Curitiba, 1989, 395p. dissertação (Mestrado em História) – UFPR.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método. 1977. Disponível em: www.arq.ufsc.br/urbanismoV/artigos/artigos_sm02.pdf.

_____, M. **Técnica, Espaço, Tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec. 1994.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1996b.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território** n. 6. Rio de Janeiro: UFRJ. 1999.

SANTOS, Z. M. **Visconde de Guarapuava:** um personagem na história do Paraná. Curitiba, 2005. 212 p. Tese (Doutorado em História) – UFPR.

SILVA, M. **A Contribuição de Florestas de Araucárias para a Sustentabilidade do Sistemas Faxinais.** Curitiba, 2005. 122 f. Dissertação de Mestrado.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, R. M. **Transformações Econômicas e Sociais e Trajetória na Agricultura Familiar:** Estudo de caso sobre a desconstrução da autonomia Familiar no Faxinal Saudade Santa Anita, Turvo – PR. Santa Maria, 2001. 135 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) UFSM-RS.

SUPRINYAK, C. E.; RESTITUTTI, C. C. **Os muares e as minas:** relações entre a demanda mineira e o mercado de animais de carga nos séculos xviii e xix. 2006. Disponível em: https://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A034.pdf

TAVARES, L. A. **Campesinato e os faxinais do Paraná:** as terras de uso comum. São Paulo, 2008, 755 p. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH, USP.

TEXEIRA, R. A. **Formosa:** Portal do Nordeste Goiano ou Pólo Regional no Entorno de Brasília. 2005. 155 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – IESA, UFG.

THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. (197-216).

WACHOMICZ, R. **O camponês polonês no Brasil.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1985.

_____. **História do Paraná.** 9ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná. 2001.

WAIBEL, L. Princípios da colonização européia do sul do Brasil. In: **Capítulos de geografia tropical e do Brasil.** 2ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979, p. 225-277.